



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA-PPGEDUC  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

**BENEDITA MARILDA FERREIRA CALDAS**

**A VIDA COMO TRAVESSIA: METAMORFOSES DE  
ALFREDO NAS NARRATIVAS DALCIDIANAS.**

**BENEDITA MARILDA FERREIRA CALDAS**

**A VIDA COMO TRAVESSIA: METAMORFOSES DE  
ALFREDO NAS NARRATIVAS DALCIDIANAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/UFPA– Cametá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestrado em Educação e Cultura no PPGEDUC.

Orientador: Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda.

**BENEDITA MARILDA FERREIRA CALDAS**

**A VIDA COMO TRAVESSIA: METAMORFOSES DE  
ALFREDO NAS NARRATIVAS DALCIDIANAS.**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda  
PPGEDUC/ Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura  
Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá  
Orientador

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo  
PPGL/ Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal Para/ Belém  
Examinador Externo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gilcilene Dias da Costa  
PPGEDUC/ Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura  
Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá  
Examinador Interno

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Cezar Luís Seibt  
PPGEDUC/ Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura Campus  
Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá  
Examinador Interno

PPGEDUC/UFPA – Cametá  
2018

Dedico à Vida e à Família.

O homem é uma corda, atada entre o animal e  
o super-homem – uma corda sobre o abismo.  
Um perigoso para - lá, um perigoso a caminho,  
um perigoso olhar-para-trás, um perigoso  
estremecer e se deter.  
Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não  
um objetivo: o que pode ser amado, no  
homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*.  
(NIETZSCHE, 2011, p. 16)

## AGRADECIMENTOS

Aos doze anos de idade, saí da casa de meus pais, no interior de Cametá, para dar continuidade aos estudos. Na bagagem, além das roupas, vinha um grande desejo, o desejo de formação, que inclusive justifica-se na introdução deste trabalho, devido ser tocada pelo desejo de formação do personagem Alfredo. Posteriormente, projetada num horizonte de formação, que via no futuro o estudo como utilidade, concluí o ensino fundamental, mas logo percebi que ele não era o suficiente. Foi então necessário continuar o Ensino Médio, pois o foco agora era a graduação almejando um cargo público. Além desses objetivos, outros foram projetados e realizados, sempre na crença de que a concretização deles faria sentido na minha existência. Nessa trajetória, foram inevitáveis os sofrimentos e frustrações, a que estamos sujeitos quando nos projetamos rumo ao desconhecido. Era como se minha vida fosse constituída por cada objetivo, por cada etapa que deveria ser concluída com sucesso para que, enfim, gozasse da felicidade plena, que tanto buscamos no futuro. Nessa trajetória de formação, eu diria que as noites de angústias são incontáveis, porque os desejos brotam a cada dia, tornando insaciáveis na medida em que exigem esforços e concretização. E foi assim que cheguei ao curso de Mestrado em Educação e me deparei com uma rica experiência, a experiência de *vida e educação* devidamente articuladas, pois no curso tive contato com pessoas, que me permitiram compreender a existência a partir de uma perspectiva que até então eu não conhecia, e pude – por meio dessa experiência – compreender que a vida não é uma meta a ser alcançada, mas que, pelos encontros e experiências, constituímos nossa existência.

Seria necessário fazer essa contextualização, porque meus agradecimentos são dirigidos ao *encontro* com meu orientador Dr. José Valdinei Miranda, porque, através das leituras nietzschianas indicadas, da proposta de pesquisa sugerida e das longas manhãs de orientação, pude compreender minha própria vida. Afetada por essa experiência, compreendi que também faço parte dessa “modernidade decadente”, que atribui um objetivo à vida e se perde na irrelevância das coisas. Foi nessa experiência que me compreendi enquanto um espírito em suportaçã, carregada de pesos, de sofrimentos, de resistências e de superação. Foi nessa experiência que compreendi meus momentos de rebeldia, que antes eu não pensava como forças de um espírito que queria se afirmar diante de algo e foi aqui que me encontrei como a criança que esqueceu o trauma de seus estudos para vivenciar e contar uma nova experiência.

Os agradecimentos de um trabalho são momentos de externar nossa gratidão, àqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do mesmo. Por isso, faço meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Dr. José Valdinei Miranda, pelo profissionalismo com que conduziu a orientação do trabalho e, principalmente, pela oportunidade de experimentar momentos de aprendizados, não só para a realização do mesmo, mas, sobretudo, os aprendizados de vida e de educação.

Aos meus oito irmãos pelo apoio e incentivo nessa trajetória, aos meus queridos sobrinhos por me envolverem em seus mundos de criança, inocência e esquecimento, quando a vida se torna árdua demais. E, claro, meus agradecimentos aos meus queridos pais, por nunca desistirem de nos proporcionar condições para nossa formação. Agradeço ao Sr. Benedito Pontes e D. Maria Antônia, reforçando os agradecimentos da graduação de que aqui soma mais um dos frutos dos esforços de vocês.

Aos meus amigos e colegas, obrigada pelo apoio e aprendizado no encontro com vocês.

Às professoras Dr<sup>a</sup>. Gilcilene Dias da Costa e Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste, muitíssimo obrigada pelo contato afetoso, que tornou esse momento mais doce, prazeroso e também rico de aprendizado.

Enfim... Obrigada, Deus, por tudo!

## RESUMO

A pesquisa intitulada “A vida como travessia: metamorfoses de Alfredo nas narrativas dalcidianas” visa analisar o personagem Alfredo nas narrativas *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) e *Três Casas e Um Rio* (1994) do escritor paraense Dalcídio Jurandir. Em diálogo com essas obras, esta dissertação pretende extrair das narrativas percursos, cenários, encontros, experiências e construir, por meio de um trabalho interpretativo, pontos de conexão entre a vida de Alfredo e a filosofia de Friedrich Nietzsche, especialmente a transmutação do espírito na passagem “Das Três Metamorfoses do Espírito”, presente na obra *Assim falou Zaratustra* (2011). Nesse sentido, a pesquisa se deteve em aspectos que denotam Alfredo enquanto um espírito em suportaçãõ em meio a problemas sociais devido à pobreza de Cachoeira, ao desejo de viagem e estudo não realizado, à morte dos irmãos, ao paludismo e, principalmente, ao conflito étnico racial que lhe envolvia. Nessa análise interpretativa, foi possível também identificar Alfredo enquanto um espírito de repulsa frente às imposições e regras, assim como o espírito desbravador diante do pulsante desejo de viver e conhecer mundos não só por meio de relatos de viajantes, mas também em aventuras vividas nas proximidades de Cachoeira. Se, por vezes, a vida de Alfredo estava pesada demais, seu deleite vinha nas brincadeiras com o carocinho de tucumã, nas quais o menino realizava a vida que desejava com inocência e criação de uma vida inventada. Essa análise evidencia a trajetória desse personagem permeado de conflitos existenciais, que o afetam em seu modo de suportar o peso da existência e de superar seus problemas, enfrentando os obstáculos, desbravando mundos e reinventado a vida como arte criativa na pequena vila de Cachoeira. No bojo dessa discussão, nasce o desafio de transitar entre filosofia e literatura, com o propósito de pensar a vida como travessia a partir das metamorfoses de Alfredo nas narrativas dalcidianas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Travessia. Alfredo. Metamorfoses. Dalcídio Jurandir.

## ABSTRACT

The research titled “A vida como travessia: metamorfoses de Alfredo nas narrativas dalcidianas” aims to analyze the character Alfredo in the narratives *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) and *Três casas e um rio* (1994) by the writer from Pará Dalcídio Jurandir. In dialogue with these works, this dissertation intends to extract from the narratives the paths, scenarios, encounters, experiences and construct, through an interpretative work, points of connection between Alfred's life and Friedrich Nietzsche's philosophy, especially the transmutation of the spirit in passage “The Three Metamorphoses”, present in the work *Thus spake Zarathustra* (2011). In this sense, the research focused on aspects that denote Alfredo as a spirit in support in the midst of social problems due to the poverty of Cachoeira, the desire for travel and unrealized study, the death of the brothers, malaria and, mainly, conflict ethnic background. In this interpretive analysis, it was possible to identify Alfredo as a spirit of repulsion against impositions and rules, as well as the pioneering spirit in the face of the pulsating desire to live and to know worlds not only through travelers' reports but also in adventures lived nearby of Waterfall. If, at times, Alfredo's life was too heavy, his delight came in the playfulness of the tucumã carocinho, in which the boy fulfilled the life he desired with innocence and the creation of an invented life. This analysis shows the trajectory of this character permeated by existential conflicts, which affect him in his way of bearing the weight of existence and of overcoming his problems, facing the obstacles, unfolding worlds and reinventing life as a creative art in the small town of Cachoeira. In the heart of this discussion, the challenge of moving between philosophy and literature arises, with the purpose of thinking about life as a crossing from the metamorphoses of Alfredo in the Dalcídio Jurandir's narratives.

**KEYWORDS:** Education. Alfredo. Crossing. Metamorphosis. Dalcídio Jurandir.

## SUMÁRIO

<b>UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>11</b>
<b>I - INFÂNCIA E O PESO DA EXISTÊNCIA: ALFREDO E O ESPÍRITO DE SUPORTAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>II. UM ESPÍRITO LIVRE E INDOMÁVEL: ALFREDO E A CORAGEM DE DESBRAVAR MUNDOS.....</b>	<b>43</b>
<b>III. INOCÊNCIA, ESQUECIMENTO E CRIAÇÃO: ALFREDO UMA VIDA INVENTADA.....</b>	<b>63</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>85</b>

## UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.

Confesso que meu primeiro contato com a obra de Dalcídio Jurandir foi tardio, minhas primeiras experiências de leituras foram orais, estórias que o pai, conta, que a mãe conta, que o povo conta. Inserida numa cultura familiar que não incentivava o hábito de leitura, do ponto de vista de uma leitura escrita e de um sistema educacional, que estratificava o ensino, fui privada do que não sei dimensionar, nessa trajetória de formação fui levada ao desencontro de muitas leituras.

O encontro com a obra de Dalcídio Jurandir *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) veio de uma indicação durante a jornada acadêmica no curso de mestrado, por alguém que me incentivou a conhecer e a evidenciar as obras dalcidianas, dada a importância das narrativas para a história política e social dos ribeirinhos amazônidas, história na qual estou inserida, e que revela principalmente a história de um menino que desejava sair de sua terra natal, por não lhe dar condições de prosseguir os estudos, desejo esse que esbarrava nos meus próprios desejos de infância. Seria esse um segredo somente meu? Convencida pelo convite tentador, mergulhei inicialmente na leitura de *Chove nos campos de cachoeira* (1991). E logo me questioneei. Com que propriedade Dalcídio revelava nuances de minha vida naquela narrativa?

Entre questionamentos e emoções, fui fisgada naquela leitura por uma escrita literária densa, sensível e atenta aos detalhes, aos sujeitos e às suas vidas. Naquela obra, estavam histórias e personagens tão íntimos meus, que, envolvida no embalo da leitura, não sentia o tempo passar. Era como se naquele momento o mistério da leitura e a grandeza da escrita literária compusessem um encontro intenso entre leitor e obra. Isso produziu em mim uma experiência de leitura pela qual eu já estava seduzida e entregue completamente.

À medida que avançava na leitura da obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, percebia que não era somente o desejo do pequeno menino que me arremessava para aquela realidade literária, sendo capaz de reviver os pormenores de uma infância dentro daquele deleite de leitura. Além desta experiência, outras questões mais complexas, de ordem social referentes à realidade amazônica, refletiam em mim com a fidelidade de um espelho que nos ensina a perceber e descobrir algumas de nossas misteriosas dimensões.

A entrada no curso de mestrado, com demanda para a filosofia e literatura articulados ao campo educacional, dava a oportunidade de evidenciar essa história que, por ora, pensei ser somente minha, mas que Dalcídio Jurandir revelava que era a história de muitos sujeitos da

Amazônia: Alfredo, um personagem descrito na sua vida singular, múltipla e coletiva ao mesmo tempo. Nessa experiência de formação, a literatura de Dalcídio me incitava a conhecer seu “*Extremo Norte*”. Nessa busca, entrei em contato com outras obras de Dalcídio e realizei a leitura de *Três Casas e um Rio*, (1994) que estabelece uma sequência com *Chove nos Campos de Cachoeiras* (1991) e nelas podemos acompanhar os momentos da saga do personagem Alfredo, ainda na infância, para realizar seu desejo de estudar no colégio da Capital.

A necessidade de trazer um trabalho diferenciado para o acervo de pesquisas já desenvolvidas sobre a literatura dalcidiana – bem como para os estudos literários –, que atendesse às exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/UFPA), deu-se pelas reformulações do projeto nas disciplinas Seminários de Dissertação I e II, que culminou na proposta: *A vida como travessia: metamorfoses de Alfredo nas narrativas dalcidianas*, com base em *Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio*.

Apesar dos inúmeros trabalhos de pesquisas acadêmicas já realizadas nas narrativas de Dalcídio Jurandir, a sugestão para uma nova abordagem que se diferencie das demais demonstrou o leque de possibilidades que elas ainda oferecem enquanto fonte de conhecimento. Construir um olhar na perspectiva de compreender o homem numa marcha a si próprio, em meio às transformações no seu processo de construção a partir do personagem Alfredo, talvez seja o grande desafio desta pesquisa, um pensamento perturbador, mas que merece destaque e devida atenção. Nesse sentido, analisar o personagem Alfredo em metamorfoses, na tentativa de compreender seu processo de construção, incita questionar: de que forma Alfredo rumina as questões que lhe afligem? Como o pequeno menino suporta os pesos de sua existência? De que modo Alfredo enfrenta seus dilemas familiares, educacionais e existenciais? É possível identificar em Alfredo um espírito de criação e invenção, caracterizado por Nietzsche como o espírito da criança?

Em meio a esses questionamentos, procurei defender a necessidade de evidenciar esse trabalho, pois compreendo que as obras de Dalcídio Jurandir são relevantes, porque nelas encontramos a imagem da vida humana em uma comunidade de indivíduos, e ainda, a imagem do sujeito permeado de indagações sobre a sua existência dentro de uma literatura, que se constitui ao mesmo tempo enquanto amparo e desassossego, nos ajudando a pensar e compreender a vida humana em seus dilemas e processos de construção.

Um aspecto relevante desta pesquisa diz respeito ao fato que, dentre os inúmeros trabalhos relacionados à literatura de Dalcídio, poucos são os que enfatizam a vida, os sujeitos

e seus processos de travessias e aprendizagens. No que se refere à definição da obra *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991), Pantoja (2006) fez um levantamento bibliográfico sobre trabalhos na narrativa de Dalcídio e constatou que há mais de sessenta nomes, entre pesquisadores críticos e literários, jornalistas e escritores que ajudaram a construir discursos e olhares sobre a obra do escritor paraense.

Com base nesse estudo, podemos citar três tipos de classificação em que a obra é observada. A primeira diz respeito a um olhar crítico aos aspectos e elementos regionais, folclóricos e documentais da obra. Na segunda classificação, encontram-se os trabalhos que revelam uma perspectiva da técnica da obra, os procedimentos narrativos e as estéticas da linguagem dalcidiana. Já na terceira, e essa por vez bem escassa, encontram-se os trabalhos que enfocam o elemento propriamente humano das obras, com seus desejos, percursos, transformações, dilemas e dramas da existência.

Esta perspectiva de abordagem está presente não só em *Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio*, mas em todo o ciclo romanesco de Dalcídio intitulado de *Extremo Norte*: “o homem perante o universo natural e citadino num diálogo dramático, que a progressiva tomada de consciência dos problemas sociais aguça, eis, em síntese, a substância desse ciclo torrencial, apaixonada, estante de vida e movimento” (MOISÉS, 1989, p. 251).

Além disso, embora as narrativas sejam consideradas muito ricas nos aspectos históricos, linguísticos, sociais, políticos e culturais, elas ainda hoje permanecem despercebidas até mesmo por nós que fazemos parte desta cultura amazônica, mas não temos conhecimento das obras e dos escritores de nossa própria região. Inclusive, em muitos casos, podemos perceber no âmbito acadêmico nacional e local a desatenção com o autor marajoara. Outro fator relacionado às narrativas dalcidianas é que são romances que nos propõem diversas possibilidades de análise e interpretação. Uma leitura desatenta, ou até mesmo uma leitura que não abra espaço para enxergar as diversas proposições que Dalcídio nos oferece, pode eliminar as possibilidades de sentido que suas linguagens e seus personagens nos proporcionam a pensar.

Por isso, buscamos o reconhecimento delas, porque são obras que, mesmo situadas em um período de tempo, são “obras extemporâneas” pela densidade e riqueza de questões por elas lançadas ao pensamento e que, ainda hoje, nos oferecem muitas possibilidades de leitura, análise e entendimento para a nossa própria compreensão como sujeitos inseridos num contexto político e socioeducacional. São obras literárias que convidam a pensar, dentre outras coisas, as infâncias vivenciadas, a condição do homem e os dilemas que envolvem sua

existência. Nesse sentido, buscamos, entre proposições e desassossegos, aprofundar o estudo e ampliar o olhar numa perspectiva filosófica da existência para o elemento humano nas narrativas com enfoque para a vida de Alfredo enquanto travessia. Isso se constitui como um fato desafiador, mas que vislumbra a especificidade de uma pesquisa ainda não desenvolvida sobre a obra de Dalcídio.

No desejo de desenvolver essa discussão, procurei construir a pesquisa de Dissertação, cujo intuito é analisar o personagem Alfredo, através das narrativas *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) e *Três Casas e Um Rio* (1994). Em diálogo com essas obras, a pesquisa pretende extrair das narrativas percursos, cenários, encontros e experiências, estabelecendo pontos de conexão entre a vida de Alfredo e a filosofia de Friedrich Nietzsche, especialmente a transmutação do espírito na passagem “Das Três Metamorfoses do Espírito”, presente na obra *Assim falou Zaratustra* (2011). Procura ainda evidenciar a trajetória desse personagem permeado de conflitos existenciais, que o afetam em seu modo de suportar o peso da existência e enfrentar os obstáculos, desbravando mundos e reinventando a vida na pequena vila de Cachoeira.

Tomar o pressuposto filosófico de Nietzsche “Das Três Metamorfoses do Espírito” para analisar Alfredo é traçar um percurso por meio de seus anseios, experiências, desejos e caminhos, e buscar compreendê-lo a partir das forças que mobilizam seu pensar na infância, permitindo a ele tornar-se o que é ou, pensando como Tarzia (2011, p. 148), “sugerir uma viagem histórica que desterre o sujeito de seu próprio solo. Não se trata de reencontros de buscar uma identidade, mas uma arte de viajar e transmutar o ‘eu’ em ‘vir a ser’”. Comungando da filosofia nietzschiana, Tarzia (2011) considera analisar o homem como travessia, o sujeito em constante transmutação na arte que é viver e “vir a ser”.

Ao analisar a vida humana, Nietzsche. em sua filosofia. conceituou o “vir a ser” como condição da existência, alegando que o homem está em constante processo de mudanças, reinventando-se, transformando-se, transmutando-se. Isso seria, portanto, uma metamorfose no próprio eu do homem. Inicialmente, no prólogo de *Zaratustra*, Nietzsche alude indícios significativos da metamorfose e, devido ao processo de metamorfose, o homem torna-se um sujeito em travessias, “o homem é uma ponte e não um fim: declarando-se bem aventurado por seu meio dia e entardecer, com caminhos para novas auroras” (NIETZSCHE, 2011, p. 189). Os caminhos para novas auroras são possibilidades de trajetórias, que permitem ao homem avançar sua direção no curso da vida, reinventar-se, transmutar seu espírito e seu próprio eu.

Quando Nietzsche diz que “Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*” (2011, p. 16), o filósofo não se refere ao ser estável, fixo, imóvel. Pelo contrário, diz daquele que se eleva o homem que se transforma e, ao se transformar, provoca a passagem, travessias na sua existência, que conduz para um “vir a ser”, pois a concepção nietzschiana do homem como ponte indica uma ideia de que somos essa possibilidade de travessia em nós mesmos, ou seja, transformamo-nos a cada aprendizado, a cada experiência que nos passa.

Nessa perspectiva Nietzscheana, a vida humana não é definida com caminhos traçados, destinos definidos, fins a alcançar, metas estabelecidas, mas um “vir a ser” em seu percurso de vida, como ponderou Bacelar (1996). Pensar a existência humana é pensar o real sob as ideias de mudança, de metamorfose, de diversidade impossível de fixar, de afirmar a diferença, a dessemelhança, o díspar, o múltiplo, o vir a ser e o acaso (BACELAR, 1996, p. 35). Ressaltamos, ainda, que não se trata simplesmente de um estudo que tem como base de investigação o eu sólido e imutável do homem em sua existência, isso porque “Nietzsche repudia a ideia espúria de um eu fixo e estável.” (DIAS, 2015, p. 236), trata-se, pois, do homem em movimento de transmutação, que se reinventa e se supera.

Levando em consideração essa concepção da vida como travessia, pensada por Nietzsche, nos perguntamos: como caminhar com Alfredo na tentativa de entender a transformação deste menino em meio a um mundo cheio de regras que determinam a existência humana? Ou então, de que forma podemos identificar as metamorfoses de Alfredo em suas travessias da infância? Qual seria, portanto, como diria Nietzsche, o “sopro criador” que impulsiona a coragem de afirmar a vida a este menino? Ou ainda, que forças operam nele triunfando seu espírito?

Trazer estes questionamentos em torno de Alfredo é tentar construir um novo olhar sobre o personagem, analisando não somente aquele que vive contornado de problemas sociais, raciais e existenciais, mas observando de que forma ele potencializa seus desejos, dores e fantasias, em transformação criativa capaz de afirmar a vida como criação e aprendizado. Diante disso, na companhia de Nietzsche, podemos pensar a vida na perspectiva da arte, não necessariamente a arte contemplativa dos pintores e escultores, mas a arte criadora de esculpir-se por meio da invenção que dá sentido ao mundo real. Através da criação e da invenção, o próprio homem é artista de sua existência.

Em *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo* (1992), o jovem filósofo já dizia “estar convencido de que a arte é a tarefa suprema e a atividade propriamente

metafísica desta vida” (NIETZSCHE, 1992. p. 26). É por meio dela que se criam os fenômenos estéticos da existência e desse fenômeno a interpretação da realidade. Esse pensamento de Nietzsche está ligado à ideia da vida como elemento estético e a arte seria a composição deste elemento, onde criação e invenção dão reais sentidos à existência.

Conforme Dias (2015), esse pensamento nietzschiano de vida na perspectiva da arte presente em *O Nascimento da Tragédia*, sobretudo na perspectiva da tragédia grega do que ele mesmo considerou de “impulsos artísticos da natureza”, estão pautados numa ordem racional influenciada não pela filosofia socrática platônica ou aristotélica, mas por uma cultura anterior em que os deuses gregos eram fontes de compreensão da vida por suas infinitas possibilidades (DIAS, 2015, p. 227-228). Apolo e Dionísio são tomados por ele para explicar a relação de vida como arte e como, ao longo da história e da cultura, essa dimensão da vida artística se perdeu, principalmente pela ênfase dada aos aspectos Apolíneos em detrimentos do Dionisíaco.

A partir das figuras de Apolo, deus do sol e das artes e Dionísio, deus do vinho e dos impulsos, Nietzsche se apropria dos conceitos de Apolíneo e Dionisíaco como forças criadoras que, mitologicamente, representaram impulsos antagônicos, enquanto o primeiro versa para a representação da harmonia, beleza e racionalidade, o segundo era guiado pela força dos instintos e da embriaguez pela arte criativa. Assim, a vida apresentava sentidos antagônicos, mas que se complementavam.

Segundo Nietzsche, a imitação da natureza pelos gregos permitia a eles o transitar artisticamente entre o sonho (Apolo) e a embriaguez (Dionísio), despertando impulsos que se complementavam, uma vez que, enquanto um expressava a harmonia, o outro, o caos, isso fazia com que “os gregos aceitassem a vida tal como ela é bela e trágica, pois tinham a consciência dos aspectos negativos da vida, compreendendo que era da melancolia e da dor que brotava a própria beleza – como no caso das artes” (PAES 2013. p. 146). Nessa inspiração artística da Grécia antiga, expressava-se a arte criadora da vida, os gregos “tornam perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão de arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses” (NIETZSCHE, 1992. p. 27).

A perspectiva de Nietzsche, em sua filosofia de pensar a vida, sobretudo a partir de uma visão da tragédia grega, é reforçada por ele em *A Gaia Ciência* (2001), no aforismo 299 quando pergunta o filósofo: “O que devemos aprender como os artistas”. Ou seja, aprender o viver do homem grego em sua obra de criação e invenção, nessa arte que transborda os limites

das formas, da razão, com sua beleza e embriaguez, permitindo a ele aceitar a vida na sua forma trágica e bela, ou seja, aceitar o destino imprevisível da existência, que Nietzsche defende como o “amor fati”.

Esse retorno que Nietzsche faz à Grécia antiga na “época clássica” é para mostrar o que ele considera vida e a natureza do homem com a beleza e tragédia inerentes à vida, que permitia aos gregos mergulhar artisticamente nas sensações prazerosas e dolorosas. Porém, desde a filosofia Socrático-platônica, ao desvencilhar-se do mito, inaugurou-se uma nova forma de pensar a existência a partir do uso extremado da razão, desconsiderando, assim, a dimensão dionisíaca do ser, que na dor criava e inventava. As filosofias do século XIX deram mais ênfase ao princípio da racionalidade, sobretudo pela metafísica, o que Nietzsche criticou veementemente, a ideia do homem viver por uma meta, acreditando num futuro melhor, e nesse futuro é depositada a esperança de uma vida plena, sem sofrimentos, que leva o homem a buscar incansavelmente seu bem estar, sua plenitude, mas, quando a meta não é atingida, o homem é mergulhado no tédio, num vazio que lhe tira o prazer de viver.

Nos romances de Dalcídio *Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e Um Rio*, o personagem Alfredo vive sob a expectativa de estudar na capital Belém e deposita nesse desejo a sua felicidade, pois sonha em estudar no colégio para futuramente mudar a sua condição de vida, ou seja, sair da pobreza que assola a pequena vila de Cachoeira onde habita. As expectativas de Alfredo por melhores condições de vida nos são compreensíveis quando levamos em consideração que a ideia de um futuro melhor fez parte do pensamento da modernidade.

A vida humana pensada através de métodos racionais implicaria condições para evitar que o erro humano do passado se repetisse futuramente, nesse sentido, promoveria-se um futuro melhor para a humanidade e, conseqüentemente, para a própria existência do homem. A ciência, com seu caráter de proposições e intervenção na realidade, cria um ambiente otimista para o futuro da humanidade e propaga a ideia de progresso, liberdade, igualdade, abundância, entre outros, como necessárias à existência humana para um futuro promissor.

É nesse contexto da modernidade que valores políticos de origem judaico-cristã, baseados na ideia de uma moral absoluta, serão instaurados através do Estado na sociedade, com a pretensão de manter o bem e a ordem entre o homem, que busca alcançar os objetivos definidos pela ciência. A esse conjunto de valores inculcados e repetidos infinitas vezes como verdades eternas e modos de condutas corretas, Nietzsche denominou “moral de rebanho”.

Segundo ele, essa moral é um meio de orientar os indivíduos a privilegiarem o bem-estar em comum para manter a estabilidade da ordem, o que na verdade é uma estabilidade ilusória.

Podemos perceber, especialmente em *Genealogia da Moral* (2009), que Nietzsche dirige sua crítica à moral de rebanho, que, segundo ele, forma a expressão do sujeito de massa sem consciência de sua condição de subordinação, orientados por ideias falsas de bem, onde o dominador impõe seus interesses ao dominado. Nesse conjunto de interesses, a grande massa humana se deixa dominar pela moral de rebanho e, na ausência do pensar, é levada a acreditar no que Nietzsche chamou de “moral de utilidade”, ou seja, um rebanho que, na crença do progresso, acredita na sua utilidade e vê no trabalho a necessidade de ser útil, “o homem de massa é apresentado como a vitória do *animal laborans*, do indivíduo ligado à atividade do labor, a sua subsistência biológica” (KUSKOSKI, 2011, p. 152). Convencido pela moral de utilidade, não resta mais nada para o homem a não ser viver para o trabalho, somente assim ele se sente útil e pertencente à sociedade.

É também nesse contexto que a Revolução Industrial, envolvida numa moral de utilidade, reconfigura literalmente a geografia dos espaços e dos modos de conduta, pois o que se observa no século XIX é a grande massa humana se deslocando para as fábricas, para a cidade em busca de emprego, de melhores condições de vida, porque nelas se propagava a oportunidade e o embelezamento. Esse ideário perpassa o desejo e a saga de Alfredo, uma vez que o menino também sonhava com a cidade grande da Capital e achava que ela o chamava para melhorar sua vida. “Ali estava todo o seu sonho de cidade de bondes elétricos, arraial de Nazaré, Largo da Pólvora, as Lojas de brinquedos, as torres de Malakaf, das senhas vermelhas aquele clarão o chamava” (JURANDIR, 1991. p. 53).

Como um homem do início do século XX, convergido na moral de rebanho e de utilidade, Alfredo tem metas e deseja ir para a cidade estudar, trabalhar para mudar sua condição de vida, no entanto, ao perceber o desinteresse dos pais em organizar sua viagem, o pequeno menino se desespera, e, à medida que o tempo passa e esse desejo não se realiza, ele é mergulhado num tédio, pois não vê sentido para permanecer a vida em Cachoeira e tampouco pode tomar decisões de partir, uma vez que ele é uma criança e está sob a tutela dos pais.

Em razão disso, Alfredo, em determinadas circunstâncias, é afetado por uma solidão e um desânimo que lhe tiram a vontade de viver. Em sua filosofia, Nietzsche destaca a “vontade do nada”, caracterizado por ele como o niilismo, sobretudo porque o tédio se torna rotineiro, provocando o aniquilamento deste homem e despotencializando sua vontade de

viver. Para Nietzsche, o homem, no contexto da modernidade, vive num estado problemático, que seria o niilismo passivo em que sua angústia não se limita simplesmente a sofrer, mas, principalmente, a uma falta de sentido, uma vez que sua dor é justificada no mero querer na vontade de alcançar o bem-estar, aspirando por uma vontade de glória no futuro. Sendo assim, o niilismo é um estado em que o homem perde a vontade de viver, entretanto, para Nietzsche, é justamente no niilismo que se abrem as possibilidades para a transformação do espírito de suportaçã, para o espírito livre, porque o homem angustiado com o peso de sua existência deseja se libertar dos fardos que impedem seu viver livre e, no romance dalcidiano, Alfredo apresenta atos de rebeldia que indicam mudanças em seu espírito de suportaçã.

Essa transformação provocada no niilismo é o que Nietzsche chama de metamorfoses na existência, que, por meio das superaçõs vividas e das mudanças, leva o homem a se transmutar. Assim Nietzsche conceituou essa transmutaçã em Zaratustra. “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão, e o leão, por fim, criançã” (NIETZSCHE, 2011, p. 27). No que se refere ao espírito do camelo, como simbologia a este animal, o espírito do camelo caracteriza o “espírito de suportaçã” do animal homem capaz de conviver numa sociedade cercada de mazelas, obstáculos, conflitos existenciais e suportar todo o peso da existência, aguentar a carga excessiva que representam as ordenaçõs, muitas das quais despotencializam a vida, rebaixando o homem.

Nietzsche destaca a figura do camelo, do leão e da criançã para apresentar a sua concepçã das metamorfoses do espírito. O processo de transmutaçã inscreve-se como uma passagem no homem e é momento significativo para recuperar o que ele considera importante na vida, ou seja, o jogo da criaçã. Para recuperar esse estado, é preciso o ruminar das ideologias, costumes, valores que aprisionam o animal de rebanho. O espírito do camelo, que viveu anos no deserto ao ruminar ideologias e valores, efetua a metamorfose para o espírito do leão, que quer ser livre de imposiçõs e ordenaçõs, mas descobre que, para continuar a viver, não basta ser livre, é preciso criar e inventar através da brincadeira, do jogo e do esquecimento, novos valores para a existência. É a transmutaçã do espírito do leão para o espírito da criançã.

Vale ressaltar que as três metamorfoses do espírito não devem ser pensadas numa perspectiva cronológica, linear e evolucionista, mas como experiências, que permitem a passagem, a transformaçã do homem, as metamorfoses em sua existência. Na perspectiva de metamorfoses do espírito, ela deve ser compreendida como um lugar de travessia, uma ponte

que produz encontros e sensações que resultam em novas experiências e aprendizagem. Importante destacar, também, que não corresponde a uma transformação brusca do homem do dia para a noite valores e ideologias, apreoadas no espírito de suportação, são construções milenares, e para serem modificadas exigem meditação e abdicação de velhos valores. Isso permite o esquecimento do velho e a criação do novo.

Nos primeiros romances dalcidianos, *Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio*, enquanto a viagem do pequeno menino não acontece, Alfredo é levado a suportar o peso da existência de um espírito que diz “tu deves”, pois, como ele ainda é uma criança, não pode tomar suas próprias decisões, seu desejo de deslocamento para a cidade se mantém agregado à vontade e decisão de seus pais. O “tu deves” reina nele como o espírito de suportação, essa experiência representa a condição de Alfredo camelo que Nietzsche diz rumar no deserto da existência.

Mas acompanhar Alfredo nessa trajetória é se perguntar que fardos pesam à existência desse menino, uma vez que, segundo Nietzsche, o espírito de suportação toma para si o peso mais pesado, “todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto” (NIETZSCHE. 2011. p. 27-28). E como estamos falando de um “eu” Nietzscheano em metamorfoses, interessa-nos analisar: como Alfredo atravessa as pontes de sua existência?

E Com base no pensar nietzschiano das metamorfoses do espírito, procuraremos compreender: que forças operam e mobilizam o processo de transformação do espírito de Alfredo? De que modo Alfredo vivencia suas aprendizagens e experimenta essas transformações? Como Alfredo é afetado pelo mundo e o que faz com isso que lhe afeta? Que forças estão em jogo nesse acontecimento de transformação de Alfredo em seu processo de aprendizagem com o mundo? Que novas possibilidades de vida e aprendizagens são criadas nesse processo de metamorfoses? Vários são os questionamentos lançados ao personagem Alfredo pela riqueza e densidade que envolve sua composição literária, encharcada de vida e múltiplas sensações e pensamentos, como também de solidão, angústias, fantasias, desejos, imaginação, inventividade e criação.

Nos romances *Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio*, a idade desse personagem não é revelada por Dalcídio, sequer notamos a comemoração de suas primaveras, sejam elas intencionadas pelo autor ou pelas condições da família, o fato é que não temos a precisa idade de Alfredo e subentendemos a passagem do tempo nas narrativas devido às comemorações cívicas, festividades religiosas, além de outros aspectos relacionados

às lembranças dos personagens. Mas, ainda que o autor nos concedesse sua idade, ela não seria o ponto chave para tocar a sensibilidade de Alfredo e alcançarmos a sua dimensão mais enigmática e criativa para notarmos suas mudanças e crescimento, pois transformações ocorrem não em função da passagem do tempo em si, mas, sobretudo, a partir de conhecimento, reflexão, não conformação com determinadas questões. É por meio desse conjunto de fatores que se produzem sensações e experiências, e as experiências com o outro e com as coisas do mundo por sua vez provocam transformações e aprendizagens. Esse movimento constituído de conhecimento, experiências, transformações e aprendizagens, atribuídos à vida de Alfredo em diálogo com a perspectiva das três metamorfoses do espírito descrito por Nietzsche, é um processo que necessita ser acompanhado em seu contínuo movimento.

Por essa condição de acompanhamento, exigida pelo problema de pesquisa, utilizamos do método descritivo e interpretativo. Nosso caminho de entrada perpassa os campos da filosofia, atravessa os rios da literatura e alça naus para a educação. Com o nosso propósito registrado no diário de bordo, partimos para uma viagem onde o percurso, apesar de inicialmente traçado, não nos garantia o êxito de sua concretização, pois o trabalho descritivo e interpretativo de uma obra literária é esse trajeto de resultado indeterminado. Nos aventuramos a percorrer um caminho imprevisto, tateando as pistas de um método interpretativo de se fazer pesquisa na confluência entre filosofia, literatura e educação. Podemos dizer que a postura hermenêutica interpretativa é capaz de cruzar os labirintos da vida humana, cruzando artérias da sensibilidade e subjetividade, levando o pesquisador para seu território de investigação e permitindo a ele acessar outros territórios num devir constante.

Para nossa investigação, descrição e interpretação é este método que, na geografia do deserto, permite mapear os caminhos de um camelo na labuta com seu fardo, traçar campos alagados ao acompanhar um leão, que caminha balançando sua juba para expulsar os carrapatos, descrever as sensações prazerosas de uma criança que brinca pulando nos banzeiros na enchente de uma pororoca. A interpretação é, portanto, essa perspectiva que inventa novas perspectivas. Em seu percurso compõe pontos de aproximação, intervalos, rupturas, isso faz com que a pesquisa não se prenda demasiadamente em regras e modelos previamente estabelecidos, pois é envolvida por um pensar e fazer em construção que se enche de possibilidades e que prioriza a intensidade dos encontros, a produção dos afetos e o vibrar das novas aprendizagens como pistas para uma investigação.

Desse modo, a leitura “Das Três Metamorfoses do espírito”, descritas por Nietzsche (2011) na obra *Assim Falou Zaratustra*, são pistas de uma experiência de pensamento filosófico apresentado nas figuras enigmáticas de um camelo, um leão e uma criança. Nessa busca, é fundamental a destreza, pois o que está em jogo não são as figuras dos animais em si, mas os movimentos que eles operam e a transformação por que passam. A análise “deve pautar-se numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, com virtualidade” (KASTRUP, 2015 p. 48-49). Nesta pesquisa, isso implica ao pesquisador desenvolver uma maturidade intelectual que permita uma leitura cuidadosa e atenta dos conceitos, bem como uma atenção sensível ao problema de pesquisa levantado em sua investigação. Por sensibilidades aguçadas, seguir as pistas de nosso problema de pesquisa é ser lançado em novos mundos, novos olhares, novos horizontes.

E em novos horizontes, nasce o desafio de transitar entre filosofia e literatura, cujo propósito não seja estabelecer uma camisa de força entre o pensamento filosófico nietzschiano e a literatura dalcidiana, mas de tecer aproximações, pontos de conexões, articulações em suas abordagens, “(pensar e escrever *com* a literatura e a filosofia, e não sobre) como um procedimento que, além de explorar a *transversalidade* e as intercessões entre as diferentes instâncias criativas, concede às mesmas sua singularidade” (PRADO, 2014 p. 45). Ou seja, trazemos um debate que busca construir pontes de acessos, elos de interseções entre filosofia e literatura, através de Nietzsche e Dalcídio, destacando que são áreas de conhecimento não opostas e divergentes, mas que possuem singularidades e abordagens diferentes, que precisam ser levadas em consideração pelo pesquisador no momento do diálogo e análise da pesquisa.

Nosso debate se faz também pela necessidade de evidenciar pesquisas educacionais relacionadas ao pensamento nietzschiano, pois o que se percebe é uma carência dessa abordagem na educação, ao mesmo tempo em que as pesquisas realizadas demonstram a fecundidade do pensamento filosófico de Nietzsche e os desafios para se pensar a educação. Nesse sentido, de acordo com Costa (2014), “o recente avanço de estudos e pesquisas no Brasil, sobretudo orientados por perspectivas filosóficas de inspiração nietzschiana [...] tem provocado desafios e deslocamentos que tencionam os modos convencionais de fazer pesquisa frente a busca de estilo e linguagens capazes de traduzir o pensamento da diferença em sua singularidade”. Como enfatiza a autora, pesquisas dessa natureza constituem-se como desafiadoras, mas é preciso embarcar nessa aventura e colocar em evidência seu potencial filosófico, porque são provocantes e instigam uma experiência do pensar.

## I - INFÂNCIA E O PESO DA EXISTÊNCIA: ALFREDO E O ESPÍRITO DE SUPORTAÇÃO

“Tu deves” é a frase que ordena o espírito de suportação, e nele cabe somente a obediência que vem do “tu deves”, por isso a vida torna-se um peso. “V s me dizeis: a vida   difícil de suportar” (NIETZSCHE, 2011, p. 40-41). O espírito de suporta o do qual fala Nietzsche está relacionado à imagem do camelo, o animal servil, que, em seu próprio deserto assume os pesados fardos e enfrenta as intempéries e adversidades da vida, que caracteriza um espírito de suporta o. O camelo, que anda mansamente no deserto carregado de fardos, é a metáfora que mostra um tipo de “espírito sólido”, ou seja, do homem que em suas próprias costas condensa todo o peso da existência.

Esse espírito está envolvido por uma condi o de conduzir o peso de uma jornada. Mas, apesar de toda a imposi o e transpira o o espírito do camelo, que carrega os fardos da existência,   forte suficientemente e capaz de sustentar as intempéries de uma longa jornada. “E nós - carregamos fielmente o que nos d o em dote, em duros ombros e por ásperas montanhas! E, se suamos, nos dizem: sim, a vida é um fardo!” (NIETZSCHE, 2011 p. 184). Na tentativa de encontrar uma zona de proximidade para o *espírito de suporta o* das metamorfoses do espírito de Nietzsche e a literatura Dalcidiana, percorremos as leituras dos romances dalcidianos, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1991) e *Três Casas e um Rio* (1994). Analisando a trajetória do personagem Alfredo, identificamos nos traços de uma vida aspectos que denotam fardos na existência do pequeno menino:

Voltou muito cansado. Os campos o levaram para longe. [...] A tarde sem chuva em Cachoeira lhe d  um desejo de se embrulhar na rede e ficar sossegado como quem está feliz por esperar a própria morte. Os campos não voltaram com ele, nem as nuvens, nem os passarinhos e os desejos de Alfredo se caíram pelo campo como borboletas mortas (JURANDIR, 1991 p. 2).

Para Alfredo voltar para casa, depois de um longo passeio nos campos, era regressar   própria vida, sentir a angústia de ver os projetos e os desejos regressarem junto com ele, era voltar para aquela mesma vida, carregar o peso de uma vida sempre repetida diariamente sem perspectiva de novidades, mudanças e melhorias. Podemos dizer que Alfredo, por ser uma criança, está ainda subjugado   tutela dos pais e cabe a ele apenas obedecer ao “tu deves”, por isso, ele não pode realizar seu desejo de viagem, travessia e estudo. Somente em pensamento, os campos levam Alfredo para longe, para a sua viagem, para Belém, para o colégio. Suas longas caminhadas faziam dos campos seu alicerce de pensamento e suporta o, um passeio

nos campos fazia Alfredo suportar a dor de ver seus sonhos diluídos no próprio vilarejo como se fossem borboletas mortas. Voltar para casa sem os campos era voltar sem ao menos os desejos.

Essa angústia que invade e envolve Alfredo pode ser descrita a partir de Nietzsche, como os efeitos repugnantes do ideário progressista do homem moderno, que caminha para um futuro promissor, ideias difundidas como valores não só pela religião judaico-cristã, mas, principalmente, pelas ciências e pelo Estado, desde a filosofia socrático-platônica. Esse pensamento que permeou no homem moderno seriam o que Nietzsche chamou de as “ideias modernas”, em *Além do Bem e do mal* (2005). Na concepção nietzschiana, as “ideias modernas” semearam a fé no ideal de progresso, nesse sentido, acreditava-se que a humanidade caminharia para seu desenvolvimento, para seu progresso, mas o distanciamento desse progresso levou o homem a mergulhar no niilismo: “*a crença nas categorias da razão é a causa do niilismo, - nós medíamos o valor do mundo em categorias que diziam respeito a um mundo puramente fictício*”. (NIETZSCHE, 2008, §, 12, p. 33).

Pela hipótese interpretativa de Vieira, “o uso extremado da razão diante da vida nos permite visualizar os sintomas inconfundíveis que prenunciam o surgimento de uma sociedade decadente, de homens doentes e sem vontades, fracos e debilitados no seu modo de ser” (VIEIRA, 2012 p. 11). Não seria contraditório dizer que Alfredo tem grandes vontades, e podemos associar ao desejo de melhorar sua condição de vida, é a vontade de estudar no colégio, morar na capital, mas também são vontades depositadas no futuro e, enquanto elas não se realizam, ele perde a própria vontade de viver, afunda-se no niilismo. Segundo Nietzsche, essa busca incessante por um objetivo no futuro tira dele o sentido do real e do agora, fazendo com que ele se sinta desprezível, vazio, ocioso, perdendo completamente o interesse pela vida no presente, mas alimentando-se de esperança e medo:

A esperança e o medo movem muitos homens. A esperança surge como crença em um mundo sempre melhor. O medo faz as pessoas desconfiarem da novidade, alimenta o temor na ação diante do mundo. A modernidade é um movimento histórico que traz, no seu bojo, a esperança. Há esperança no abandono da superstição, esperança em novas descobertas, esperança na maioridade e na independência dos homens. Ao mesmo tempo em que a esperança apresenta a novidade, o medo sufoca e instala a covardia, anula a ação e suspende a expansão das potencialidades humanas. O sentimento de medo impele nas pessoas uma permanência e a espera de um destino, de um futuro próspero, repleto de comodidades e certezas [...] o homem moderno é trespassado por esses dois sentimentos, a esperança de encontrar o âmago das coisas e o medo de que ele não exista (VIEIRA, 2012 p. 10).

Supondo que Alfredo, inserido nesse contexto, é duplamente envolvido pelo sentimento da esperança e do medo, a esperança de independência na maioridade, que Vieira destaca, talvez esteja associada ao grande desejo de Alfredo de estudar e morar na capital. Os ideais de Alfredo estavam longe de Cachoeira, ele desejava estudar num colégio, morar em Belém. Quando estava nos campos, sentia que o clarão da cidade o chamava, longe da cidade o pequeno menino se recolhia à solidão.

Segundo Furtado, a dolorida solidão de Alfredo justifica-se no anseio de evadir-se de Cachoeira, “entediado de tudo, Belém preenche-lhe os vazios d’alma e a sede cosmopolita que o move” (2002, p. 46). Para a autora, a visão de cidade para o menino tem duas faces “uma delas bela, luminosa, próspera e feliz, preenchendo os sonhos de Alfredo; e a outra, pobre, suja, lamacenta, rejeitada por ele, posto ser esta a de suas recordações de uma viagem que para lá fizera com seus pais” (FURTADO, 2002, p. 45). Mas podemos dizer que a cidade feliz, do brilho, da prosperidade era a qual despertava os impulsos do menino, enchendo-lhe as esperanças.

Por isso, nos passeios solitários que fazia nos campos, voltar para casa era também voltar com a dolorosa sensação de não travessia, de desânimo, pelo recuo da própria vida, era se deparar com a mesma rotina, principalmente do pai, Major Alberto, e do irmão Eutanázio, que não ansiavam por mudanças:

Voltar para o chalé era, muitas vezes, ter de olhar na saleta o vulto de Eutanázio sozinho com aquela cara amarrada. [...] Era encontrar Major Alberto folheando os catálogos como se folhassem os próprios sonhos e recuperassem todos os projetos perdidos depois que imprimia os rótulos de cachaça. [...] Voltar para casa era voltar às feridas que apesar de saradas lhe deixaram marcas nas pernas e na nuca. (JURANDIR, 1991 p. 1-2)

Voltar para casa era voltar às feridas, que, embora saradas, lhe deixavam marcas e cicatrizes não só na pele, mas também no seu interior. Alfredo era filho de mãe negra e pai branco, a diferença de cor entre os pais gerava no pequeno menino um conflito étnico-racial, pois Alfredo não se sentia pertencente nem à raça do pai e nem à da mãe, ou seja, não se considerava negro nem branco. Isso é evidente no diálogo de Alfredo com Henrique, um menino balador de passarinhos que insiste em convencer Alfredo a comer um passarinho assado, uma prática comum dos meninos pobres de Cachoeira; nessa conversa, percebemos a confusa aceitação de Alfredo para com sua cor:

\_ O que tu perdes. És um branco... \_ Tua boca é doce para dizer isso... que sou um branco. Tu não vês minha cor? - Alfredo não queria ser moreno mas

se ofendia quando o chamavam de branco. Achava uma caçoada de moleque (JURANDIR, 1991 p. 4).

De acordo com Leal (2008), a questão identitária de Alfredo é algo que provoca nele um sentimento “estranho”, por não se sentir pertencente nem à raça branca nem à negra e se irrita com Henrique por considerá-lo branco. Segundo a autora, o que leva Henrique a considerar Alfredo como branco não era exatamente pela cor de sua pele, mas pela posição social que ele ocupava, “por ser filho de um Major, pelo fato de morar em um chalé, por ter uma alimentação mais adequada e uma educação diferenciada, foi considerado como menino branco, por Henrique” (LEAL, 2008 p. 41-42). Conforme essa mesma autora, quando Henrique afirma “És um branco...”, o menino não se refere exatamente à cor de Alfredo, mas, principalmente, a seus costumes, resultantes de uma pequena diferença de classe entre ambos.

Nesse encontro de Alfredo com Henrique, vimos que a questão racial em Alfredo era também um aspecto perturbador e, quando tocada, era como feridas que se abrem novamente no corpo, provocava nele sentimentos confusos, não somente em relação à sua própria cor, mas, sobretudo, pela diferença da cor entre os pais. Achava estranha essa diferença, mais estranhos ainda eram seus pensamentos quando refletia sobre essa questão:

Quanto ao branco e preto, Alfredo achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta. Envergonhava-se por ter de achar esquisito. Mas podia a vila toda caçoar deles dois se saíssem juntos. Causava-lhes vergonha, vexame, não sabia que mistura de sentimentos e faz de conta (JURANDIR, 1991 p. 4).

Se a saída de Major Alberto e dona Amélia juntos na vila provocaria risadas entre os moradores de Cachoeira, podemos dizer que elas eram puramente preconceituosas, por outro lado, essa imaginação do pequeno menino desperta nele sensações ambíguas, não seriam risadas, mas vexames e principalmente vergonha. Isso nos permite inferir que Alfredo sofria com o preconceito racial, especialmente os direcionados à dona Amélia, que, embora fosse uma boa pessoa com os pobres e necessitados de Cachoeira, prestando seus serviços assistenciais em partos, doenças, alimentos e outros, não deixava de ser alvo de racismo e falácias, como, por exemplo, das conversas maldosas na casa de D. Dejanira.

O fato de uma negra, pobre, mãe solteira, cujo primeiro filho morreu afogado, conviver com um branco, viúvo e funcionário público, era inadmissível por parte da sociedade cachoeirense, já que Major Alberto possuía o título “homens bons” da época. Alfredo sentia que D. Amélia era menosprezada pelas senhoras ricas de Cachoeira, e esse menosprezo vinha pela cor da mãe, por isso, ele, às vezes, se “entristecia um pouco quando via a mãe de Tales

passar, casada, com anel de senhora casada brilhando no dedo. Essas senhoras gordonas e cheias de sedas” (JURANDIR, 1991. p. 144). Ele sentia que essas senhoras olhavam para D. Amélia com certo desprezo.

Alfredo, ainda que criança, percebia que a mãe, por ser negra, era desprezada pelas senhoras ricas, mas não era somente as senhoras ricas que eram preconceituosas com D. Amélia, o que incomodava as pessoas era o fato de D. Amélia ser negra e casada com um homem branco. Essa repulsa social e racial de algumas pessoas de Cachoeira à D. Amélia, que deixava Alfredo triste, pode ser exemplificada também na conversa de D. Dejanira, uma senhora que se esforçava para arranjar um bom casamento para Bitá, sua filha, e tirar desse casamento proveitos que atendessem às necessidades da família. Para D. Dejanira, a relação entre os pais de Alfredo era ilegal e uma afronta à sociedade cachoeirense. Ela se lamentava do azar de Bitá nos seus fracassados noivados, o que, do contrário, melhoraria a situação de miséria da família, sorte mesmo para ela teve dona Amélia, que na sua concepção não merecia esta sorte porque era uma preta, que vivia fora da lei:

Aquela preta passa bem na casa dela. Afronta a sociedade com aquela preta. Uma preta. Rapariga. O que me mete uma raiva é a gente se casar, faz tudo pra manter a virtude da gente e no cabo de tudo, a miséria vem pra cima de nós e não pra cima dos que vivem na amasiagem, fora da lei da sociedade (JURANDIR, 1991 p. 73).

Analisando os romances dalcidianos, percebemos que Alfredo está sempre involuntariamente envolvido na questão racial, provocando nele sentimentos confusos e angustiantes, e talvez pelas injúrias direcionadas à mãe devido à condição matrimonial entre ela e Major, inaceitável pela sociedade Cachoeirense não só pela posição social de Major Alberto como pela raça de D. Amélia, reflete nele de tal modo que Alfredo rejeitasse suas origens, especialmente por parte da mãe. Mas, embora seja uma questão que lhe traga aflições, Alfredo não se nega pensar. Ele busca entender, questionando, discutindo, num processo reflexivo, de modo que chega a uma conclusão importante e a partir dela passa gradativamente a aceitar suas origens.

O autor Augusto Pinheiro Leal, que também faz uma leitura do personagem Alfredo em *Gladiadores de escassas musculaturas* (2013), ressalta que a questão racial era provocante no menino e despertava nele angústias devido à rejeição que a mãe D. Amélia sofria numa sociedade racista, herdada, sobretudo, das relações escravocratas.

Amélia e Alfredo, mãe e filho terão suas ações construídas, em grande parte em torno de suas identidades raciais. O eixo da questão é a angústia de

Alfredo por ter nascido mulato e rejeitar, no princípio, a cor da mãe. A rejeição era motivada especialmente pelos limites à mobilidade social na Vila de Cachoeira devido ao racismo herdado das relações escravocratas e patriarcais (LEAL, 2013 p. 94-95).

Leal destaca que, inicialmente, Alfredo vivia uma crise racial, mas a experiência da noite de São Marçal mudou completamente sua visão a respeito da sua identidade racial, exatamente na noite em que Alfredo foi levado pela mãe para receber no trapiche da vila o boi Garantido. A festa de São Marçal, tradição folclórica que reúne dois elementos da cultura popular, o boi caprichoso e boi garantido, é uma prática cultural que percorre as ruas da vila, os bois-bumbá representados saem de lugares estratégicos para culminar no encontro entre os dois. No percurso, os brincantes dançam, bebem e cantam anunciando a chegada dos bois. Nesse festejo cultural, o pequeno menino foi acompanhando junto à mãe o trajeto, que percorreu as ruas de Cachoeiras, numa mistura de cantos, bebidas e danças. Aquilo tudo para Alfredo era novidade, e naquele movimento ele foi tendo conhecimento daquela cultura que D. Amélia se envolvia com tanta intimidade, e foi daí que ele passou a aceitar, não somente as origens da mãe, mas também a sua:

Alfredo achou esquisito. Afinal pessoa de sua família pertencia também ao “Garantido”.Gazumbá era seu parente. Negro. Negro sem nenhuma atenuante. Sua família perdia-se em fundas e insondáveis origens negras. Dali vinha sua mãe e havia nisso talvez o segredo de seu domínio, de seus repentes, de suas extravagâncias (JURANDIR, 1994 p. 67).

E quando numa súbita atitude de D. Amélia dançando e cantando as mesmas modinhas que cantava para o filho dormir, sai para o meio do salão, o menino inicialmente sente-se constrangido e envergonhado, contudo, “Alfredo percebeu que ela estava no centro das atenções e conduzia a festa como uma liderança respeitada. Por seus conhecimentos lúdicos e mágicos, entre os brincantes de boi-bumbá” (LEAL, 2014, p. 105). Ao perceber que a plateia em volta de D. Amélia se envolvia emocionadamente nas cantigas e danças, ele começa a se orgulhar da mãe, e esse orgulho transborda quando D. Amélia, aplaudida ao som do maracá, relatava as histórias de luta e de vivências daquela cultura de que ele também fazia parte:

Alfredo viu na mãe os olhos cheios de lágrimas. Sua existência passada nas ilhas. [...] No silêncio em que ela terminou, uma mulher, comovida lhe deu um lenço e carinhosamente lhe conduziu para um banco. Situba disse alto: - É isso isto mesmo, o rio seca quando a mãe, a cobra grande, vai embora. A um canto, só, Alfredo é que entendera todas as palavras (JURANDIR, 1994 p. 72).

Especialmente no aspecto racial podemos dizer que Alfredo outrora sentia receios de ser filho de uma mãe negra, sobretudo porque o menino presenciava a discriminação racista sofrida por D. Amélia, mas, a partir dessa noite de São Marçal, o menino começa a ter uma nova percepção da mãe, seu pertencimento cultural em meio àqueles povos que a reconheciam como uma mulher especial, percepção essa que inclusive desperta nele orgulho, pois foi a partir daí que Alfredo viu o quão belas eram as histórias e vivências de seus antepassados, que D. Amélia no meio do salão reproduzia nas cantigas.

Alfredo, nessa interpretação após muitas reflexões, desprende certas aflições preconceituosas. Por meio de experiências vividas, e envolvido por pensamentos sobre sua vida e condição de sua mãe, foi capaz de se colocar em movimento de revisão de seus valores. A experiência da ruminação sobre sua conduta e pensamento abre a possibilidades de uma nova forma de compreensão das questões raciais com sua mãe, uma vez que, Alfredo sentia-se envergonhado por ser filho de uma mulher negra e sofria com preconceito da sociedade cachoeirense direcionado para D. Amélia. No entanto, na noite de São Marçal algo de novo acontece com Alfredo, uma experiência de encontro com a tradição da cultura negra provocou-lhe uma mudança. Ele se depara com a força da cultura afro-brasileira, D. Amélia e as pessoas que ali estavam representavam com cantos e danças elementos da cultura popular negra e indígena. Alfredo viu que naquele grupo a mãe era respeitada e admirada pelas suas histórias de vida e de resistência, isso produz mudanças no espírito do menino.

Afetação e ruminação, são produtores de transformações. Ruminar é um aspecto que Nietzsche considera importante no espírito de suportaçãõ. Como um animal que ruma lentamente, a ruminaçãõ é um processo lento, mas necessária para a exortaçãõ de determinadas ideias construídas historicamente e que ao longo dos anos nos trazem sofrimento, assim como as ideias preconceituosas para com a mãe, deveriam ser questionadas e ruminadas, pois faziam Alfredo sofrer. Ideias preconceituosas, muitas vezes, são assimiladas e incorporadas ao peso da violênciã e, quando aceita sem os devidos questionamentos, prejudica o homem na leveza e beleza da vida, reduzindo ele a um mero animal de rebanho, aquele que acata mansamente toda ideia imposta; tal como os valores, cujo objetivo é perpetuar crenças e dogmatizar o homem de acordo com os interesses de quem o dogmatiza, pois se trata de um processo cultural tendo em vista que, para Nietzsche, “*o sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina homem’ reduzi-lo a um animal manso e civilizado doméstico*” (NIETZSCHE, 1998 p. 32). Ideias engendradas que persuadiram o pensamento do

homem e o rebaixaram a animal de rebanho, seguidores de normas de condutas que impedem a arte da criação e a afirmação da vida.

Alfredo não estava imune dos sofrimentos estabelecidos pelos valores morais, crenças religiosas e toda ideologia de dominadores cravada ao peso da violência e da mentira. Dentre tantos exemplos, notamos numa passagem da obra em que o menino rouba do pai cinco mil réis para comprar uma camisa de futebol. Nessa passagem são descritos o sofrimento de Alfredo pela má consciência do roubo praticado, ele sentia medo por acreditar que “havia um Todo-Poderoso escutando os seus pensamentos, vendo e medindo todos os seus atos, tomando nota, no seu grande livro, de todas aquelas coisas perigosas e secretas que já começava a fazer, era de qualquer modo, doloroso” (JURANDIR, 1991 p. 110).

Pelas sensações de Alfredo, nos aventuramos a dizer que ele sofreu o sentimento de culpa por ter praticado aquele roubo e conseqüentemente temia, após reconhecer o ato proibido, pelo castigo divino de sua crença religiosa. Alfredo sentia-se culpado. No que se refere ao sentimento de culpa, Nietzsche diz que ela surgiu nas mais antigas e primordiais relações pessoais, a saber, da relação entre “vendedor” e “comprador” entre “credor” e “devedor”, uma vez que, na quebra do acordo, instituía-se o castigo como punição física e o sentimento de culpa, como punição psicológica. “O castigo teria o valor de despertar no culpado o sentimento *da culpa*, nele se vê o verdadeiro *instrumento* dessa relação psíquica chamada ‘má consciência’, ‘remorso’” (NIETZSCHE, 1998 p. 70).

Segundo Nietzsche, para se libertar das amarras da cultura, das ideologias e da crença e culto aos valores morais de rebanho, é fundamental que o espírito de suportação pratique a ruminação, pois o remoer de ideias, dias e noites, são necessárias para se livrar das dores e sofrimentos que certas ideologias e crenças morais provocam:

Se não mudarmos e nos tornarmos como as vacas, não ingressaremos no reino dos céus. Pois deveríamos aprender uma coisa delas: a ruminação. É, e em verdade, se o homem ganhar o mundo inteiro e não aprender esta única coisa, a ruminação: que lhe aproveitará? Não se livrará sua aflição (NIETZSCHE, 2011, p. 255).

Alfredo desperta o elemento ruminativo e isso fica evidente no que se refere à questão racial que envolvia a família, sobretudo a mãe. Esse movimento de ruminar produz efeitos positivos no pequeno menino especialmente porque Alfredo sana suas aflições preconceituosas e possibilita o reconhecimento de suas origens, além da importância da mãe para ele. Reflexões dessa natureza já eram feitas por Alfredo quando ainda pequenino

reavaliava as qualidades de dona Amélia na condição de mãe. Vejamos essa reflexão do menino após um pensamento questionador e preconceituoso pela própria mãe:

Por que sua mãe não nascera mais clara? E logo sentia remorso de ter feito a si mesmo tal pergunta. Eram pretas as mãos que saram as feridas, pretos os seios, e aquele sinal pretinho que sua mãe tinha no pescoço lhe dava vagaroso desejo de o acariciar, beijando também os cabelos, se esquecer do carço, do colégio, das feridas, da febre, dos campos queimados avançando para a vila dentro da noite no galope do vento (JURANDIR, 1991 p. 4).

Analisando os romances *Chove nos campos de Cachoeira* e *Três Casas e um Rio* de Dalcídio, identificamos outros aspectos que aproximam a trajetória do pequeno Alfredo ao espírito de suportaçã, como, por exemplo, suportar a febre e o medo de morrer. Alfredo foi acometido pela febre amarela, pois a vila de Cachoeira, onde morava, sofreu um surto de febre amarela no início do século XIX. As péssimas condições de vida a que estavam sujeitos os marajoaras se reflete não só na pobreza e miséria denunciadas nas obras, mas também nos surtos epidêmicos que ocorreram nessa época, o que demonstra o abandono do poder público frente a uma questão desastrosa que eliminou grande parte dos moradores cachoeirenses.

A maioria dos moradores sofreram com essa epidemia, principalmente as crianças. Alfredo tinha medo que a febre o levasse para aquele cemitério que alagava durante o inverno, fazendo boiar os restos de caixões, enterrados lá durante o verão. Alfredo, constantemente acometido pela febre, sofria com a dor no corpo, a sede e um amargor que lhe dava preguiças, um desânimo que parecia contagiar transmitindo um pessimismo para os meninos pobres que vinham pedir comida no Chalé, essas epidemias causavam não só chagas no corpo de Alfredo, mas em sua existência, pois a todo momento o pequeno menino queria sair daquele ambiente doentio e fúnebre. A viagem para Belém ou para outro lugar livraria ele da febre e da morte, por isso ele desejava sair de Cachoeira porque na infância temia a morte:

O paludismo lhe deixara marcas profundas. Sim precisava sair também de Cachoeira por causa da febre. De vez em vez lá vinha a febre. A febre ainda lhe podia levar para aquele cemitério que o inverno alagava. Amanhecia gritando batendo os dentes com o frio, a dor no braço, a sede, o amargor, aquilo lhe deixava preguiças, pessimismo, mau para os pequenos que vinham buscar leite e farinha. (JURANDIR, 1991 p. 83)

O paludismo em Cachoeira levou muitas crianças para o cemitério da vila que alagava durante o inverno, fato que aumentou ainda mais o índice de mortalidade infantil naquele período. Para Alfredo, na condição de criança sonhadora e desejosa de formação, essa situação era aterrorizante, pois ele presenciava todo o trajeto dos cortejos fúnebres até o cemitério da vila. Por conta disso, ele sofria em pensar que a morte estava próxima e que seu

destino pudesse acabar como de muitas crianças em Cachoeira, sem ao menos realizar seu sonho de colégio, de viagem, de formação. Vejamos, nessa cena, as situações terríveis que o pequeno Alfredo observava no dia a dia da Vila, durante os surtos da epidemia:

Os defuntos pobres iam mesmo nas redes velhas, nas esteiras. As covas já nem eram de sete palmos. Enterravam dois, três, numa cova. Os heróis – coveiros da gripe - foram Gaçaba, Dionísio Souza, Maguá, Dionísio bêbado, enterrava. Abria covas pingando suor e cachaça. Alfredo via as velas acessas na procissão. As vozes soturnas como se fossem de defuntos voltando dos campos. Alfredo queria fugir daquela Espanhola, daqueles sinos, ir para Ponta de Pedras, para a cidade de Siá Rosália, para o Lago Arari (JURANDIR, 1991 p. 52).

Nessa descrição deplorável, das condições em que eram enterrados os defuntos durante a epidemia na Vila de Cachoeira, nos faz compreender o temor de Alfredo frente à febre amarela e à morte. Não era apenas um, mas dois, três por cova, porque as mortes eram frequentes e venciam os trabalhos dos carpinteiros e coveiros, por isso os defuntos eram enterrados em redes, inclusive enterravam-se juntos. E Alfredo presenciava toda a situação tendo a impressão de que os defuntos aos gritos melancólicos desejavam voltar pelos campos. Em meio a esse cenário, Alfredo, apavorado, preocupava-se em ser também uma vítima fatal daquela enfermidade, fato que justifica os primeiros desejos de fuga do menino, fugir daqueles sinos que, ao anunciar as mortes, pareciam matar mais um morador.

Não somente Belém, como outrora era seu desejo de fuga, mas também Ponta de Pedras, Lago do Arari. Nessas circunstâncias, percebemos que a fuga de Cachoeira para outros lugares estava para além da realização de um sonho e se fazia necessária porque poderia livrá-lo da morte. Nesse aspecto, podemos dizer que Alfredo, enquanto um espírito em suportaçã, vive amedrontado com as ameaças de morte pela epidemia. A febre sem dúvida era preocupante para ele, mas essa preocupação aumentava quando a febre acometia a pequena irmã Mariinha. O temor dele nas crises da menina era notório, o menino sentia em pressentimentos perdê-la, como podemos observar nessa situação seu drama:

Alfredo saía pé-ante-pé, para espiar pelas frestas das portas do quarto, se Maninha estava mal, se o rosto de sua mãe denotava desespero, se afinal a doença de Maninha só era uma simples febre. Mas passava horas acordado, aos sustos, o coração batendo apressadamente com medo pressentimento, acompanhando todo os movimentos de sua mãe a sua ida para a cozinha. Que ia fazer? Ferver uma lavagem? Chá? Por que seu pai não acudia? E ficava espiando, ou se metia na rede com o ouvido a escuta. Maninha morria e vivia. Maninha com ataque. Um acesso que para Alfredo já era a agonia da morte. E chorava devagarinho embrulhado na rede. Não tinha mais sossego, ia para a cozinha atrás da mãe, mudo receoso de perguntar, sim porque sua mãe podia dizer. Maninha está mal. Ou mentir para sossega-lo. Mesmo tudo

fazia para que sua mãe não reparasse na sua inquietação, na sua angústia (JURANDIR, 1991, p. 125).

O menino cuida para que sua mãe não perceba a preocupação dele com a irmã, fato que aumenta sua angústia, pois, embora esteja presenciando os acontecimentos da menina e os movimentos da mãe, ele não procura esclarecimento sobre a real situação da menina, sobrecarregando sua dor, semelhante ao camelo que se ajoelha para adquirir mais peso, aumentando dessa forma sua angústia. Por isso, a dor em perceber o estado de saúde da menina torna-se cada vez mais pesada, provocando nele medo, agonia e insônia, que lhe tiram o sossego para dormir. Alfredo sofria por importar-se com a dor do outro, pela compaixão de sua irmã:

Alfredo não queria dormir enquanto Mariinha não chorasse como criança já salva da crise. Por que Maninha não chora? A luz no quarto, os remédios na cadeira, a bacia, o irrigador, as caturras batendo na bacia, o mosquito armado, o gato arranhando o soalho, aquele silêncio de febre de Maninha, os passos de sua mãe aumentavam a noite, afastava o sono, dava ao escuro do corredor a presença física da Morte (JURANDIR, 1991, p.125).

As constantes crises da irmã afastavam o sono de Alfredo e trazia a presença física da morte. Naquele corredor escuro estava a lembrança de Eutanázio nas suas agonias. Alfredo repudiava a condição de existência que dominou o irmão ao se entregar para a morte, aquele pessimismo que vinha de Eutanázio era contagiante, embora o pequeno menino não soubesse exatamente de qual doença sofria Eutanázio, mas compreendia perfeitamente que o irmão transmitia um obstáculo ao seu sonho, sua viagem, sua própria vida.

Indignado com o irmão, Alfredo chegou ao ponto de, numa crise de revolta, desejar a morte de Eutanázio, ele “sentiu uma vontade de chorar, de gritar perguntar a Eutanázio. Por que tu não morres? Uma vontade de lutar contra tudo que conspirava contra ele, que lhe fechava o caminho do colégio, o caminho do mundo” (JURANDIR, 1991 p. 159). Alfredo sentia que o mundo conspirava contra ele, contra seu sonho, seu desejo de saída da Vila, mas tinha uma força, talvez um fio de esperança que lhe dava coragem para suportar as barreiras e ainda permanecer lutando por seu objetivo.

Essa revolta que desperta em Alfredo a vontade de lutar contra tudo que conspirava contra ele não necessariamente são impulsos da existência, mas pode ser lido a partir de Nietzsche como forças que existem no homem, e que tem uma contínua necessidade de se expandir, de buscar algo mais, de mudança, podemos dizer que seria, no caso de Alfredo, a rebeldia de um espírito que cansa de carregar o peso desta existência. “Já bastante terrível

sempre me foi teu peso: mas um dia acharei ainda a força e a voz de leão que te chama para cima” (NIETZSCHE, 2011 p. 155).

Nietzsche, em sua filosofia, fala das forças “ativas” e “reativas” que operam no corpo, são forças capazes de uma elevação ou rebaixamento do homem. A vontade de poder da força reativa é a negação da vida, enquanto que a ativa é afirmativa. Se, por um lado, as forças reativas rebaixavam Eutanázio ao ponto de negar a vida, por outro, Alfredo é tomado pela força ativa que eleva seu pulsar.

Enquanto Alfredo era tomado por uma vontade de autoafirmação diante da vida, de ansiedades movidas por um desejo de realizar seus sonhos e de fantasia, Eutanázio ao contrário se via dominado pela necessidade de auto degradação diante da vida no vilarejo. Isso mostra que a vontade de afirmar a vida e o desejo de formação pulsão de modos diferentes em Alfredo e Eutanázio (CALDAS, 2016 p.63).

Na análise interpretativa de Caldas (2016), Alfredo e Eutanázio despertam forças antagônicas. Embora os irmãos vivenciassem uma mesma realidade social, possuíam expectativas de vida diferentes, que influenciam seus modos de viver, pois Alfredo, movido por seus sonhos, desejos e fantasias, afirmava a vida, ao contrário de Eutanázio, que, nas angústias e na solidão, negava-se a vida. Enquanto Eutanázio se projetava para o fim, para proximidade com a morte, Alfredo se projeta para um começo, uma nova história depositada no futuro. Acompanhando esses dilemas de Alfredo, em sua trajetória, vimos que sua vida na infância é afetada por incerteza, desconfianças, por descontentamento, inseguranças, medos, solidão, mas que, em meio a tudo isso, ele busca um “sopro”, como disse Nietzsche, para seguir frente às adversidades da vida. Talvez visse no próprio irmão o que não desejava para si e extraiu daí uma experiência de vida que nele operava.

Acompanhando os pensamentos no personagem Alfredo, notamos que ele se gabava de não haver mortes no Chalé, ao contrário das outras casas de Cachoeira, que guardavam sempre dentro de seus compartimentos uma história fúnebre. No entanto, essa ostentação de Alfredo termina quando seus irmãos morrem. Primeiro foi a morte do irmão, que deixou na casa a dolosa e eterna experiência do velório, depois daquela que mais temia perder, a Mariinha. Ele profundamente abalado com a morte “não quis ver a irmã no caixão, com a fixa lembrança da noite em que ela se queimou, correu para a mãe e agarrou-se a seus braços tremendo. Sua mãe acariciou-o” (JURANDIR, 1994, p. 108).

Interpretando a atitude de Alfredo, ao se negar ver a própria irmã em seus últimos encontros, deduzimos que ele repelia não a irmã, mas o sofrimento de uma memória que nele estava viva, pois imagina que Mariinha naquele caixão estava se queimando, assim como na

noite em que ela se queimou brincando com as catarruas no alguidar. Isso trouxe para ele a dolorosa lembrança daquele momento. Naquela noite, o sofrimento de Alfredo foi desesperador ao ver o pai, Major Alberto, numa atitude estranha, arrancando o camisão da menina ainda em chamas e pisando nelas como se pisasse na sua própria tranquilidade e D. Amélia carregava a menina como se carregasse a filha já morta, como podemos observar nessas cenas daquela noite:

De repente o grito de Mariinha saltando na direção do quarto, entre as chamas do velho camisão que pegara fogo nos papéis do alguidar. Tão rápido foi tudo – o pai arranca o camisão, pisa os restos das chamas no soalho, a mãe carregando a filha, como se levasse a menina morta – Alfredo sumiu no chão, desatinado, com a Minu a lamber-lhe a mão que tremia (JURANDIR, 1994, p. 8).

Depois desse episódio, Alfredo se contorceu de culpa pela quase morte da menina, isso porque a ideia de queimar catarruas no alguidar partiu dele. Alguns dias depois, ainda com o sentimento de culpa, pediu a irmã que promettesse nunca mais brincar com o fogo, pois não desejava que ela morresse. Esse cuidado com a irmãzinha é uma prova do quanto Alfredo a amava, por isso, imaginamos quão dolosa foi a perda da menina para ele ao ponto de se negar vê-la no caixão, mantendo-se alheio às situações do velório, com o olhar na atitude da mãe, no comportamento do pai nas pessoas em volta. Mas, nessa observação de Alfredo, entre tantas pessoas, o menino atentou-se para a mãe e levemente começou a contemplar o domínio que D. Amélia tinha de si, naquele momento tão triste para uma mãe que perdia o seu segundo filho:

Ele via a mãe transportada aos dias do passado. Era uma nova derrota, sim, mas ressurgia-lhe a mãe que não deixava abater nem chorava. Nesse intervalo de pranto e de insubmissão ao que acontecia o menino observava-lhe uma atitude que não sabia definir e que era o readquirido domínio de si mesma. Isto aboliu para ele as impressões confusas do momento [...] viu a só, com um negror pálido, majestosa, à cabeceira daquele caixão branco, como uma fada negra que, com um gesto, poderia levantar daquele berço de rosas e violetas, a adormecida menina (JURANDIR, 1994, p. 107).

Ao fitar a mãe naquela postura, que Alfredo não sabia descrever, ele via que ali estava uma mulher derrotada pela perda da filha, mas forte e serena de quem havia passado por momentos e experiências difíceis, mas superados e readquirido novamente seu domínio habitual de mulher forte. Para ele a mãe tinha uma força que “vinha da carne, da sua experiência, de sua aventura nos seringais, do filho morrendo debaixo do jirau e sucuriçu levando, daquelas febres sombrias e fabulosas das ilhas” (JURANDIR, 1991, p. 79). Nesse

momento de êxtase emocional, o menino absolve o que dali serve para seu fortalecimento, ou seja, a força que D. Amélia possuía mesmo diante das dificuldades, como alguém que afirma a vida, vencendo os desafios, as dificuldades. O espírito perseverante de D. Amélia serve de inspiração para Alfredo despertar sua força ativa naquele momento:

O menino compreendia que ela não tinha nenhuma resignação em seus olhos enxutos, em seus gestos enxutos. Seu olhar refletia a mesma espavorida surpresa com que olhara o filho afogado, refletia também as noites, os anos em que desafiou e venceu a força que agora lhe arrebatara a filha (JURANDIR, 1994, p. 107).

Mas, noutra cena do velório, denotamos que Alfredo perde seu domínio quando o cortejo se aproxima do cemitério:

Quando a cerca do cemitério apareceu com o fundo escuro da mata, Alfredo estacou com o olhar espantado de Andreza sobre ele. Soltou-se da mão da menina. Olhava em torno com os beiços tremendo. Diante dele estava já o cemitério. Fora, o mato verde, o campo verde. Dentro, as cruces, os epitáfios secos, as secas sepulturas (JURANDIR, 1994, p. 111).

Fora do cemitério, o campo verde que representa vida em contraste com os epitáfios e cruces secas de dentro do cemitério que nos remete à morte. Notado e analisado por Alfredo, ali fora estava a vida em contraste com a morte. Agora o menino levava para dentro do cemitério a irmã morta. Tomar essa consciência foi afundar-se na angústia de compreender que se despedia da irmã para sempre, nesse momento ele recusou qualquer ajuda de consolo, inclusive da própria Andreza, uma grande amiga. A menina fez de tudo para que Alfredo dividisse sua dor com ela, porém:

Todos os agrados da menina foram em vão. Nem mesmo as lágrimas. Alfredo não falava de Mariinha diante dela nem chorava. Também não recorria ao carocinho para ressuscitar a irmã. Morte é morte e a perda de Mariinha era para sempre, por isso seria demais para o faz de contas. Faz de conta, sim, enquanto se vive, há futuro. E este no menino, estava intacto, herdado da irmã morta a vida que ele queria viver, as esperanças e os sonhos deixados por Mariinha (JURANDIR, 1994, p. 111).

Como podemos notar, nesse momento, para Alfredo foi muito difícil, o pequeno menino pôde refletir o acontecimento, ou seja, da morte como morte e não como plano para outro mundo, como há tempos acreditava devido à sua crença religiosa. Nessa reflexão, Alfredo questionou seus valores e pôde, assim, chegar a uma conclusão que permitiu a ele se libertar de falsas ideias, de que as crianças quando morrem se tornam anjos. Alfredo aproveitou do momento de perda para refletir sobre a vida e a morte. A morte de Mariinha

também trouxe outras experiências que permitem a Alfredo afirmar a vida, pois, a partir de então, quer viver para realizar não somente seu próprio desejo, mas também os desejos de Mariinha. No entanto, ao nos debruçarmos numa análise mais atenta nas narrativas para verificar se Alfredo foi capaz de transpor o linear acético pela experiência da ruminação da morte, não identificamos em outras passagens essa possibilidade.

Os questionamentos de Alfredo para os aspectos religiosos de sua vida, que, por anos fazem parte de sua crença, nos permitem associar às críticas de Nietzsche para o ideal ascético. Segundo o filósofo, a revelação das verdades sobre princípios de natureza ascética representa um grau elevado de libertação, uma vez que dela o espírito desprende-se das mentiras para acreditar na realidade, fazendo a vida no presente ser vivida em sua devida dimensão, e não se projetando eternamente para outro plano que não existe:

Um grau certamente elevado de educação é atingido, quando o homem via além de conceitos e temores supersticiosos e religiosos, deixando de acreditar em amáveis anjinhos e no pecado original, por exemplo, ou não mais se referindo a salvação das almas: neste grau de libertação ele deve ainda, com um supremo esforço de reflexão, superar a metafísica (NIETZSCHE, 2000, p. 30).

O homem em suportação é, conforme Nietzsche, aquele que está envolvido numa cultura de credices e superstições, mas esse espírito adquire certo grau de conhecimento e elevação quando descobre que os valores que fundamentam essas credices ao longo da vida são meramente invenções humanas. No entanto, ele precisa conviver com esses resíduos valorativos e, por outro lado, pode ser uma grande oportunidade de transmutar este homem adoecido pela moralidade, visto que ele possibilita a desconstrução de velhos valores e permite a construção de novos, como na figura de um martelo que desencrava velhos valores e crava novos.

Agora lhe parece um erro o que outrora você amou como sendo uma verdade ou probabilidade: você o afasta de si e imagina que sua razão teve aí uma vitória. Mas talvez esse erro, quando você era outro – você é sempre outro, aliás -, lhe fosse tão necessário quanto as suas ‘verdades’ de agora, semelhante a uma pele que lhe escondia e cobria muitas coisas que você ainda não podia ver. Foi sua nova vida que matou para você aquela opinião, não sua razão: *você não precisa mais dela*, e agora ela se despedaça e a irracionalidade surge de dentro dela como um verme que vem à luz. Quando exercemos a crítica, isso não é algo deliberado e impessoal – é, no mínimo com muita frequência, uma prova de que em nós há energias vitais que estão crescendo e quebrando uma casca (NIETZSCHE, 2012 p. 184-185).

Para Nietzsche, quando possuímos energias vitais em nossa mente, elas permitem a construção de novas ideias, a partir daquelas que já possuímos. Ideias que se desenvolvem

gradativamente até um momento que se quebram como cascas, o que Nietzsche defende como a “quebra das antigas tábuas”, ou seja, desconstruímos velhas ideologias, abrindo espaço para um novo pensar. Isso implica para o espírito de suportação o limiar entre vida e morte, pois, para que uma nova ideia nasça, é fundamental que uma velha morra. Além disso, para que Alfredo construísse uma nova percepção da vida e da morte, só foi possível com a experiência da própria morte da irmã e a partir de então Alfredo se revigora no momento em que promete viver duplamente para realizar os sonhos de Mariinha, isso indica que Alfredo, frente ao acontecimento da morte, busca potencializar sua vontade de vida.

Nietzsche acrescenta ainda que é justamente na dor que adquirimos sabedoria, pois são nos momentos difíceis que alguns buscam uma força que Nietzsche considera de primeira ordem na conservação da espécie, força essa que faz do homem um ser mais forte com possibilidades da ascensão, a evolução para uma nova forma de pensamento e, conseqüentemente, de vida. O filósofo acrescenta que são poucos os que sabem fazer da dor um momento de sabedoria e, para aqueles que reconhecem, jamais devem se negar ao momento de dor, visto que é através dela que ele se transforma num ser mais forte e resistente frente às adversidades da vida.

Na dor há tanta sabedoria como no prazer. [...] Existem homens, é verdade, que ouvem o comando oposto, ao sentir a aproximação da grande dor, e que nunca são mais orgulhosos, belicosos e felizes do que quando surge a tempestade; *sim*, a dor mesmo lhe proporciona seus maiores momentos! São os homens heroicos, os grandes *portadores de dor* da humanidade: estes seres poucos ou raros, que necessitam exatamente da mesma apologia da dor – e, verdadeiramente ela não lhes deve ser negada! São forças de primeira ordem na conservação e promoção da espécie (NIETZSCHE, 2012, p. 118).

Silva (2012), ao analisar a vida como vontade criadora em Nietzsche, destaca que é necessário ao criador ter uma atuação vigorosa e criadora, que possibilita um modo de viver no presente e no futuro mais novo. Uma vida mais criadora e de ação, segundo ele, torna o passado e o presente ações transformadoras, dando-lhes novo sentido. “De outro modo, na força da atuação no presente, o passado liga-se ao futuro, não como repetição, mas como criação” (SILVA, 2012 p. 69).

Vimos que, mesmo sendo uma dolorosa experiência para Alfredo, o pequeno menino vislumbra algo que ainda está por vir, ou seja, viver pelos sonhos que a irmã não pôde realizar. Essa atitude de Alfredo pode ser vista como atitudes próprias de um criador, que irá viver novos desejos e sonhos no presente e no futuro.

Analisando outros aspectos nas obras referentes ao contexto familiar de Alfredo, percebemos que ele tinha de suportar outros fardos que pesavam em sua existência, como, por exemplo, o sentimento de exclusão, inclusive do próprio pai, pois Major Alberto, que vivia para o trabalho na intendência Municipal e nas horas vagas, dedicava-se às leituras em revistas e jornais. Por isso, Alfredo achava que Major Alberto não lhe dava a devida atenção, que ele como filho desejava. A mãe de Alfredo, D. Amélia, era também dona de uma humildade, era prestativa a todos os necessitados de Cachoeira, com seus dons de cura, sempre com aquela expressão alegre e autoconfiante, além de possuir certas qualidades que, para Alfredo, simbolizava o orgulho pela mãe, orgulho esse que ficou abalado com os primeiros indícios de alcoolismo dela, embora ainda incompreensíveis para o menino:

Alfredo vê D. Amélia mais longe, mais distante de si, como se o Chalé fosse repartido por compartimentos fechados como uma casa de estranhos. Seu pai era aquele homem, que manso ou impulsivo vivia entre os catálogos, sem dar, não porque fosse austero a intimidade que o filho sonhava. Alfredo via-se solitário. (JURANDIR, 1991, p. 147).

Observando esse cenário da relação de Alfredo com a família, percebemos que o pai não era como ele desejava. Ademais, ver a mãe em condições não habituais era um sinal de que algo estava errado com ela, isso fazia Alfredo se sentir mais solitário.

Inicialmente, Alfredo não tinha conhecimento do que de fato se passava com a mãe, apenas percebia que em determinados momentos ela estava estranha, um comportamento que parecia compartimentar todo o chalé. A condição estranha de D. Amélia trazia para Alfredo certa consternação, sobretudo porque era no estranhamento dela que as brigas entre o casal aumentavam, dando motivos para Major explodir a impaciência de natureza, fato que justificava os conflitos dentro do chalé e, conseqüentemente, dentro de Alfredo, trazendo mais angústia para o menino.

Alfredo, angustiado e silencioso, presenciava as ofensas verbais do pai para a mãe. “Aqui não é Arca não é Noé esvazia as pipas. É a Noela”. (JURANDIR, 1994 p. 73). Essas ofensas se tornaram rotineiras e o chalé era um espaço de violência familiar, principalmente quando Major, aos gritos, acusava D. Amélia por motivos que Alfredo não compreendia muito bem. Um dia, D. Amélia estava em seu estado estranho e Major acusou-a novamente.

Alfredo

Viu o sobrececho do pai. Achou injusta a acusação. Passou a observar mais atentamente e a aspirar-lhe o hálito de perto. Aquele cheiro era de remédios, cascas de raízes de patchuli e pripioca. Estava doente. E seu pai nada fazia para salvá-la. Ao contrário citava a Bíblia (JURANDIR, 1994, p. 73).

Frequentemente, as metafóricas ofensas do pai direcionadas para a mãe estavam relacionadas ao vício da bebida alcoólica, Major dizia que no chalé não era Noé que esvaziava as pipas, ou seja, não era o homem o alcoólatra daquela família, mas D. Amélia, a mulher, a “Noela”, como dizia Major. Porém Alfredo pensava que a mãe estava doente, pois seu hálito tinha o cheiro de remédios caseiros. Essas ofensas direcionadas à mãe deixavam o menino confuso, não eram bem compreendidas por ele, fato que faz Alfredo recorrer à Bíblia para entender melhor o que o pai queria dizer com aquilo, ele:

Procurou o dia inteiro o capítulo que falava de Noé. Tinha que achar na parte que falava do começo do mundo e era necessário não perguntar ao pai. As nove e meia da noite sozinho, sobre a mesa encontrou isso: “E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha: E bebeu do vinho, e embebedou-se, e descobriu-se no meio de sua tenda (JURANDIR, 1994, p. 73).

A cada nova circunstância de D. Amélia e Major motivada pelo alcoolismo, Alfredo ia compreendendo o que de fato se passava com a mãe, o que deixava o chalé atribulado. Por essas razões, o pequeno menino é envolvido num ambiente hostil como uma ilha, isolado do amor, da atenção, do carinho, e de todos os afetos que eram negados não só pelo pai, que habitualmente vivia para o trabalho e leitura de suas revistas, mas principalmente da mãe, que outrora meiga e carinhosa se tornava estranha e distante do filho. Major Alberto e D. Amélia, que antes conviviam na harmonia e cumplicidade, passaram a se odiar como dois inimigos, os intensos gritos de um contra o outro geravam conflitos dentro do Chalé e, por consequência, dentro de Alfredo. Com a perda da filha, D. Amélia ficou mais estranha ainda. Alfredo via que “a mãe piorava, as cenas sucediam-se no chalé”. (JURANDIR, 1994, p. 153). Numa dessas crises ele:

Associou a discussão a causa da morte de Mariinha e teve um momento de quase convicção de que tudo fora causado por “aquilo”. Teria saído isso na discussão que aumentava? Aquele chalé era uma ilha de atribulações e de ódios em meio do campo adormecido sobre o rio. O menino parecia ter atingido uma inesperada compreensão amarga, aquela compreensão que ele queria ter mais cedo possível, mas para com os livros, os problemas do dinheiro, o amor (JURANDIR, 1994, p. 111).

Em diversos momentos, o pequeno menino presenciou cenas fortes de uma violência familiar, na qual o pai, ao invés de ajudar a mãe, apenas a caluniava com suas ofensas. D. Amélia, por outro lado, estava tão envolvida naquele vício que não fazia mais caso de esconder do filho, chegando inclusive ao ponto de uma tarde desacordar nua no próprio banheiro do chalé. Alfredo, com dificuldades e sob o hálito forte, tenta ajudar a mãe a se

levantar, mas é vencido pelo peso de um corpo, que na bebida parecia largar a própria vida e o filho. Nesse momento, Alfredo, esmorecido pela certeza do alcoolismo, cuida da mãe como se cuidasse também de um mistério em que filho e mãe são cúmplices de um grande segredo. Desmaiada no banheiro, D. Amélia é socorrida pelo filho que:

Desajeitadamente, procurou levantá-la abraçando-lhe a cintura. Era uma nudez pesada e úmida que lhe queimava as mãos, tentou cobri-la com a toalha. Temeu que ela se afogasse na tina ao lado. Conseguiu erguer-lhe o busto e, contra seu hálito, beijou-a muito, como se quisesse convencê-la de que deveria vestir-se, deslizando a cabeça pelos seios da mãe por onde as suas lágrimas escorriam. Por fim ela soltou um gemido, arrastou-se e estendeu-se entre a bacia e a tina, de olhos cerrados, a boca crispada. Parecia adormecida. Ele a cobriu, então, com a toalha e com o seu pranto. E sentou-se guardando o mistério, a porta do banheiro fechado. (JURANDIR, 1994, p 73-74).

A passagem literária constrói um cenário familiar de uma relação de proteção, de cumplicidade, temor e aflição de Alfredo frente à condição de violência vivenciada pela mãe. Alfredo guarda aquela situação com mistério, sobretudo porque, para ele, era vergonhoso o estado de embriaguez de D. Amélia. Se, por acaso, as pessoas da Vila tomassem conhecimento, a mãe seria alvo de mais preconceito, visto que o racial D. Amélia já sofria. Isso indica que “D. Amélia expelia sua dor e raiva ao sentir a sensação de impotência diante daquela realidade, por ter perdido Mariinha” (LEAL, 2008, p. 80). Segundo a referida autora, a fuga de Alfredo para Marinatambalo são consequências das discussões entre os pais. Numa das discussões, “sua mãe gritava e batia os pés no soalho. O pai respondia alto e furiosamente e toda essa alteração enchia o chalé como um estrondo”. (JURANDIR, 1994, p. 110). Consequentemente enchia Alfredo de sofrimentos, como consequências das condições de filhos crianças que vivenciam situações de violência na família.

Notamos nesses e outros exemplos que Alfredo, em seu cotidiano, era envolvido por momentos de tristeza, angústias, tédios, conflitos internos, crise racial, familiar, enfim, sofrimentos que tornavam sua vida mais pesada. O alcoolismo de D. Amélia, as discussões de Major, a morte de Eutanázio e Mariinha foram acontecimentos que abalaram Alfredo e fizeram do Chalé um ambiente abatido, deprimido, infeliz. Alfredo tinha a sensação de que, por esses motivos, o Chalé padecia de uma profunda amargura, sofrimento que aumentava com o fim das festas de dezembro: “depois das festas de dezembro o chalé se enchera de mais tristeza” (JURANDIR, 1991. p. 147) como se expressasse o sofrimento de todos que ali moravam:

O chalé parecia condensar toda a angústia, aumentar os pressentimentos, dar forças à desconhecida que despertava em sua mãe, aumentar a luta misteriosa que separava as criaturas que ali moravam. Alfredo sofria a quase certeza de que era impossível partir. Depois de tanto sonhar com o carocinho, se deixava ficar numa indefinida moleza como quem sentisse prazer no abandono. (JURANDIR, 1991. p. 148).

Tristeza e solidão se expressavam no chalé e em Alfredo, o que deixava o menino mais solitário, “irremediavelmente solitário. Cada vez mais desconhecendo o que se passava em torno de sua solidão” (JURANDIR, 1991, p. 147). Entretanto, notamos que uma metamorfose solitária ocorria em Alfredo, era na experiência da solidão, do recolhimento e da prevenção que Alfredo transformava seus pensamentos, pois ele acata e suporta a solidão que chega aos seus ombros ao ponto de sentir o desalento de uma existência e o tédio cotidiano de uma vida dolorosa. “No seu caminho de todas as tardes, Alfredo sentia uma preguiça, um tédio, um desalento. Nada de ir para Belém” (JURANDIR, 1991. p. 77). Era justamente nos momentos tediosos que Alfredo se sentia como um camelo no deserto, sozinho, tendo de suportar pesados fardos de sua existência e, mesmo assim, continuar caminhando.

Na interpretação de Silva (2012) a respeito do espírito de suportação, o deserto é o lugar do niilismo, daí ser o lugar da solidão, porém desprovido de sentido. Mas é nesse momento que o homem tem de superar a resistência, o desafio de reconstruir a realidade de acordo com sua visão. Segundo o intérprete mencionado, no deserto árido e sem vida, não se desenvolve qualquer criação, “pois esta paisagem tão inóspita não propicia a tarefa criadora, porém pode revelar-se seguir pela luz que cintila das estrelas, pois elas atraem e encantam”. (SILVA, 2012 p. 49). As estrelas podem ser, portanto, as luzes que cintilam na solidão e na dor, ou seja, nelas, anseia-se por mudanças.

Segundo Nietzsche, o tédio é justamente o precedente que leva o homem a uma viagem prazerosa pelo mundo da imaginação, “tédio é aquela desagradável “calmaria” da alma, que precede a viagem venturosa e os ventos joviais; ele tem de suportá-la, tem de aguardar em si o seu efeito: - é justamente isso que as naturezas menores não conseguem obter de si! [...]”. (NIETZSCHE, 2012 p. 82). Podemos supor que Alfredo pertence às naturezas maiores quando, no deserto de sua solidão, instiga sua imaginação e invenção com o carocinho de tucumã, permitindo atravessar a dor de sua existência, por ser um espírito forte e resistente, “a dor pode ser libertadora e via de transformação, [...] é a travessia necessária para o ultrapassamento da própria dor” (FORTES, 2014, p. 1-2).

## **II. UM ESPÍRITO LIVRE E INDOMÁVEL: ALFREDO E A CORAGEM DE DESBRAVAR MUNDOS.**

“Eu quero” é a voz que impera no espírito livre. Na simbologia do leão, o espírito livre é forte, resistente, corajoso, destemido e com força dominadora quer conquistar o mundo que, outrora absorvido pelo espírito de suportação, não conquistou. Envolvido pelo espírito “sólido”, conviveu anos no deserto carregando falsas verdades e valores que impediam seu caminhar livre, causando sofrimentos que tiravam o prazer na vida, até que, cansado no deserto, o espírito do camelo se metamorfoseia para o espírito livre na figura do leão. “No deserto mais solitário, porém, se efetua a segunda transmutação: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Nessa trajetória, o espírito livre é conduzido pela coragem e avidez de quem quer desbravar o mundo e ser o senhor deste mundo.

Eu quero desbravar mundos, diz o espírito de coragem de Alfredo. Ele sempre desejou sair de Cachoeira, queria viajar, estudar no colégio Anglo brasileiro, morar em Belém, queria viajar com os circos se apresentando em cada cidade “que vontade de que aquele circo viesse representar em Cachoeira para ele se meter e partir feito qualquer coisa. Para qualquer coisa, num circo havia de dar” (JURANDIR, 1991, p. 107). Podemos dizer que Alfredo tem uma louca vontade por conhecer aquilo que ainda lhe é desconhecido e talvez seja esta vontade a força que impulsiona seu espírito desbravador. “Vontade – eis o nome do libertador e mensageiro da alegria: assim vos ensinei eu, meus amigos! E agora aprendei também isto: a própria vontade é ainda prisioneira” (NIETZSCHE, 2011, p. 133).

Como ressalta Nietzsche, por meio de Zaratustra, a vontade é libertadora, porém esta vontade do espírito livre é ainda prisioneira, ou seja, o espírito livre em determinadas circunstâncias é impossibilitado de exercer sua vontade. Isso nos permite lembrar que Alfredo é uma criança que está “tutelada” ao querer dos pais, por isso, embora tenha suas próprias vontades, como por exemplo, o grande desejo de viagem, mas essa só será possível com o consentimento de Major e D. Amélia. E é nos sonhos, nos desejos e nos anseios aventureiros em conhecer mundos desconhecidos que o menino encontra disposições necessárias para despertar seu espírito forte e desbravador, é o cultivo dessa vontade de desbravar mundo que permite a abertura de novos “mundos possíveis” e a superação dos sofrimentos vivenciados por Alfredo na Vila.

Numa perspectiva nietzschiana, podemos dizer que a vontade é uma aspiração do espírito desbravador, e Alfredo tinha muitas vontades, vontades expansivas, como por exemplo, acompanhar o tenor Florentino em suas viagens pelo mundo. Este era um cantor que raramente se apresentava em Cachoeira, e, quando vinha cantar, hospedava-se na casa do major Alberto, o Chalé era humilde, mas Major homem da sociedade Cachoeirense deveria, a mando do intendente da capital, recepcionar o artista. A hospedagem do Tenor na casa de Major dava trabalho para D. Amélia, que emprestava dos vizinhos objetos e artigos de luxo para decorar o velho Chalé, além de preparar uma comida especial para o visitante. Tenor Florentino, quando se acomodava, não só cantava, como também contava e encantava Alfredo, ao falar de suas experiências de viagens pelo mundo. Alfredo, atento aos relatos do tenor, pegava carona naquelas viagens do tenor pelo mundo:

O tenor Florentino cantava bem, mas Alfredo foi ouvi-lo já com a mão lida pelo tenor. Na realidade nunca tinha ouvido um tenor, nem mesmo no gramofone da casa do seu Jovico. Que voz sobrenatural! Tenor Florentino trouxera anúncios que se espalharam em Cachoeira: FLORENTINO SANTIAGO, O MAIOR TENOR DO BRASIL. (JURANDIR, 1991, p. 107).

O tenor Florentino se exaltava considerando-se o melhor e maior do Brasil, por isso, exigia uma recepção à altura de sua vaidade. Quando cantava, abria os peitos para frente e soltava aquela voz aguda que parecia dominar o ambiente inteiro, sempre dizendo que havia se apresentado em várias partes do mundo, nas maiores cidades, nos melhores teatros, sendo extremante exagerado nas suas virtudes, o que, às vezes, irritava Major Alberto, mas agradava a Alfredo, que, atento, gostava de ouvir seus percursos de viagens, de histórias, de conhecimentos pelo mundo e pela vida. Quando o tenor relatava suas experiências, Alfredo se enchia de curiosidade para conhecer os caminhos percorridos por ele.

O tenor Florentino era um homem audacioso, qualidade que enchia os olhos do pequeno menino. Ele tinha um carinho especial por Alfredo, achava que era um menino inteligente, gostava de brincar não só com Alfredo, mas também os pequenos da rua e se intitulava cigano, leitor de mãos, uma prática cartomante. Quando veio à Cachoeira, uma vez leu a mão de Alfredo e o menino nunca mais esqueceu o Tenor.

A maior lembrança de tenor foi ele dizer para Alfredo que havia de viajar muito e por onde viajasse se enamorava de uma mulher. Era um homem que cantava em italiano e lia as mãos dos meninos. Um homem que não podia passar sem manteiga no café da manhã (JURANDIR, 1991, p. 109).

Florentino, o tenor, leu a mão de Alfredo em poucas palavras, mas de grande significado para o menino, pois viajar pelo mundo era seu maior sonho e, se faria muitas viagens como garantia o vidente brincalhão, certamente Alfredo estaria realizado, conhecendo vários lugares nas suas aventuras pelo mundo. Podemos dizer que o encontro de Alfredo com o tenor Florentino despertou nele impulsos que manifestaram seu espírito desbravador de um espírito que outrora preso ao “tu deves”, agora diz “eu quero”. A passagem de um espírito de suportaçãõ para o espírito livre está intimamente ligada aos impulsos do corpo e os impulsos provocados em Alfredo no encontro com tenor Florentino são impulsos externos, que influenciam impulsos internos, ou seja, é uma dinâmica de impulsos envolvendo corpo e realidade.

Para Machado (2010), intérprete da filosofia nietzschiana, moral, corpo e realidade podem ser descritos a partir dos impulsos, “pois não apenas a moral, mas também o corpo e a própria realidade podem ser descritos a partir do âmbito dos impulsos” (MACHADO, 2010, p. 125). Isso implica dizer que os impulsos também influenciam o modo de viver e Alfredo é também movido e influenciado por impulsos expansivos. Não podemos esquecer que ele, como afirmador da vida evitava o contato com o irmão Eutanázio, que se negava a viver, chegando inclusive ao ponto de perguntar a Eutanázio por que não morria. Alfredo evitava o contato com experiências passadas, mas se aproximava daquelas que provocavam impulsos expansivos, porque sabia de seu poder e sentia que elas alimentavam um modo de viver que ele desejava:

Cada impulso quer impor sua perspectiva, cada impulso quer se colocar no comando. Assim, o mundo se configura para nós como um conjunto de interpretações processadas de acordo com nossa hierarquia de impulsos. Julgando, interpretando e valorando – estamos sempre elaborando “realidades” a partir de nossos impulsos. Desse modo construímos nossas vidas, nosso mundo (MACHADO, 2010 p. 125-126).

Os relatos de tenor provocam impulsos em Alfredo, que desejava vivenciar também as experiências do tenor Florentino pelo mundo, viajando assim como tio Sebastião o impulsionava. Tio Sebastião era irmão mais novo de D. Amélia. Uma vez que foi à Cachoeira, chegou sem avisar, pois, estava há tempos dentro da mata, nos seringais da Amazônia na companhia de seu padrinho, que lhe tinha a guarda. Alfredo não conhecia aquele tio, tamanha surpresa foi para o menino saber que tinha um tio por parte da mãe.

Alfredo ficou encantado com aquele mulato que, ao chegar, esbanjou alegria dentro do chalé. A princípio, o menino ficou apenas observando a postura do tio enquanto falava, mas ele não se conteve quando o tio entusiasmado falava de suas vivências pelo mundo das

florestas e dos seringais. Alfredo instigava e provocava o tio para que ele contasse mais sobre suas aventuras. As excessivas exclamações para o tio incitavam outras perguntas que despertavam uma dúvida e traziam sempre uma nova história, conduzindo Alfredo num vai e vem de uma viagem imaginária naqueles rios e naquelas matas cheias de surpresas, mistérios e encantos. Talvez pela forma de contar as histórias e viagens de aventuras o tio omitisse seus sofrimentos, expondo apenas seu lado alegre, guerreiro, forte e desbravador.

O menino foi descobrindo no tio as viagens, trabalhos desconhecidos, misteriosos elementos da água e da selva que constituíam toda a existência daquele preto sorridente e jovem. Os tios por parte materna viviam dispersos na Amazônia, e agora surgia um deles, mais moço, de violão, pixaim partido ao lado, contando ao sobrinho o que lhe perguntava sobre o mundo (JUARANDIR, 1994, p. 41).

Alfredo não conhecia os irmãos de D. Amélia, as condições de pobreza na Amazônia desestruturaram muitas famílias que se desmembram em busca de melhores condições de vida. Tio Sebastião, por exemplo, desde menino foi morar com o padrinho para tentar a sorte nos seringais; após meses de trabalho, o padrinho de Sebastião foi vender a borracha, mas a canoa utilizada para o transporte naufragou, o padrinho de Sebastião passou a perambular pela mata sem Sebastião entender o que se passava com o padrinho e, acometidos por uma violenta malária, o padrinho falece e Sebastião sobrevive tendo de se aventurar sozinho na mata. Já D. Amélia foi levada por Major para cozinhar e os outros irmãos também seguiram caminhos na tentativa de melhorar de suas condições de vida.

A visita do tio Sebastião trouxe não só alegria para o chalé, mas também experiências para Alfredo que, a partir das histórias do tio aventureiro, passou a conhecer elementos misteriosos da natureza e formas de sobrevivência numa selva cercada de perigos, doenças e pobreza, principalmente de beleza e encanto que só existe na floresta, o que demonstra que o tio aceitava a vida com seu lado trágico e belo e continuava ali na sua aventura pela floresta tal como Alfredo alegre desejava estar pelo mundo. “A chegada repentina de tio Sebastião vem reforçar em Alfredo a alegria do verão e incitar-lhe para o desejo de aventuras, viagens, trabalhos, enfim, abrir-lhe outra vez as portas do mundo” (FURTADO, 2002, p. 78).

Tio Sebastião, no encontro com Alfredo, falava de tudo, falou como enfrentou a pororoca e “o menino seguia os movimentos do tio que contava a história no quintal, imitando a pororoca” (JUARANDIR, 1994, p. 44). Tio Sebastião inclusive “falou das virtudes e artes do gavião cauré, com sua fama de fazer ninho quando o ninho é feito pelas modestas andorinhas” (JUARANDIR, 1994, p. 45). Alfredo ficava encantado com as histórias do tio e não mais saía

do seu lado, sempre esperando uma nova história que o tio aventureiro vivenciou e a qualquer momento iria lhe contar:

E quando o tio contou como caçava jacaré no Afuá, essas mãos pesaram mais entre as mãos do menino: os caçadores desciam dos cavalos, entravam no pirizal, sem se incomodar com os espinhos nem cobras. Surpreendiam o jacaré dormindo na lama, só o nariz de fora. Metiam a forquilha na cabeça do bicho, este escancarava a boca, logo dentro desta atravessavam um pau que a fera mordía [...] A Alfredo era espantoso que o jacaré amarrado, com as patas viradas para trás, não lutasse nem se mexesse (JURANDIR, 1994, p. 45).

Tio Sebastião, ao tocar as mãos de Alfredo no decorrer da conversa, contando de suas aventuras de caçadas, demonstra um gesto que nos permite associar a um ato de coragem que passava subitamente do tio para o sobrinho. E quando Alfredo tomou liberdade para pegar o violão do tio, “o menino correu os dedos pelas cordas do violão, como se fosse correndo os caminhos do tio ou já estivesse partindo do chalé longe até o colégio” (JURANDIR, 1994, p. 46). Mas Alfredo, entusiasmado com a alegre visita, percorre na imaginação os caminhos do tio, que como um livre leão, vivia na selva desbravando mundos e desafiando temores.

Talvez se as histórias contadas pelo tio Sebastião evidenciassem apenas seu lado trágico, elas poderiam despertar em Alfredo o contrário, ou seja, despertariam o medo, as angústias e os sofrimento que certamente viveu o tio, mas que, pela sua forma singular de encarar situações inusitadas, suas dificuldades davam valentia ao pequeno menino. Segundo Furtado (2002), Alfredo se impressiona com o tio ao ponto de se identificar com ele através das experiências narradas pelo tio que na sua saga “reconstruída para Alfredo, não deixa de se aproximar [...] tanto os dissabores por que passou e os quais de certa forma driblou sem perder o gosto pela vida. Ele é, pois, uma espécie de Malazartes: brincalhão, viajor, burlador de fatos e do destino” (FURTADO, 2001, p. 79).

O tio de Alfredo, à sua maneira, contava as mais diversas histórias, em nenhuma delas expressava sinais de sofrimento, senão de valentia e diversão. Isso ressoa em Alfredo a coragem que nele estava latente, mas que era necessário despertar. Não podemos esquecer que ainda pequeno, quando as chuvas de março transbordavam os rios e avançavam para o aterro, numa madrugada, Alfredo se levantou da rede para ouvir o ronco do jacaré debaixo do chalé. Essa atitude do menino já demonstrava o espírito desafiador. “Alfredo gosta das grandes chuvas. Podia ter medo, mas era enorme a sensação de ouvir, uma noite o ronco do jacaré debaixo da casa” (JURANDIR, 1991, p. 03). Essa atitude de Alfredo nos revela que ainda pequeno já possuía coragem para encarar um dragão das águas amazônicas, por onde

navegava Bibiano, um homem que, pela sua forma de viver, também trazia impulsos para Alfredo através de suas experiências de mundo e da vida.

Isso porque Bibiano, em suas vivências, era comerciante das águas. Em sua embarcação ia até Belém buscar mercadorias e retornava revendendo nas ilhas do Marajó. Entretanto, para Alfredo, as viagens dele eram mais que um trabalho, era uma vida cheia de maravilhas que se permitia atravessar. “Que vida maravilhosa era a de Bibiano na sua canoa indo e vindo, trazendo quanta novidade de Belém!” (JURANDIR, 1991, p. 112). O comerciante trazia não só mercadorias na sua embarcação, mas também informações, novidades que contagiavam Alfredo. “Bibiano vinha contando dos circos, das companhias teatrais, dos navios de guerras que ancoravam no porto de Belém” (JURANDIR, 1991, p. 109). Por meio dos relatos de Bibiano, tentando agradar o Major, a quem sempre prometia novas revistas, mas não trazia, Alfredo ia conhecendo melhor a cidade de Belém que ele tanto sonhava:

Bibiano amansava Major contando dos espetáculos do Teatro da Paz, da procissão do Senhor dos Passos, do arco da entrada de Nazaré para a festa, do Museu Goeldi que não tinha mais os grandes e belos bichos de que Major falava quando ia a Belém, do circo novo que chegara, da decadência da Banda do Corpo de Bombeiros. (Bibiano tocava bombardino na banda de Ponta de Pedras). Com a sua conversa sempre vagarosa, minuciosa e cheia de parênteses, começava a contar as graças do palhaço do circo, da mulherzinha que desafiava a morte andando no fio de arame, do domador de feras. Alfredo ia descobrindo na conversa de Bibiano outra cidade. Cidade onde os homens para ganhar a vida andavam no fio de arame, vomitavam fogo, tiravam a Bandeira do Brasil da boca, davam o salto da morte, se metiam na jaula dos tigres, caramboleavam nos trapézios. A proeza dos acrobatas era exagerada pela descrição minuciosa de Bibiano, com a xícara de café na mão. Não se exaltava mas a força da conversa estava no vagar e na minúcia com que sabia narrar (JURANDIR, 1991, p. 104).

Antes das conversas de Bibiano, Alfredo tinha uma imagem de Belém do embelezamento, isso porque Siá Rosália alimentava sua imaginação, evidenciando apenas o lado belo da cidade. Ele se recorda, porém, da cidade suja que conheceu, mas do intenso contato que tinha com Siá Rosália, a cidade da beleza e do luxo dominava sua memória, pois Siá Rosália lhe falava com frequência dos bondes andando nas ruas, das apresentações luxuosas no Teatro da Paz, onde ela se dizia camareira dos artistas, do arraial de Nazaré com as rodas giratórias iluminando os céus da cidade, os circos animados bem diferentes daquele que foi se apresentar em Cachoeira.

Mas agora com Bibiano contando, Alfredo descobre que a cidade não é só beleza e alegria, nela também os homens sofrem, submetem-se a coisas absurdas. Isso tudo para ele era

estranho e espantoso, o circo, que outrora era visto por ele como sinônimo de felicidade, tinha sua dupla face, pois era feita a felicidade do público com o sacrifício dos atores que, artisticamente, representavam os dramas da existência, o homem andando no fio de arame, cuspidando fugo, enfrentado animais ferozes dentro de uma jaula, carambolando e outras peripécias. Nessa descoberta de Alfredo, notamos que a tragédia humana é propriamente representada na arte. Nelas, a vida é expressada metaforicamente na sua dimensão artística, mas real, evidenciando a sua intensidade e o repensar da realidade, o que permite a Alfredo repensar a questão da própria existência.

Nietzsche, em sua filosofia, ao defender suas concepções das possibilidades de criação e superação do homem, propõe uma interpretação de vida através dos fenômenos estéticos da natureza tal como os gregos em sua arte faziam. Para o filósofo, só “como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2001, p. 132). Cabe ressaltar que a arte – para Nietzsche – não se inscreve no âmbito da contemplação, mas da criação de um jogo de poder por ela mergulhar e elevar, por meio da interpretação, os impulsos da existência. Tomando a perspectiva Nietzscheana da vida como arte, ela seria, portanto, o deleite da existência.

A arte deve antes de tudo e primeiramente embelezar a vida, portanto, fazer com que nós próprios nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros: com essa tarefa em vista, ela nos modera e nos refreia, cria formas de trato, impõe aos indivíduos leis de decoro, do asseio, de cortesia, de falar e calar no momento oportuno. A arte deve, além disso, ocultar ou reinterpretar tudo o que é feio, aquele lado penoso, apavorante, repugnante que, a despeito de todo esforço, irrompe sempre de novo, de acordo com o que é próprio a natureza humana (NIETZSCHE, 2007, p. 81).

Na concepção de Nietzsche, a arte trágica na Grécia era o meio pelo qual as pessoas viam suas vidas representadas na sua dimensão trágica e bela, dessa forma, a arte exercia um caráter positivo, pois permitia ao homem mergulhar no caos e ressurgir mais forte frente às dores da existência; o filósofo propõe, portanto, o repensar da existência imitando os gregos. A arte apresentada na perspectiva da tragédia, para Alfredo, por meio de Bibiano, permite ao menino também repensar a existência a partir dessa visão, fato que desperta nele a consciência de que o sofrimento é inerente à vida e todos estão sujeitos a sofrer. Logo, cabe ao homem saber superar seus sofrimentos e ultrapassar os desafios, como um artista.

Podemos dizer que Alfredo, desde menino, já despertava um espírito contemplativo. Temos, assim, uma das descrições de seu modo de ser: “Alfredo, menino contemplativo e

melancólico” (JURANDIR, 1991, p. 52). A arte contemplativa, nesse sentido, é uma virtude em Alfredo e um elemento fundamental que possibilita ao menino a curiosidade para conhecer e refletir, uma vez que é por meio do pensar que ele compreende as situações da vida e, após essa compreensão, procura transmitir sua percepção como arte criativa e inventiva quando recorre ao seu carocinho de tucumã.

Bibiano, atravessando na sua canoa para lá e para cá, quando em contato com Alfredo, permitia que o menino conhecesse uma cidade do seu ponto de vista, e isso permite a Alfredo o repensar de mundo e de situações que até então não conhecia. Nos encontros com essas pessoas, Alfredo vai percebendo um mundo ainda desconhecido para ele, por meio das diversas narrativas contadas e isso evidencia diferentes percepções de existência, o que desperta nele o espírito desbravador para, livremente, viajar pelo mundo, ainda que este mundo seja o da imaginação. Por meio de tenor Florentino, tio Sebastião, Bibiano entre outros, Alfredo cria possibilidades de outros mundos instigantes e desconhecidos.

Nos cenários aventureiros e nas histórias da cidade de Belém trazidas pelas narrativas de seus interlocutores, o menino alimenta a vontade de liberdade de sua condição de existência de sofrimento para um espírito desbravador, tal como nos fala Nietzsche, na transmutação do espírito de suportaçã para o espírito livre. “Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão”. (NIETZSCHE. 2011. p. 28). Na concepção nietzschiana, o leão é o espírito livre, mas ainda não é capaz de criar novos valores, ou seja, o que está no poder do leão são a liberdade e a coragem de desbravar mundos, como a abertura e a possibilidade de criar novos valores, novas formas de viver e experimentar a coragem e a liberdade na sua relação com o mundo.

Isso nos permite dizer que Alfredo, impulsionado por um espírito desbravador, toma liberdade para criar e inventar, a partir de seus instintos e impulsos, vivências possíveis, como, por exemplo, o impulso que teve com a chegada de tenor Florentino em Cachoeira. A apresentação do cantor enfrentou problemas técnicos que causaram constrangimentos ao Tenor e aos convidados, pois a orquestra de Mestre Miranda, que acompanhava o artista, estava desentoadada e mestre Miranda demorou a ajustar os instrumentos musicais, o que irritou tenor, que, atrasado na sua apresentação, contorcia-se de raiva no palco.

Alfredo, por outro lado, estava feliz na plateia acompanhado de seu pai, estava ansioso para ouvir o tenor e perplexo de felicidade, e nessa confusão entre tenor e a orquestra de Miranda, o menino desejou se tornar o maior tenor da América, mas não podia porque não estava de posse de seu carocinho de tucumã. “Se tivesse o carocinho já ia se tornar o maior

tenor da América do sul, saberia cantar em italiano, gritaria em Cachoeira contra as janelas abertas e a orquestra do Miranda” (JURANDIR, 1991, p. 108). Ou seja, a presença de tenor Florentino cria a possibilidade de Alfredo se tornar o maior tenor da América, mas Alfredo se sente incapaz porque não estava com o seu poderoso carocinho nas mãos, mas, naquela noite, estava livre de sofrimento e dor para imaginar.

Tenor Florentino, nas suas viagens pelo mundo e conhecendo pessoas, apresentava para Alfredo o mundo de fora; Tio Sebastião, nas suas aventuras pela floresta, apresentava o mundo de dentro, das matas; Bibiano e Siá Rosália, nos rios, naquela contínua travessia entre a cidade e as ilhas, são narradores viajantes com que Alfredo teve contato. Essas pessoas, ao narrarem suas histórias de viagem para Alfredo, provocam nele o desejo de conhecer outros espaços, afirmando-se como um espírito que diz “eu quero” conhecer outros mundos. Esses relatos manifestam em Alfredo impulsos que transformam o pequeno menino, como aquele que quer conhecer, conquistar, quer dominar seu possível mundo, isso nos mostra que Alfredo avança para viver outras experiências.

Em suas múltiplas experiências, Alfredo é afetado pelo mundo. Uma nova metamorfose é produzida em Alfredo, desse modo, percebemos que ele ora está envolvido por um espírito de suportação e sofrimento, ora está impulsionado por uma vontade latente de viver e experimentar novos mundos. Nesse sentido, podemos dizer que a existência humana é um processo de infinitas possibilidades do homem que se transmuta e que atravessa pontes em sua própria existência, por isso, na concepção nietzschiana, o homem não deve ser pensado como metas a alcançar, um ser imutável diante das experiências que atravessam sua vida. Nietzsche direciona sua crítica ao utilitarismo para o qual a finalidade da “ciência seria abolir o desprazer, propondo, como contraponto, o conhecimento alegre, a sabedoria aliada ao risco de uma sensação de júbilo que só é possível quando a dor se encontra enlaçada ao prazer” (FORTES, 2014, p. 2). Aqui, o filósofo reforça sua crítica à filosofia, sobretudo a filosofia subsidiada pela objetividade, pela racionalidade:

Habitualmente nos empenhamos em alcançar, ante todas as situações e acontecimentos da vida, *uma* atitude mental, *uma* maneira de ver as coisas – sobretudo a isto se chama ter o espírito filosófico. Para enriquecer o conhecimento, no entanto, pode ser de mais valor não se uniformizar desse modo, mas escutar a voz suave das diferentes situações da vida; elas trazem consigo suas próprias maneiras de ver. Assim participamos atentamente da vida e da natureza de muitos, não tratando a nós mesmos como um indivíduo fixo, constante, único (NIETZSCHE, 2000, p. 295).

De acordo com Nietzsche, o homem deve cultivar o espírito filosófico para ver e pensar as coisas. Nesse sentido, cabe aos espíritos filosóficos, que buscam analisar a existência humana, adotar uma postura e escuta mais suave das diferentes situações da vida, de pensar o homem como essa possibilidade de abertura de novas perspectivas e de transmutação. Um olhar filosófico atento aos processos, às travessias e às metamorfoses do espírito, pois a existência é este processo em mudanças que se expressam nas diferentes situações da vida e que permitem ao homem possibilidades de transmutações, fazendo com que ele se renove cada vez mais em marcha sobre si mesmo, uma vez que, ao se livrar do peso da existência, torna-se livre e, ao se libertar, é capaz de desbravar e criar mundos possíveis. Esse processo insinua justamente as forças e as vontades presentes na metamorfose do espírito que Nietzsche, por meio de Zaratustra, quer enfatizar.

Na leitura dos romances dalcidianos *Chove nos campos de Cachoeira* (1991) e *Três casas e um rio* (1994), podemos encontrar outras passagens que demonstram Alfredo enquanto um espírito que impõe sua vontade de afirmar seu querer. Nas observações de Lucíola, sua mãe postiça e atenta aos detalhes, visualizamos um espírito que se afirma desde pequenino, isso porque Lucíola, desprovida do matrimônio e completamente envolvida na ideia de maternidade, era uma “mãe” tão dedicada que chegava ao ponto de perceber todos os aspectos físicos e comportamentais no menino, desde seus primeiros movimentos. “Alfredo botava berreiro para frente, Alfredo tinha capricho, balbuciava pela primeira vez uma palavra, que graça, que revelação para Lucíola!” (JURANDIR, 1991, p. 54). Tal como uma mãe atenta aos detalhes do filho, ela presenciava com orgulho cada nova descoberta de Alfredo.

Apesar de não possuir a experiência do parto, Lucíola sentia que Alfredo brotava dela, porque conhecia perfeitamente cada detalhe daquele serzinho. Nada em relação ao menino passava despercebido aos olhos daquela “mãe” cuidadosa, nem dona Amélia, de quem Alfredo saiu do ventre, nem a parteira dona Prisca, que tomou Alfredo pela primeira vez nas mãos, nenhuma das duas compreendiam o menino tão bem quanto ela, pois estaria realizada como mulher e mãe se Alfredo permanecesse eternamente criança. No seu mundo maternal, cada detalhe, cada mudança em Alfredo é notadamente percebida por ela, que triste ficava ao notar também que o tempo e as coisas provocavam mudanças em Alfredo, o que distanciava o menino dela:

Ninguém, a não ser Lucíola, tinha a autoridade e isso era o seu orgulho, a sua arte, a sua preocupação, pode-se dizer, poética, de contar para Alfredo, o seu já crescido Fredinho, as denguiques que fizera. Ora, quem primeiro ouviu Alfredo dizer, choramingando, apontando o dedinho para rua; Mamãe, siá,

mamãe siá! tinha sido ela! Nem dona Amélia, nem D. Prisca, ninguém compreendeu que o que o menino queria dizer naquela tarde era passear! Queria por força passear! [...]. Lucíola, porém, viu com quase desespero que Alfredo crescia, perdia a criança, deixava de bater palmas com o papai-mamãe, de gritar ó Mamãe siá! Alfredo já estava caneludo, menino feito, comprando carne no mercado e brincando com barquinhos de papel nas valas cheias. Já não podia fazer o Fredinho dormir ao som das modinhas antigas, como *O Gondoleiro do Amor*, *Boa Noite Maria*, *Vou-me Embora*, *A Lua na Janela Bate em Cheio*. Ele já não cheirava as dobras de sua saia, não comia a papa que ela fazia com muito açúcar e fervura. Os fatinhos feitos na loja, Alfredo sabia vestir sem precisar de ninguém. Os sapatos eram grandes, ela não lhe media mais o pé para mandar siá Rosália comprar um par de sapatinhos bem da moda em Belém, pra ela. Alfredo crescia. Era uma ingratidão bem humana aquela do tempo [...]. Alfredo já estava menino entendido e Lucíola ia ficando para trás, para trás como uma abandonada [...].

— Fui apenas uma ama-seca... Por que esse menino crescia? Mais se distanciava dela como se fosse um castigo, uma [108] humilhação terrível? Como se o tempo não perdoasse aquela falsa maternidade, como se Alfredo, por força da natureza, fugisse daquela outra mãe virgem e ardente. (JURANDIR, 1991, p. 55).

Notamos, nessa descrição das percepções de Lucíola, que o menino cresce e se transforma, mas um aspecto importante, que merece destaque na observação dela, é que Alfredo, já crescido, parece fugir por força da natureza, repudiando seus cuidados e seu amor. Levando em consideração que Alfredo está envolvido pelo impulso de um espírito que se afirma, diríamos que ele ansiava por sua liberdade. Ser livre era sua ambição, e ela perdia “Alfredo, porque este avança impetuosamente para o mundo com a sua ambição, o seu desprezo e a sua revolta por tudo que era aquele chalé, a casa velha” (JUARNDIR, 1994, p. 195).

Lucíola se lamentava que Alfredo crescesse negando seus cuidados, mas podemos dizer que, na perspectiva nietzschiana das metamorfoses do espírito, a reação do menino era um ato de rebeldia de um espírito, que se sente aprisionado por aquela falsa mãe e deseja se libertar, talvez porque percebesse que Lucíola, nas suas denguições, desejava lhe enclausurar no seu mundo, naquela casa velha, desejando, inclusive, tomar a guarda de Alfredo de D. Amélia. Para Torres (2015), a extrema dedicação de Lucíola para Alfredo denota “uma projeção maternal insistente e até mesmo com indícios doentios pelo mesmo” (TORRES, 2015, p. 5). Que inclusive chegava ao ponto de desejar parar o crescimento do menino:

Por que esse menino crescia quando devia ser sempre daquele tamanho como via, puxando a bainha do seu vestido, brabo, jogando a colher de papa em cima dela? D. Amélia, que desejava ver seu filho liberto dos dengos de nhá Lucíola, se alegrava vendo o filho crescendo, sem mais mamãe-siá! (JURANDIR, 1991, p. 57).

Percebe-se que Alfredo no seu crescimento era uma criança que apresentava sinais de rebeldia e valentia com Lucíola, uma atitude que demonstra que ele, desde cedo, vinha buscando sua autonomia, sua liberdade, talvez percebesse que aquela ama-seca na sua vigília tentava impedir não somente seu crescimento, mas, principalmente, sua conquista da liberdade. A atitude de rebeldia em determinados momentos de Alfredo para Lucíola demonstra que o menino renuncia aos cuidados daquela mãe postiça para se tornar livre e, com isso, poder voar e respirar outros ares. Renunciar é um ato característico do espírito livre. Alfredo renuncia ao mundo de Lucíola, porque era um mundo fechado; quando sua mãe, siá Rosália, ia a Belém, “embarcava sempre com Dadá e deixava Lucíola na velha casa que tem na sala um quadro de S. Expedito, um de S. Sebastião e o velho relógio grande, fatigado” (JURANDIR, 1991, p. 49).

Alfredo em determinadas circunstâncias repudiava não Lucíola, mas sua maneira de viver, na qual ela mesma se enclausurava na sua casa, no seu mundo e Alfredo desejava conhecer novos mundos, por isso, renunciava ao mundo de Lucíola para conquistar outros. Vale ressaltar, segundo Nietzsche, que a renúncia do espírito livre é a renúncia de um mundo, porque aspira a outros mais elevados, quer voar mais alto ou, como diz em Zarathustra, quer ser senhor de seu deserto:

Que faz aquele que renuncia? Ele aspira a um mundo mais elevado, ele quer voar mais alto, mais longe e mais alto do que todos os homens da afirmação – ele *joga fora* muitas coisas que atrapalha seu voo, e entre elas coisas que lhes são valiosas e queridas: sacrifica-as à sua ânsia das alturas. Esse sacrifício, esse jogar fora, é justamente aquilo que se torna visível nele: por causa disso chamam-no de aquele que renuncia, e como tal ele nos aparece, envolto a seu capuz, como se fosse a alma de um silício. Mas ele está satisfeito com a impressão que faz em nós: quer manter oculta a sua ânsia, seu orgulho, sua intenção de voar *acima* de nós. – Sim, ele é mais sagaz do que pensamos, e tão gentil para conosco – esse afirmador! Pois é isso tal como nós, também ao renunciar (NIETZSCHE, 2012 p. 75).

Para Nietzsche, a renúncia abre caminho para a elevação do espírito, portanto, é condição necessária para as metamorfoses no homem. Isso implica, entre outras coisas, abdicar de determinados aspectos que, muitas vezes, impedem o conhecimento de certas verdades, ou do próprio caminhar livre. Embora Alfredo tenha uma relação afetiva com Lucíola, ele renuncia não só ao mundo dela, mas também ao de Cachoeira, porque almeja outros mundos, como por exemplo, o mundo de Marinatambalo.

E é exatamente com Lucíola, segundo Torres (2015), que Alfredo vai atravessar uma importante passagem de sua vida, “é em uma desenfreada fuga a um chamado Reino de

Marinatambalo onde o caos interno do personagem se tranquiliza e diversas de suas questões são solucionadas” (TORRES, 2015, p. 2). Cabe destacar que Alfredo teve os primeiros conhecimentos sobre Marinatambalo por meio das histórias que Lucíola lhe contava, uma fazenda que pertencia à família dos Menezes, conhecidos pela barbaridade com que tratavam seus funcionários e vizinhos. Falida em função de um golpe dado pelo sócio do Doutor Meneses, a fazenda se torna um reino de histórias misteriosas.

No entanto, Alfredo tinha receios daquela fazenda, porque Lucíola encharcava as histórias de terror de fantasmas que ali pareciam morar. Mas, foi após o contato com o corajoso tio Sebastião, que o menino criou coragem para fugir a Marinatambalo, porque este contou ao menino que por lá passou. Alfredo, desolado com a morte da irmã, o alcoolismo da mãe e as brigas dentro do chalé, tomou coragem e partiu numa noite escura, pelo campo sozinho. “Que rumo tinha aquela fazenda? Perguntou Alfredo. Não sabia orientar-se.” (JURANDIR, 1994, p. 116). Sem outras orientações, orientou-se apenas na coragem de seu espírito desbravador. “Segues teu caminho de grandeza; aqui ninguém te acompanhará furtivamente! Teus próprios pés apagaram o caminho atrás de ti, e acima deles está escrito: impossibilidade” (NIETZSCHE, 2011, p. 145). Haveria de achar aquela fazenda, pois a força do querer imperava nele naquele momento.

A noite apagava todos os caminhos e o menino avançava pelo aterroado com dificuldades, saltando aqui e ali, por causa dos espinhos e com medo das cobras. Essa preocupação não era à-toa porque sentiu no seu rastro qualquer coisa como uma cobra que o perseguisse. Pôs-se a correr apanhando pedaços de sacaí que atirava para trás. Deu muitas voltas no meio do campo, acreditando que assim enganaria ou cansaria o agressor desconhecido. Descobriu aliviado um caminho liso que se desnivelava pelo campo. Correu-correu, até convencer-se de que nada o perseguia. Parou para respirar profundamente e isto o reanimou. Os vaga-lumes saltavam. Aos poucos, a noite se tornou clara e Alfredo [...]. Estava só naqueles campos e desejou ser rapaz crescido, forte, para continuar a correr, galopando em cavalos bravos, matando jacaré como seu tio (JURANDIR, 1994, p. 116).

Alfredo seguiu o caminho sem saber exatamente sua direção. Sozinho em fuga, atravessa o medo e o campo na noite escura de Cachoeira para chegar à tão temida fazenda de Marinatambalo. Desbravando caminhos ele cria estratégias para driblar as dificuldades e um “não farás estar em seu caminho, reluzindo em ouro, um animal de escamas, e em cada escama brilha um dourado ‘Não-farás’” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Mas, pelo espírito de coragem, suas dificuldades são também superadas. Nesse caminhar de Alfredo livre, desbravador e corajoso, a noite já não lhe amedronta mais, de escura se torna clara e Alfredo

deseja mais, deseja ser forte para domar animais ferozes ou até mesmo matar jacarés, assim como o tio Sebastião nas suas caçadas pelas matas.

A intensa noite sugere um descanso e Alfredo, num lapso, é surpreendido no amanhecer com a voz de Lucíola. Segundo Furtado (2007), na fazenda de Marinatambalo, os dois vivenciam experiências, que acolhidos pelos Menezes, tanto Alfredo como Lucíola “perfazem travessias internas, ele tem a oportunidade de ser cruel com esta mãe branca e imagem da primeira infância, numa continuidade de libertação da mãe madrasta. Em compensação matando a mãe-madrasta pode ficar com a mãe-mãe” (FURTADO, 2007 p. 206-207). Essa travessia de Alfredo permitiu também a libertação de “tirania de ilusões e mentiras, de medos e de faz-de-conta. E por isso sentiu que crescera muito naquela noite, tornava-se adulto pelas decepções e pelo orgulho ferido” (JURANDIR, 1994, p. 117).

A experiência de Marinatambalo aboliu medos, e despertou também a coragem de Alfredo para percorrer outros espaços fora da vila de Cachoeira. Se antes o menino explorava os espaços apenas pela imaginação, após a fuga a Marinatambalo, ele passou a explorar espaços físicos bem mais distantes do chalé e dos pais. Isso porque Alfredo, na sua trajetória de vida, conheceu Andreza. Foi numa tarde em que ele na rede se recuperava de uma forte inflamação nos olhos, D. Amélia cuidou do doente que mal se levantava para as necessidades básicas, Alfredo teve os olhos vendados com um pano preto e foi nessas circunstâncias que Lucíola, imaginando o tédio do menino, levou a Andreza para lhe apresentar. Não houve diálogo entre os dois, eles apenas se olharam e Lucíola vendou os olhos de Alfredo novamente.

Alfredo e Andreza tiveram outros encontros que foram fortalecendo a amizade, sempre em aventuras, descobertas e experiências vivenciadas dentro e fora da vila. Ele, já recuperado e de olhos abertos, pôde conhecer o mundo que Andreza com sua audácia e coragem tinha para mostrar. Foi numa dessas aventuras que os meninos “combinaram atravessar o rio em busca de ovos de pássaros nos campos da outra margem” (JURANDIR, 1994, p. 91). Alfredo não comunicou aos pais que iriam atravessar o rio. Os meninos tomaram uma canoa à beira do rio e, sob o comando de Manoel Judas, partiram para o outro lado.

À medida que a canoa se distanciava, o velho mundo de Alfredo desaparecia e ele “não via os fundos da rua, a velha varanda do coronel Bernardo, trapiches velhos, sentinas e banheiros, bandas de pirarucu nas varas, roupas estendidas como tripas das velhas casas. Não via nada” (JURANDIR, 1994, p. 91). Nesse momento, Alfredo ia sendo tomado por um desespero, o desespero de estar saindo de sua zona de conforto, assim como na noite da fuga a

Marinatambalo, mas quando fugiu para a fazenda, Alfredo sentiu o medo do desconhecido, a fuga para a ilha, porém, despertava o medo de não ter pedido permissão aos pais e o grande desejo de desbravar aquele mundo desconhecido. Talvez a experiência de Marinatambalo tenha abolido também o medo do desconhecido.

Chegando à outra margem, os meninos descobriram que não havia ovos, mas, aproveitando que estavam ali, não perderiam viagem. Andreza, menina esperta e inteligente, teve uma ideia: “Sentada num galho de pitombeira, Andreza planejava afastar-se um pouco mais da beirada, [...] E assim resolveu atrair o amigo para uma excursão um tanto longa e audaciosa: irem à Mãe Maria. Duas horas a pé. Alfredo concordou” (JURANDIR, 1994, p. 93). Era uma fazenda distante, mas Andreza convenceu Alfredo a prolongar o passeio por novas aventuras. Os meninos adentraram a ilha, explorando lugares até então desconhecidos, sem medo como dois corajosos e aventureiros.

No longo passeio a pé, os meninos vivenciaram experiências inusitadas, situações desafiadoras, como, por exemplo, desafiar elementos misteriosos da natureza ao evocar a mãe do fogo, inclusive “passaram a correr à frente de uma vaca que os ameaçava, avançando sobre eles. E se desviando do gado, abaixavam-se pelas moitas, ziguezagueavam, fazendo medo um ao outro, evocando mãe de fogo mostrando imaginárias cascavéis” (JURANDIR, 1994, p. 93). Envolvidos em suas aventuras como desbravadores livres e corajosos, desafiaram a natureza, os animais e os seus medos, só perceberam o passar do tempo, quando viram a noite cair.

Analisando esses aspectos de Alfredo nos romances, denotamos que a companhia de Andreza permitiu ao menino novas descobertas em novos mundos e que Alfredo no passeio à fazenda Mãe Maria, superou seus medos, quando desafiou principalmente a mãe do fogo, mas a coragem dos dois foi muito além quando eles resolveram desafiar um fenômeno real, a pororoca. Foi outro passeio não comunicado aos pais de Alfredo, quando ele e Andreza, que vivia como um andarilho, pois era órfã de pai e mãe, que haviam sido vítimas dos Menezes na fazenda de Marinatambalo, saíram para o rio escondido. Os meninos roubaram a montaria de Seu Ângelo da Madre de Deus, que ancorou sua montaria à beira da vila durante a noite, quando no meio do rio estavam esperando a pororoca passar, foram notados por moradores, que aos gritos comunicavam D. Amélia:

[...] Foi quando se ouviram gritos na rua de que dois meninos estavam no meio do rio esperando a pororoca. Lucíola desceu a escada e já atravessando o aterro, no rumo da margem, corria d. Amélia. Não havia uma só embarcação por ali na beirada, tinham que ir ao trapiche municipal. D. Amélia gritava chamando o filho [...]. Mas os dois meninos remavam tranquilos no meio do rio naquela noite. Andreza tinha visto o seu Ângelo da

Madre de Deus desembarcar da montaria e subir a ribanceira. Acenou para o Alfredo. Os dois pararam diante da montaria, surpreendidos. Era nova, pintada, cheia de cachos de banana verde, uma abelheira, a galinha e seis pintinhos, dois muçãs enfiados num cipó, umas parasitas em flor, o feixe de folhas de maniva, a cuia de tapioca dura. Alfredo se lembrou do pedaço de floresta que encostara no chalé pelas águas grandes. Aquilo era um sítio que viajava também, subindo o Arari. Os pintinhos piavam. Andreza hesitou, olhando o amigo. Este fez sinal com a cabeça que era a sua resolução de desamarrarem a embarcação e partirem para esperar a passagem da pororoca (JURANDIR, 1994, p. 181).

Quando tio Sebastião esteve em Cachoeira, contou para Alfredo que passou a pororoca e saiu ileso, o menino ficou entusiasmado com a coragem do tio. Mas foi com Andreza que ele se aventurou a enfrentar este fenômeno, que a montaria de seu Ângelo da Madre de Deus convidava a navegar. Juntos naquela aventura, os meninos atravessaram o rio e teve um momento que pararam a embarcação para esperar as ondas da pororoca, mas foram notados pelos moradores, quando Andreza lhe explicava o mistério da pororoca:

E na hora em que alguém os descobriu, Andreza explicava o mistério da pororoca: — E três pretinhos que vêm pulando na espuma da maresia, brincando, fazendo pirueta tanto que, quando a ribanceira tem pedra, eles atravessam mergulhando. Mudam de beira e vão aparecer mais adiante na cambalhota. Diz-que os pretinhos na volta vêm por terra. Por isto é que a pororoca não volta. Ouviram os gritos e se assustaram mais do que se fosse a pororoca. A montaria descia na correnteza como palmeira de bobuia, em que os pintinhos se calavam, pressentindo a aproximação dos três curumins pretos. Alfredo manjava o remo com certa dificuldade. A popa era alta para ele, a embarcação pesava. Andreza no meio, o remo suspenso, tinha o ouvido à escuta. Ah, disse consigo, se a pororoca voltasse de lá de cima do rio e levasse ele e ela para a cidade na cabeça dos três pretinhos! Riu e ao lhe perguntar Alfredo por que ria, Andreza afirmou que era uma besteira, não fosse atrás de tudo que lhe desse na cabeça (JURANDIR, 1994, p. 181).

No meio do rio e da embarcação, Andreza conta o mistério da pororoca e provoca Alfredo a viajar na imaginação, refletindo principalmente na possibilidade da pororoca levar os dois até Belém, o que manifestou no pequeno menino os impulsos da criação, não podemos esquecer como diz Nietzsche, o espírito livre ainda não é capaz de criar, a pororoca não levou Andreza e Alfredo na cabeça dos três pretinhos até a cidade, mas criou a possibilidade, pois livre estavam para inventar que poderiam ser levados na cabeça dos pretinhos. Convém mencionar, portanto, que este é um momento que Nietzsche chama de o grande meio-dia, ou seja, a oportunidade para a arte criativa do espírito inventivo. “E este é o grande meio-dia: quando o homem se acha no meio de sua rota, entre animal e super-homem, e celebra seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança, pois é o caminho para uma nova

manhã” (NIETZSCHE, 2011, p. 76). Alfredo se viu na possibilidade, de por meio dos pretinhos da pororoca chegar a Belém.

A fuga para Marinatambalo, bem como as aventuras nos passeios em Cachoeira, permitiu ao menino não somente a travessia de um espaço geográfico, dos campos, dos rios, mas, sobretudo, a travessia e de seu espírito, porque são nessas aventuras que o menino toma coragem para enfrentar os desconhecidos mundos, e nesse desafio ele é levado a conhecer não só outros mundos, mas a si mesmo. Pode-se aproximar a partir dessas experiências vivenciadas por Alfredo a imagem do andarilho apresentada por Nietzsche, a figura de um escalador de montanhas, aquele que não gosta de ficar parado, estar em constante movimento. Assim disse em palavras a Zaratustra: “eu sou um andarilho e um escalador de montanhas, disse para seu coração, eu não gosto das planícies e, ao que parece, não posso ficar muito tempo parado” (NIETZSCHE, 2011, p. 145).

Alfredo, como um andarilho de campos, não gostava também de ficar parado. Os relatos, os encontros, as aventuras e os caminhos nos campos inquietavam seus pensamentos e lhe produziam metamorfoses. As constantes tentativas de fuga, as aventuras por lugares desconhecidos e o inquietante desejo de formação de Alfredo mostram um menino que não ficava ressentido, apenas remoendo sofrimentos, frustrações daquele espaço que deseja sair, mas se aventura a ir além do conhecido num movimento que provoca a superação de seus temores e de si mesmo, transformando-o em um menino corajoso e destemido.

Por isso, interpretamos que suas fugas não necessariamente sejam fugas por covardia, mas, sobretudo, pela vontade de querer conhecer e se libertar para experimentar outros mundos. Ou seja, uma vontade de mudar aquela realidade vivenciada apenas em Cachoeira, pois permanecer em Cachoeira era ficar alienado àquele único mundo e não realizar seu desejo de formação, principalmente porque estava alienado à escola de seu Proença, “que desânimo para Alfredo a escola de seu Proença” (JURANDIR, 1991, p. 76), sobretudo porque sabia que nessa escola não iria adquirir os conhecimentos que desejava. Na escola de seu Proença, todos os dias, eram as mesmas situações, naquele ensino tautológico, que impedia Alfredo de aprender livremente.

Quando Nietzsche, ironicamente, critica instituições que pregam a liberdade, mas aprisiona com suas regras e valores, o que essas instituições fazem é apenas aprisionar o homem na sua doutrina, por isso ele lança seu questionamento. O “querer liberto; mas como se chama o que acorrenta até mesmo o libertado?” (NIETZSCHE, 2011, p 133). Alfredo tem o desejo de conhecer e seu Proença como professor poderia mediar este aprendizado, mas o

que faz é apenas repetir os deveres e as tabuadas, pois sua escola era uma mera reprodutora do mecanismo estabelecido pelo Estado, cujo objetivo visava repassar os valores sociais para estabelecer a ordem e o desenvolvimento da sociedade e não do indivíduo em si.

Nessa forma de ensino, Alfredo é impossibilitado de aprender e refletir sobre sua própria realidade, descartando as possibilidades de fazer a sua própria transformação por meio de seus aprendizados. Nesse sentido, o Professor Proença deveria ser “um vetor da produção de superação, de condições de superação dessa miséria, ser um vetor da libertação, de possibilidades de libertação” (GALLO, 2008 p. 61). Convencido de que na escola não seria possível essa libertação, Alfredo se estendia aos cajueiros e era nessa travessia que ele aprendia, pois, na sua concepção, os cajueiros ensinavam mais que a escola de seu Proença:

A realidade daquela viagem para a escola só estava nos cajus. Alfredo tinha era camaradagem pelos cajueiros. Eles ensinavam mais que a escola de seu Proença. Eram os cajus e a água de siá Águeda. Ia de propósito para lá para tomar água. Uma cuia cheia. Que água! Os potes eram velhos (JURANDIR, 1991, p. 76).

Para Farias (2009), o ensino de seu Proença preconizava um modelo pautado na reprodução de afazeres, o que deixava Alfredo entediado ao ponto de se projetar para longe dali, para o seu Anglo-Brasileiro, ou até mesmo em Belém. Segundo o autor, “a não atratividade da escola, somada principalmente à atitude do professor, marcava a vida do marajoara, que avista no Anglo-Brasileiro e em Belém a verdadeira educação, a educação escolarizada” (FARIAS, 2009, p. 37). A escola de seu Proença seguia um sistema de ensino em que os valores morais da sociedade eram transmitidos. E é por meio destes valores que Seu Proença tenta enclausurar Alfredo com regras e deveres, o que fazia Alfredo detestar aquele ensino e aquela escola, expressos na sua repulsa e no desânimo de ir para a escola.

Esse desânimo evidencia a necessidade de Alfredo enquanto um espírito que se afirma, “sair da escola de seu Proença, da tabuada, do argumento aos sábados, da eterna ameaça da palmatória embora nunca tenha apanhado, daquele banco duro e daqueles colegas vadios que todo dia apanhavam e ficavam de joelhos” (JURANDIR, 1991, p. 45). Deduzimos que os bancos duros de seu Proença, detestados por Alfredo significa não só a revolta pelas precárias condições da escola em termos estruturais, mas, principalmente, a dureza do sistema de ensino, que, possivelmente, indica a barreira, repetindo-se muito nas salas de aula entre professor e alunos, o que impossibilita o diálogo e a troca de saberes quando somente o professor impõe seus conhecimentos e desconsidera as experiências dos alunos.

Atentando para a questão da educação escolarizada de Alfredo em Cachoeira, percebemos que Alfredo vivenciou outra experiência escolar semelhante à de Seu Proença. Esta diz respeito à passagem da professora que veio de Portugal. O fato de ter estudado no exterior, num dos países mais desenvolvidos do mundo, refletia na professora um ar de superioridade em relação aos alunos e aos Cachoeirenses. A professorinha, vindo de Portugal para o interior da Amazônia esbanjava sua elegância na entoação da fala, nas roupas alvejadas, nos comportamentos delicados e toda uma combinação de falas e assessórios finos, tanto quanto seu corpo. E todos os intentos da professora em demonstrar seus conhecimentos através daqueles comportamentos e gestos não passaram despercebidos aos olhos e ouvidos do argucioso Alfredo, que nas espreitas da conversa colhia os “efes” e “erres” da professora, principalmente quando ela, toda entoada, solicitava ao Major os pagamentos atrasados.

Alfredo, a pedido de D. Amélia, que vê no filho sinais de desânimos, é transferido para a nova professora, “com ela, o menino experimenta momentos parecidos com os vividos na escola de seu Proença, basicamente tratava-se de uma professora sem conteúdo, detentora de um ensino ‘trabalhado’ e vazio” (FARIAS, 2009, p. 38). Não muito distante da escola de seu Proença, ele vê se repetirem as cenas de um ensino metódico e defasado, sua ira é duplamente provocada, porque esta viajou pelo mundo, mas não trazia o que ele gostava, ou seja, as experiências de vida, que Bibiano na sua canoa, Tio Sebastião ou Tenor Florentino traziam. Para “Alfredo, que se rendia à sonolência e ao tédio, a professora virava um ser de giz, esponja e lápis, rosto de palmatória, orelhas de borracha, unhas de mata-borrão” (JURANDIR, 1994, p. 89) que encenava às aulas como uma peça teatral, em que tom de voz e gestos deveria estar devidamente alinhado.

Diríamos, portanto, que a relação de Alfredo com a professorinha, mesmo que imperceptível para ele, foi produtiva, uma vez que, no contato com ela, seus pensamentos se aguçaram, provocando rebeldia e reflexões sobre a educação escolarizada, o modelo de ensino trazido de Portugal e, principalmente, os desnecessários comportamentos da professora não só dentro da escola, mas também na vila ao tentar se enquadrar sempre num perfil de mulher dócil. A todos esses atributos da professora, Alfredo, embora não demonstrasse, não se sentia inferior diante dela, sentia-se, inclusive, mais valorizado por suas experiências vividas dentro de Cachoeira e de seu caroço de tucumã.

Talvez Alfredo entendesse que seu Proença e a professora tivessem que aprender mais da vida e que seus ensinamentos fossem para a vida, por isso, ele deseja outras escolas, outros ensinamentos. Mas, como inventar um modelo de ensino se nas escolas de Cachoeira

só era possível a reprodução mecânica de certas tarefas, que impossibilitava o pensar livre para a criação? Para Costa e Cardoso (2015), as atitudes de Alfredo frente àquela educação refletem os germes de uma educação revolucionária desejosa de acontecer. Ainda segundo as autoras, nas atitudes de desânimo e toda opressão estabelecida aos alunos, averiguamos a necessidade de “uma educação como *invenção*, possibilitando a criação de realidades como singularidades de um tempo e lugar [...] instigando-nos a pensar sobre as condições em que vivemos e a educação do presente” (COSTA; CARDOSO, 2015, p. 6).

Alfredo rechaça aquelas escolas e aqueles professores. O conhecimento para ele estava para além de um sistema metodológico, como o da escola de seu Proença ou da professora. Para ele, os conhecimentos eram adquiridos em passeios nos campos: “Que bom não ir à aula! Um passeio nos campos seria uma viagem pelo mundo com o carocinho na mão”. (JURANDIR, 1991, p. 81). Certo que nos campos aprenderia livremente sobre o mundo, bem mais que nas escolas de Cachoeira.

Alfredo quer experimentar a liberdade para além de Cachoeira, da escola de seu Proença, por isso, ele expande sua força e afirma a sua vontade de conhecer outros mundos, e é nesse querer expansivo que ele entende a necessidade de criar, de inventar mundos possíveis, ainda que sejam mundos dentro de Cachoeira ou dentro do carocinho, “querer liberta: pois querer é criar: assim ensino eu. E *somente* para criar deve aprender” (NIETZSCHE, 2001, p. 197). Nessa perspectiva nietzschiana, Alfredo, envolvido por forças e vontades que deseja afirmar, efetua a terceira metamorfose do espírito, ou seja, o espírito livre e desbravador do leão presente em Alfredo impulsiona a transmutação do leão no espírito de inocência, esquecimento e criação descritos na figura da criança.

### III. INOCÊNCIA, ESQUECIMENTO E CRIAÇÃO: ALFREDO UMA VIDA INVENTADA.

“Na sua inocência, a criança joga, esquece e cria” e com isso afirma um espírito inventivo. Na analogia da criança, o espírito inventivo ou da criação, segundo a concepção nietzschiana, é o espírito que diz sim à vida através do jogo da criação, “sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer sim: o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo” (NIETZSCHE, 2011, p. 29). Esse espírito, segundo Nietzsche expressa o espírito da inocência e do esquecimento, a inocência de quem quer uma vida leve e lúdica tal como de uma criança, pois não deseja se martirizar eternamente com os acontecimentos que lhe causam dor, devido as suas capacidades de invenção serem imediatamente restabelecidas pelo jogo do esquecimento, da inocência e da criação em uma brincadeira prazerosa que lhe alça voos para a imaginação.

Analisando as obras dalcidianas *Chove nos campos de Cachoeira* (1991) e *Três casas e um rio* (1994), observamos que Alfredo tem uma rica capacidade de invenção e criação, sobretudo quando está de posse do pequeno carocinho de tucumã. Nessa relação com o caroco, o menino experimenta um devir-criança envolvido em um mundo da inocência, do esquecimento e da criação. A inocência de quem deseja viver sem as amarras das regras e valores que não fazem sentido ao seu mundo, um jogo no qual é possível esquecer, ou transformar sofrimentos em alegria, ou então, encarar a vida com doçura, ou leveza de uma dança, bailar livremente ao som da imaginação característica de uma criança. Alfredo, na sua capacidade de contemplação das coisas e fabulação de mundos, foi convidado a dançar como uma borboleta que entrara pela varanda, e bailando em voos perpassava levemente todos os espaços do chalé, encantando o pequeno menino:

A atenção do menino se voltou então para uma borboleta que entrara do campo por uma janela da varanda. Foi acompanhando o vôo: azul, de pontas douradas, pousava, ia a mesa de jantar, depois no soalho, logo na parede; enfiou pelo corredor, roçando pela asa de um caneco; varou pela porta da despensa, pousando no paneiro de farinha, mão de milho, no açucareiro do aparador. Que imenso voo, na verdade, quantos espaços, quanta distância, quantas coisas desconhecidas, que imenso tempo levou voando agora a borboleta? Tentou apanhá-la, mas o importante era vê-la bailando, insatisfeita nas suas viagens. Viu a um instante, quieta, como enamorada de si mesma suas cores, seus movimentos, sua graça. Gostaria de trazer-lhe o espelho para que ela se mirasse longamente e tivesse a confirmação de que era belo. Quis ir ao quarto busca-lo e temeu acordar Mariinha que viria estragar tudo. Para melhor divertir-se tirou um torrão de açúcar e colocou no

aparador em torno do qual a borboleta deu um giro rápido (JURANDIR, 1994, p. 75).

Alfredo contempla minuciosamente cada detalhe daquele ser que sofreu o processo de metamorfose, com as dores de uma transformação, mas se tornou em si mesma bela e encantadora, que agora leve baila em voos, explorando espaços desconhecidos. A arte da vida apresentada nessa simbologia possibilita a compreensão da vida num processo de transmutação, de travessias, que provoca dores e o abdicar de cascas pesadas que impedem o bailar leve e livre. O processo final resulta num ser transformado e belo, que encanta com a beleza, a doçura e a leveza na arte de viver. Alfredo, momentaneamente, pensou pegar a borboleta, mas prendê-la impediria o espetáculo que lhe encantava. Deixá-la livre juntamente com um torrão de açúcar era permitir que ele também bailasse docemente na sua imaginação.

Dançar e adoçar a vida são virtudes que somente os espíritos inventivos adquirem na experiência da existência. Nietzsche considera que, em processo de transformação, o homem, ao superar seus medos e problemas, é capaz de dançar a vida a seu modo e com prazer, sem o peso dos sofrimentos e dos preceitos morais que insistem em tornar árdua a existência. Na concepção nietzschiana, o sofrimento deve ser encarado como um instrumento de superação, mas é necessário que ele, tal como a alegria e o prazer, seja vivido na sua intensidade de modo que, ao buscar a superação das fraquezas, possa afirmar-se perante a ele, pois o sofrimento, enquanto afirmação da vida, é potência.

Na festa do asno – que Nietzsche, inventivamente, criou, por meio de Zaratustra –, podemos dizer que o velho adivinho era um desses espíritos inventivos, que dançava leve e doce. E mais doce que o vinho que bebia estava ele cheio de vida doce. “Mas o velho adivinho dançava de prazer; e, ainda que ele estivesse cheio de vinho doce, como acreditavam alguns narradores, é certo que estava ainda mais cheio de doce vida e havia declinado de todo cansaço” (NIETZSCHE, 2011, p. 302). Em determinadas circunstâncias, Alfredo era envolvido em um devir-criança, que também dança docemente na imaginação, na criação e na invenção de seus mundos, que para ele era a arte de viver. Nela, o menino virtualizava as situações numa rica criação de circunstâncias que lhe rendiam horas dentro de um mundo unicamente seu.

A arte de inventar era uma característica marcante do pequeno menino, nas situações do dia a dia ele cria e inventa mundos, que somente ele era capaz de compreender e vivenciar, como, por exemplo, um dia em que Alfredo aproveitou as grandes enchentes para pescar. Devido à forte chuva que caía em março, durante o inverno, as águas transbordavam os rios de Cachoeira e invadiam os aterros; as ruas pareciam rios que transportavam por debaixo do

chalé lixos, peixes, jacarés e outros. Aproveitando-se dessa situação, Alfredo pegou um caniço para pescar ali mesmo pela fresta das tábuas do assoalho, lá o menino lançava sua linha para atrair os peixes, ficava horas as espreitas esperando uma presa, até que um dia viu um peixinho se aproximando do anzol para tomar a isca, nesse instante ele observou que o peixinho não fisgava o anzol, mas Alfredo se fisgou na imaginação:

De ordinário, o peixe apenas beliscava a isca, tão de leve, e assim ficavam, Alfredo e o desconhecido, num colóquio, como se combinassem sonhos e aventuras ou cada qual falasse de sua vida, do que via e acontecia em seus mundos. Durante alguns minutos, que para eles tinham a duração de graves confidências, a linha transmitia essa conversação entre o menino e o peixe. Depois, silêncio, universal silêncio. A linha sossegava lá no fundo, e tudo embaixo eram trevas, solidão, talvez a boca de um peixe enorme que engolia o pequenino confidente (JURANDIR, 1994, p. 8).

Nessa inocente arte, característica de um devir-criança, Alfredo adentra de corpo e mente e, no diálogo entre ele e o peixe, imagina que a linha de pescar transmitia suas conversas, quiçá os segredos, sonhos ou possibilidades de aventuras não só dele, mas do peixinho. Na criatividade e invenção, dois seres que, antes estranhos, são aproximados como amigos confidentes ao ponto de Alfredo ficar completamente envolvido na sua invenção. Talvez, nesse diálogo, Alfredo revelasse ao pequeno peixe seu desejo de estudo e de travessia para o mundo ou talvez admirasse o habitar do peixinho e sua liberdade, nadando de um lado para o outro nas suas infinitas travessias. Alfredo poderia pensar que somente pela água seria possível realizar seu sonho de viagem, uma vez que a água é um elemento que possibilita travessias. Nesse sentido, Alfredo é arremessado para o mundo do peixinho onde a travessia se torna possível.

Para Furtado (2002), Alfredo tem uma relação íntima com o rio de Cachoeira, não só porque esta fazia parte de sua realidade, uma vez que o Chalé ficava às margens do rio, mas principalmente porque ele representa via de saída e de acesso para o mundo. Nesse sentido, a autora destaca que o rio “ganhará maior dimensão à proporção que representa função ambivalente, elemento de separação de Alfredo com o mundo, mas também via de saída para o mundo, de acesso a ele” (FURTADO, 2002, p. 63). Se, do ponto de vista real, a saída de Cachoeira ainda não era possível, na arte de virtualizar, Alfredo cria essa possibilidade e momentaneamente sai de sua triste realidade.

Analisando atentamente o personagem Alfredo em suas experiências de “menino contemplativo”, que artisticamente ver nas situações da vida e nos espaços de Cachoeira uma

fonte de inspiração, percebemos que ele exercitava seu potencial inventivo para recriar seu mundo e furtivamente se deleitar nesse mundo, deitado na ponte do chalé:

Deitou-se de comprido na pontezinha, olhando o fundo da vala. A água descia vagarosamente sobre a lama, arrastando resíduos, uma pena de pássaro, uma asa, pequenos naufragos como formigas, sapinhos, mosquitos acompanhando o curso, folhas, reflexos e vozes de outros países diluídas naquele murmúrio leve, por vezes indistinto. Assim o mundo através daquele leito de vala lhe parecia complicado, com mil e uma fronteiras descomunal, como o desconhecido mundo das cidades, a Ásia, a África. Imaginava por isto, o mundo inteiro visto de cima de uma ponte sobre a lua ou de cima de uma cauda de um cometa (JURANDIR. 1994. p. 77).

Alfredo experimenta sua viagem inventiva deitado numa pequena ponte que ligava o chalé ao aterro e à medida que ele acelera sua arte criativa, a pequena vala toma proporções maiores, chegando inclusive a se tornar grandes continentes como a África e a Ásia. E, se antes da criação ele estava consternado com os problemas vividos, a invenção o levava para longe em um foguete, na cauda de um cometa ou até mesmo na lua, para observar do mais alto o mundo inteiro. Sozinho ou juntamente com a irmãzinha, a ponte do chalé era uma fonte de invenção, que “no faz de conta de Alfredo, eram as ondas vagalhões do mar nunca visto. Ali estavam muitos mares e muitas matas submersas. Transatlânticos e boiunas circulavam nas profundidades e correntezas daquelas águas rasas. Quieta e transparente” (JURANDIR, 1994, p. 12). A ponte do Chalé foi também, em outras ocasiões palco de contemplação, onde Alfredo deitava para contemplar não somente o universo, mas o próprio chalé:

Agora, na pontezinha, Alfredo contemplava o chalé, a estrela frontal, o cenho franzido das quatro janelas, os losangos na barra, feito pelo mestre Candinho. Num luar surpreendeu o rosto do Chalé com os seus quatro olhos fechados sem aquele ar carrancudo. Estava adormecido, porém satisfeito com os seus habitantes (JURANDIR, 1994, p. 76).

Na contemplação de Alfredo, o Chalé ganha corpo e sentimentos humanos, tinha sido um ser sofredor, porque velou duas mortes, Mariinha e Eutanázio, presenciou discussões de Major e D. Amélia, sobretudo pelo vício da mãe, era também nele que os pobres de Cachoeira iam pedir restos de comida, leite, farinha, pedaços de pano. Enfim, de certa forma tinha o contato com os miseráveis, que sofriam de fome e viviam em seu entorno, mas Alfredo transfigura seus sentimentos e na sua contemplação desaparece o ar carrancudo, pois o chalé se torna um ser acolhedor, sereno e contente com os seus habitantes. Se antes o pequeno menino, depois de um passeio nos campos, não suportava voltar para o chalé, agora ele deseja ficar ali, na tranquilidade e beleza com que via a casa.

Insinuamos que, especialmente nessas circunstâncias, Alfredo só transfigura o chalé devido à sua arte contemplativa de criar e recriar mundos. Segundo Nietzsche, a arte de criar e esculpir-se nessa arte, como faz Alfredo, porque adentra na sua invenção, é um ato salvador para os espíritos que sofrem, porque permitem que o homem suporte as náuseas da existência, sobretudo porque, no ato de contemplação, há um envolvimento do homem com ele mesmo, que possibilita o mergulhar num mundo representativo e envolver-se neste mundo:

Aqui, neste supremo perigo da vontade, aproxima-se, qual feiticeira da salvação e da cura, a arte, só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enjoados sobre o horror e o absurdo da existência em representação com as quais é possível viver: são elas o sublime, enquanto domesticação artística do horrível, e o cômico, enquanto descarga artística da náusea do absurdo (NIETZSCHE, 1992, p. 56).

Alfredo é envolvido na própria invenção, ou seja, ele é a própria obra de arte na representação de sua existência, isso fica em destaque quando, por exemplo, o pequeno menino, numa noite em que Major consertou a caixa de filmes e projetou na varanda do Chalé o cineminha, Alfredo adentrou as cenas. Não eram atores que representavam a peça, mas ele mesmo representando, ora num trem, ora num urso de neve viajando pelo mundo com uns meninos, chegando inclusive a ver um colégio que parecia o seu colégio, mas, quando o palhaço de chapéu aparecia com a legenda *good night*, Alfredo ficava triste, porque sabia que não só as portas do cinema iriam se fechar, mas junto com elas as portas do mundo, por onde ele viajava naquela imaginação.

Mal anoiteceu, na varanda fechada e escura, começou a projeção. Alfredo viajava naqueles vidros coloridos, vestindo trajes estranhos, no Tirol ou na Índia, ora num trem, ora montado num urso na neve. Depois uma casa alta, de telhado em bico, em cima de um bosque, com uns meninos na relva. A Alfredo pareceu um colégio, o seu colégio. As estampas sucediam-se, uma a uma, fixas, pedaços de países e de felicidades. Alfredo sofria quando o palhaço, de chapéu estendido, com a legenda escrita *good night* despendia-se, fechando-lhes as portas do mundo. Foi uma noite dedicada ao colégio, aquela noite depois do “cinema”. Alfredo embalava-se, embalava-se (JURANDIR, 1994, p. 14).

Embalando-se na rede e no silêncio de sua imaginação, o pequeno menino dedica aquela noite especialmente ao seu colégio, nesse aspecto, podemos dizer que Alfredo é grandemente criativo, e maior que sua criação é sua inocência. Viver tal como a inocência de uma criança é, para Nietzsche, a forma pela qual o homem pode chegar ao seu reino, ou seja, possuir o domínio de si, de controlar seus impulsos e de conviver com eles. Assim falou em Zaratustra: “sem dúvida: se não vos tornardes como as criancinhas, não entrareis nesse reino

dos céus”. (NIETZSCHE, 2011, p. 300). Podemos aproximar uma leitura do reino dos céus, que Nietzsche se refere ao reino de si, de poder chegar a si procurar e realizar a sua superação, experimentar seus impulsos criativos e conviver com as adversidades da vida, transformando as adversidades em criação e afirmação da vida. Se, antes, Alfredo queria morrer, quando lhe fechavam o caminho do colégio e do mundo, agora ele se embala na imaginação dedicada ao seu colégio. Mas é justamente essa inocente imaginação, para usar a feliz expressão nietzschiana, o “sopro criador”, que lhe permite criar, nesse sentido, o carocinho de tucumã, que era seu grande aliado. Era a ele que Alfredo recorria para criar mundos possíveis, não somente para lhe amenizar sofrimentos, mas para lhe abrir novas e criativas possibilidades de vidas inventadas na relação de magia com o caroço.

Cultivar um espírito de criação é o que faz Alfredo na sua relação com o caroço de tucumã. Nesse processo, Nietzsche destaca o esquecimento como um aspecto fundamental, pois esquecer é algo necessário no espírito de criação, mas também este atributo não pode ser apenas um inibidor de situações, ainda que se quisesse isso, seria impossível, pois o esquecimento de determinada circunstância se faz imprescindível se pensarmos do ponto de vista de que ele é também condição necessária para se desvencilhar do passado opressor e permitir a criação do novo.

O esquecimento de determinadas lembranças inscritas na memória, portanto, é a possibilidade, segundo Nietzsche, de rompimento de fatos que nos fazem sofrer, esquecimento que permite abertura de outras experiências e sensações que a vida oferece, sobretudo daquelas que são capazes de criar o novo e fazer da própria existência uma obra de arte. Sem desqualificar a memória, Nietzsche defende a atividade do esquecimento, principalmente porque é no exercício deste que o homem se desprende de amarras que lhe afetam negativamente, a afirmação da vida, nesse contexto, exige muitas vezes a experiência do esquecimento, de situações que não permitem criação para o novo:

Esquecer não é uma simples *vis inertiais* [força inercial], como creem os superficiais, mas uma força inibidora, ativa, positiva, no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós escolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar “assimilação psíquica”), do que todo o multiforme processo de nossa nutrição corporal ou “assimilação física”. Fechar temporariamente as portas e as janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego da tábua rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) – eis a utilidade do esquecimento, ativo como disse é espécie de guardião da porta, do zelador da ordem

psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento (NIETZSCHE, 1998, p. 47).

Nietzsche ressalta que o exercício do esquecimento não necessariamente é algo que anule permanentemente determinadas situações da memória, longe disso; mas é, sobretudo, um exercício que possibilita o novo e é nesse momento que novas situações surgem, dando lugar, assim, a outras circunstâncias ou, quem sabe, a lembranças prazerosas. A escolha de boas lembranças impede que as ruins ganhem destaque e isso contribui para vontade de afirmação da vida. Alfredo se valia do esquecimento para suportar ou aceitar a vida, como, por exemplo, esquecer para aceitar se aproximar dos moleques sujos da rua.

Foi um dia em que ele e Andreza, sua amiga aventureira, juntaram-se para salvar uma lagoa ameaçada de secar. A menina Andreza, temendo que esta secasse, fez uma grande mobilização, convidou Alfredo e todos moleques da rua para reabastecer a água da lagoa, que sumia rapidamente. Nesse momento, percebemos que um misto de magias e crendices tomava a cena, porque alguns moleques, inclusive Andreza, na tentativa de encontrar um plano, recordavam-se de histórias encantadas, rituais, procurando uma forma para solucionar o problema, uma estratégia para a recuperação da lagoa.

Na insistente batalha dos meninos com aquela ideia, eis que todos reconheceram a incapacidade de permanecer carregando água de outros poços para a lagoa, pois o sol forte fazia a lagoa secar rapidamente. Mesmo sabendo que seria impossível manter a água na lagoa, os meninos continuavam naquele jogo invencível, porém alegres e coniventes naquela batalha. Alfredo também reconheceu a inutilidade daquilo tudo, mas, de certa forma, permaneceu no jogo feliz, porque não se sentia mais solitário, juntava-se àqueles meninos da rua com quem outrora odiava brincar, sentindo-se igual a eles, inclusive na felicidade:

Se o centro, como um coração, mantinha alguma água para onde traziam socorros, o casco rachado e lamacento descobria o esqueleto da lagoa. O coração vazava sempre. Nem todos os poços da redondeza seriam capazes de salvá-lo. E Alfredo sentiu em todo aquele trabalho uma aproximação com os moleques como até então nunca sentira. Estava igual a eles, que compreendiam a inutilidade da luta, mas continuavam ali fiéis, confidentes e companheiros. De certo modo, alegrou-se com isto como se triunfasse sobre Lucíola que os caluniava e talvez lhe permitisse com eles uma melhor maneira de fugir (JURANDIR, 1994, p. 176).

Juntar-se à Andreza e aos moleques da rua nessa missão mostra que Alfredo disse sim à vida, pois entrar num jogo divertido com os amigos, mesmo prevendo a “invalidade” deste jogo, é criar e dizer sim à vida. Se antes ele se achava superior aos moleques da rua,

agora, no jogo da lagoa, Alfredo se junta a eles e se iguala. Isso o deixa feliz, porque aprendeu a construir um sentido ao presente de sua existência, ou seja, enquanto o sonho do colégio não se realiza, Alfredo vê no jogo, na inocência da invenção e na criação uma forma de continuar a existência, e isso ameniza o sofrimento angustiante de viver à espera do seu sonho, da sua viagem, do seu colégio. No jogo com Andreza e os meninos, Alfredo, na inocência, metamorfosea seu espírito para dizer sim à vida. “Inocente é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim”. (NIETZSCHE, 2011, p. 28-29). Alfredo diz sim à vida quando manifesta sua inocente arte criativa, assim como na sua relação com o carocinho de tucumã.

Nesse sentido, podemos dizer que entre ele e o carocinho há uma relação que transpassa os limites de um simples objeto de estimação. O carocinho tinha, para ele, um grande significado que “tomava corpo de gente era uma amiga. Era o corpo da imaginação. Bolinha fiel e rica de imaginação! Ela sugeria tudo, ele achava desde a salvação do Brasil até uma caixa de charutos Palhaços para sua mãe” (JURANDIR, 1991, p. 77). Carocinho que faz companhia, preenche anseios, é amigo confidente, é o brinquedo predileto, o amuleto da sorte e o escudo de vida. Mais que isso, realiza sonhos, desejos, fantasias. Um carocinho completamente mágico, invejado pelas fadas e desconhecido dos meninos do mundo inteiro:

Varinha mágica, varinha de condão que as fadas invejaram. Os meninos do mundo inteiro não conhecem o carocinho de tucumã de Alfredo. As fadas morreram, o encanto vem dos tucumãzeiros da Amazônia. O carocinho tem a magia, sabe dar o universo a Alfredo (JURANDIR, 1991, p. 146).

Para Furtado (2002), era diante dos desconcertos da vida e de acordo com sua puerilidade que Alfredo, na invenção com o carocinho, fazia da sua vida uma vida melhor: “elo entre ele e o maravilhoso, mundo em que as fronteiras são sempre transpostas sem punição e em que a realidade pode ser mudada para melhor sem sofrimentos, [...] e opera mudanças no tempo e na vida” (FURTADO, 2002, p. 45). Podemos dizer que, na sua invenção, Alfredo transformava aquela realidade. Dentre tantas atribuições, “o carocinho tinha o dom do maravilhoso”, (JURANDIR, 1991, p. 144), porque tem uma grande magia e só Alfredo sabia dar sentido a ele: “com um carocinho daqueles imagina tudo, desde o Círio de Nazaré até o Colégio Anglo-Brasileiro” (JURANDIR, 1991, p. 45).

Analisando cada percurso do personagem Alfredo, ressaltamos que o carocinho era criação e invenção do personagem. Alfredo não gostava que ninguém se metesse na sua relação com o caroço de tucumã, aquela invenção era segredo seu. Para agradar a Alfredo, um dia, a pequena Marialba, que sempre ia ao Chalé pedir farinha e leite, levou um caroço

limpinho para Alfredo, mas ele recusou o presente. “Alfredo não gostou porque era segredo a sua história com a bolinha. Jogou fora na presença da menina o carocinho” (JURANDIR, 1991, P. 49). Somente ele poderia dar sentido àquela criação em que artisticamente inventava a vida que desejava:

Alfredo recolhia-se ao jogo do faz de conta tão pegado à sua infância. Era então necessário aquele carocinho na palma da mão, subindo e descendo de onde, magicamente, desenrolava a vida que queria. E tão entretido ficava! Ao olhar depois o chalé, a paisagem em torno, sentia-se como um estranho ou como se estivesse voltado de Muaná numa daquelas viagens a remo em companhia do pai, chegando de madrugada. O chalé lhe aparecia entre o canto dos galos e o orvalho sobre o rio, como renovado e restituído. Não saberia definir bem essa impressão de chegada, a aparição do chalé, gosto de surpreender as pessoas dormindo ou abrir a porta de onde tudo está ainda impreciso, sonolento e tomado de singular expectativa que é talvez o pressentimento da madrugada. Com efeito, o carocinho de tucumã na palma da mão e no ar, era movido por um mecanismo imaginário, por um pajezinho fazendo artes dentro do coco. Consumia oito ou mais carocinhos daqueles para o jogo em que movia a imaginação como um fuso. Não os apanhava das palmeiras cheias de espinhos nem dos frutos no chão, quando caíam de maduros, nem dos paneiros que vinham do Pindobal. Ninguém, antes dele, inventara aquele estilo de faz de conta que não transmitiria a ninguém nem ninguém saberia. E como inventara? Como foi? Indagava a si mesmo, um tanto intrigado com as suas próprias fantasias. E havia particularidades na invenção (JURANDIR, 1994, p. 78).

No jogo do faz de conta, o menino fica horas entretido e tão envolvido está que, ao retornar depois da invenção com o carocinho de tucumã, movido por um mecanismo imaginário de pajelança amazônica, ele tem a sensação de renovação, ou seja, sente-se revigorado para enfrentar novamente as intempéries da vida. Não por acaso, após o faz de conta, ele tem a sensação do estanho, sobretudo, pela impressão de estar retornando às longas viagens que fazia com o pai a remo de Muaná. Quando chegava à casa depois do longo passeio, o chalé parecia um estranho, porém conhecido, que estava ali para mais um recomeço. Analisando esse aspecto, podemos inferir que os efeitos da arte criativa no pequeno menino lhe permitem criar e esquecer. É, sobretudo, um jogo que tem como consequência a criação para o esquecimento ou, simplesmente, o esquecimento para a criação, assim como Alfredo fazia quando desejava Clara.

Clara era uma amiga que levava Alfredo pelos campos para passear e comer frutas. Alfredo gostava dos passeios com Clara lambuzando-se comendo as frutas que encontravam pelos caminhos. Mas, um dia Clara nunca mais apareceu, então, uma noite, Alfredo ouviu a mãe falar a Major, numa conversa, que ressoava misteriosamente pelo quarto do Chalé sobre Clara. D. Amélia não falou expressamente que Clara havia morrido, mas Alfredo como era

esperto e inteligente subentendeu que a menina morrera afogada. Alfredo ouviu a conversa, mas devido ao seu espírito criativo, fez a morte de Clara virar mistério e se valeu do esquecimento da noite em que a mãe falou da morte de Clara, porque preferia aquele mistério dentro do carocinho de tucumã:

Clara ou a morte de Clara tinha de ficar mistério dentro de Alfredo. Ficou dentro do carocinho. Toda a vez que Alfredo desejava uma menina para passear nos campos, ser amiga dele no colégio, ler com ele os livros de viagens, o carocinho fazia Clara da idade do menino e era meia hora de sonho (JURANDIR, 1991, p. 95).

Nesse artifício artístico que ele necessita esquecer para criar, o pequeno menino esquece a morte de Clara e com o carocinho na mão é capaz de trazê-la para passear pelos campos, ser sua amiga no colégio, ler com ele, enfim, ser a companhia de Alfredo. Não podemos esquecer que Alfredo se sentia “irremediavelmente solitário”, mas o carocinho tinha o poder de trazer uma amiga que Alfredo gostasse e que tinha a sua idade e, assim, acabava a solidão que tanto lhe angustiava.

Mas o carocinho tinha o poder de fabulação e trazer muito mais que uma companhia para Alfredo, ele era capaz de mudar sua condição econômica e realizar seu grande desejo de viagem, do colégio. A família de Alfredo era pobre e, apesar da profissão do pai, Major Alberto, secretário da intendência municipal, o pouco que recebia era o suficiente para o sustento da família com comidas, o quilinho de carne que Alfredo pegava todos os dias no mercado, não sendo possível, conforme alegava Major, gastos para despesas extras. D. Amélia até tinha vontade de colocar Alfredo no colégio da cidade, ao contrário do pai, que nem vontade tinha, porém, o carocinho dava as pretensões ao pai, fazia Major pedir dinheiro para o intendente em Belém, isso tudo para realizar o grande desejo de viagem do filho:

E o carocinho de tucumã fez Major escrever uma carta ao intendente pedindo dinheiro, mandando falar nos estudos de Alfredo. E depois Major vai à cozinha e diz:  
— Arruma a minha roupa que vou levar o Alfredo para Belém, Amélia.  
— Mas como? Como? Se Alfredo não tem ainda roupa?  
— Bolas! E é preciso luxo? Para tudo vocês arrumam dificuldades.  
— Sempre o jeito do Major. E toca D. Amélia para o Jorge comprar roupa e mandar tia Violante, às pressas, fazer uns terninhos. Havia de emendar o Tales de Mileto no colégio. Na certa o professor perguntava ao Tales:  
— Qual é a capital de Santa Catarina?  
— E o carocinho de tucumã escapulia da mão, corria pelo chão, se escondia numa toixa de capim. Alfredo descia do sonho, como desorientado, e em vão procurava o carocinho. (JURANDIR, 1991, p. 126).

O carocinho tem tantos poderes que, sem ele, Alfredo sente-se desorientado, como nesse momento que, de tão distraído na invenção, o carocinho liso cai da sua mão, especialmente no momento em que ele iria imitar quem mais detestava – Tales de Mileto. Podemos dizer que Tales de Mileto era uma espécie de adversário de Alfredo no jogo da vida, pois Alfredo sentia certa competição por Tales, tentando ser mais que ele em diversos aspectos. Tales de Mileto era filho de Seu Gomes, o representante da intendência em Cachoeira. Nas festas de Santo em Cachoeira, o pai de Tales colocava muito dinheiro nas bandejas, arrematava os prêmios leiloados; enfim, Tales era o único menino na vila que tinha velocípede. Alfredo admirava as pernas limpas de Tales, tinha “fatos de gala branca, calcinha de casimiras, sapatos de duas cores. Mas não sabe qual é a capital de Santa Catarina e o pai acha que é o menino mais inteligente de Cachoeira!” (JURANDIR, 1991, p. 126).

Mas o pai de Tales tinha condição e desejo de mandar o filho para estudar num colégio na cidade. Seu Gomes vangloriava o filho dizendo para todos que Tales era muito inteligente e que logo embarcaria para um colégio para se tornar doutor. Alfredo sabia que Tales era burro, que tudo não passava de fanfarras do pai lhe enaltecendo. Para Alfredo, Tales não merecia ir para o colégio, mas sabia que sua viagem era inevitável e estava próxima, isso tudo desafiava Alfredo, que queria ser mais que Tales. Mas o seu carocinho mudava a ordem e fazia Alfredo ser melhor. “Alfredo invejou, sonhou, desejou e o seu carocinho macio, liso, na palma da mão sem parar, não abandonou nunca. Sem o carocinho, como imaginar as coisas, como ser mais que Tales de Mileto, como saber viver no faz-de-conta?” (JURANDIR, 1991, P. 148). E, se necessário, Alfredo colocava o carocinho para trabalhar no seu faz de conta:

Alfredo fez a sua bolinha trabalhar com mais ardor e magia durante as festas. Fez Major Alberto dar muitas moedas na bandeja das moças quando vieram tirar esmolas. O pai de Tales deixara na bandeja uma nota de dez mil-réis. A bolinha fez Alfredo ficar crescido e ganhar argolinha na tarde da procissão. Arrematou aquele peru gordo que seu Paiva apregoava, olhando para um e outro, mordendo a ponta do charuto (JURANDIR, 1991, p. 148).

E mais trabalho para o carocinho:

E Alfredo com sua bolinha, ia para debaixo do chalé organizar uma grande indústria pecuária em Marajó, seu pai, grande fazendeiro, pastagens com capim Jaraguá e alfafa, gado inglês e holandês, charqueadas e carnes congeladas saindo para o estrangeiro. Cachoeira tinha manteiga marca Arari e queijo marca Coimbra, leite condensado Marajó, de fama universal. A bolinha sabia criar o “faz-de-conta” (JURANDIR, 1991, P. 107).

Já sabemos que as condições da família de Alfredo não eram das melhores, o que não impedia D. Amélia compartilhar o pouco que tinha com os mais pobres da vila. Mas o fato é que Alfredo percebia as precárias condições econômicas que enfrentava a família, inclusive em determinadas situações as péssimas condições econômicas eram expressas na mesa, como por exemplo, o dia em que Tenor Florentino hospedou-se na casa de Major: “entretanto, na hora do café, faltara manteiga! O tenor ficou compungido. O tenor nunca tinha passado sem manteiga! O carocinho de Alfredo fez aparecer uma lata de manteiga *bretel freres* dos bons tempos do coronel Bernardo, de quem tanto falava Major” (JURANDIR, 1991, p. 108). Alfredo recorreu imediatamente ao seu carocinho, que trouxe a melhor manteiga dos bons tempos em Cachoeira, tempos do Coronel Bernardo.

Mas não era somente manteiga, que o carocinho inventava, ele também “inventava um remédio para febre que não fosse quinino, como já inventou remédios para vermes que não eram mamonas” (JURANDIR, 1991, p. 143). E até mesmo aumentava o quilinho de carne que Alfredo tinha de pegar todos os dias no mercado. Alfredo se aborrecia com essa repetida obrigação, mas o carocinho mudou essa rotina num dia em que Alfredo:

Vira o pai de Tales de Mileto comprar três quilos de carne e ele com o seu quilinho... Vamos, carocinho, leva quatro quilos de carne para o chalé! O carocinho tinha o dom do maravilhoso. Quantas vezes não fez D. Amélia, branca, casada com o Major, cheia de cordões de ouro no pescoço, Alfredo às vezes se aborrecia ou tinha pena que fosse moreno e sua mãe preta. Caçoavam dele porque, mais pequeno, não tomava café para não ficar preto. (JURANDIR. 1991. p. 144).

Se, por vezes, a condição racial de D. Amélia era recebida com preconceito da população, que, conseqüentemente refletia no filho, causando-lhe sofrimentos, o carocinho tinha o maravilhoso dom de transformar D. Amélia, inclusive fazendo-a mais clara, de posição social, casada com Major Alberto e cheia de cordões de ouro no pescoço. Nas fabulações de infância, o pequeno menino se envolvia no faz de conta e, para exercer sua arte criativa, Alfredo tinha o carocinho de tucumã como grande aliado, mas, para que sua arte tomasse forma e beleza, era necessário um componente auxiliar: o silêncio. Era por meio do silêncio que o pequeno menino atingia seu potencial criativo, por isso Alfredo se recolhia ao silêncio sempre que desejava criar:

O menino distraiu-se, silencioso, procurou um caroço de tucumã e logo restaurou a fazenda que passou a ser de propriedade do pai, a mãe curada, ele em Belém. Estaria grande, Andreza grande, o cata-vento voltaria a ranger ao pé do poço. Seu pai teria um observatório astronômico. Aqui por certo as estrelas estariam mais visíveis. O cometa voltaria e passaria em torno dos

pavilhões, rabeando por cima das fruteiras, e os bichos, a gente, o gado de cabeça virada para o cometa, o olhar abismado. Quando o viu jogando o caroço no ar, Lucíola achou pela primeira vez muito engraçada aquela invenção do menino (JURANDIR. 1994. p. 127).

Notamos nessa passagem o grande poder de fabulação de Alfredo. Na sua invenção, o menino organiza seus principais desejos, Major e sua grande fazenda de gados em cachoeira, o que melhoraria as condições da família e de certa forma contribuiria para a viagem e a estabilidade do filho na cidade. D. Amélia, curada do alcoolismo, acabaria com as discussões no chalé e o principal deles, a sua viagem para Belém significava a realização do colégio. No silêncio de sua invenção, outros aspectos são acrescentados para dar mais beleza na sua obra de arte, estaria ele mais crescido e o cata vento de Cachoeira, que há tempos não trabalhava, voltaria a funcionar leve no vento, que batia sobre a vila. Seu pai instalaria um observatório astronômico para contemplar mais de perto as estrelas e os cometas; e Lucíola, que não aprovava sua relação com a bolinha, achava pela primeira vez engraçada aquela invenção do pequeno menino.

É na companhia do carocinho, na invenção, na criação, no silêncio da inocente contemplação que Alfredo se torna uma criança, que Nietzsche diz sofrer a metamorfose do espírito, e quando metamorfoseado no espírito da criança, aprende a andar, correr, voar leve e livre de qualquer “tu deves”. “Aprendi a andar: desde então corro. Aprendi a voar: desde então, não quero ser empurrado para sair do lugar. Agora sou leve, agora voo, agora me vejo abaixo de mim, agora dança um deus através de mim” (NIETZSCHE, 2011 p. 41). Para Nietzsche, o espírito de criança não necessariamente significa a ingenuidade de uma criança, mas, sobretudo, determinados aspectos que são característicos da criança, que permite tornar a vida leve e lúdica.

O esquecimento e a inocência são atributos do espírito inventivo, que Alfredo possui com capricho e virtualidade, sendo assim o menino é capaz de dizer sim à vida e viver de forma unicamente sua dentro do carocinho, dentro de seu mundo. Alfredo não estava livre dos sofrimentos da vida, mas dizia sim à vida por meio da criação, da inocência, do esquecimento, da invenção no poderoso carocinho de tucumã, que nas mãos de Alfredo ganhava inventividade, poder e fabulação.

Dentro do carocinho bem redondo não muito leve nem também pesado, se escondiam todos os poderes do sonho, toda a graça do maravilhoso. Carocinho na palma da mão saltando no ar era toda a vida solitária de Alfredo, lhe tirando as tristezas lhe dando a presença de um colégio onde pudesse apagar a figura do Tales e não ir buscar no mercado o quilinho de carne (JURANDIR. 1991. P. 148).

Quando, por meio da sua arte criativa, Alfredo se torna a inocente criança, ele voa na imaginação, mergulha na invenção, experimenta a criação como uma dança leve e esquece o mundo para criar um mundo novo, especialmente quando Alfredo passeava pelos campos de posse do pequeno carocinho de tucumã. “Alfredo ria, empinando o queixo num ar de menino solicitado e senhor da situação, os dedos bulindo no carocinho dentro do bolso” (JURANDIR, 1994, p. 171). Na companhia do caroço de tucumã, Alfredo experimenta a inocência criativa de uma criança, um eterno dizer sim para a vida e para o mundo: “só o carocinho compreendia todas as coisas e mudava os caminhos do destino, da vida e da morte” (JURANDIR, 1991, p. 147).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos na epígrafe deste trabalho, pela máxima nietzschiana que afirma que o “homem é uma corda”, temos nessa simbologia a imagem do homem como corda atada entre o animal e o super-homem, entre uma extremidade instintiva e outra sensitiva, ele se encontra posto sobre o abismo e para atravessar esse abismo deve equilibrar-se, sem olhar para trás, pois está sujeito a cair. Se parar, perde o equilíbrio; se lançar demais, pode ser arremessado. Em movimento, ele percorre esse caminho tendo de seguir as três instâncias equilibradamente, pois, do contrário, corre o risco de cair na imensidão do abismo. Nessa reflexão nietzschiana, temos, na grandeza do homem, a capacidade de ser ele uma passagem e não um objetivo, pois, de acordo com a perspectiva nietzschiana, o homem não é meta a ser alcançada, mas uma passagem no “vir a ser”.

Este homem, portanto, é passagem entre o animal de rebanho e o super-homem, aquele proposto por Nietzsche a partir de um processo de transmutação e superação. A metamorfose implica justamente no processo que transforma o homem, aquele que vive o peso, mas supera criando e inventando uma nova arte de viver. “Amo aquele que vive para vir a conhecer, e que quer conhecer para que um dia viva o super-homem. E assim quer o seu declínio” (NIETZSCHE, 2011, p. 16). Nessa assertiva nietzschiana, o filósofo nos chama a atenção para a aceitação da vida e do destino, mesmo tendo no passado aspectos cruéis e mesmo que o futuro se apresente incerto. Essa aceitação da vida, tal como ela se apresenta, é designada por Nietzsche como o “*amor fati*” e são virtudes que só um espírito superior é capaz de conquistar. Nesse sentido, analisando as metamorfoses de Alfredo nas narrativas dalcidianas nos questionamos: Alfredo é capaz de aceitar a vida como ela se apresenta? Analisando isso, nas narrativas diversas problemáticas de Alfredo eram superadas, mas isso em si não caracteriza o processo de transmutação que Nietzsche considera para se tornar um super-homem.

No entanto, podemos dizer que Alfredo é afetado por encontros que produzem experiências, que transformam seu espírito, isso nos permite dizer que Alfredo é envolvido pelos três espíritos: ora de suporte, ora de leão, ora de criança. Essa passagem de Alfredo é descrita por Nietzsche como as pontes da existência. Nietzsche, com o seu olhar clínico e crítico para a questão da existência, nos propõe a pensar a vida enquanto passagem e não como meta, mas sim uma travessia. Nesse sentido, o filósofo argumenta que viver em constantes inquietações, requer superações, pois, segundo ele, é isso que eleva o espírito e

conduz a própria existência, uma vez que, para este autor, não há travessias para um mundo transcendente e metafísico, mas há a travessia da existência nesse mundo que se habita e se relaciona. Nesse sentido, a perspectiva filosófica de Nietzsche para a questão da existência implica, sobretudo, pensar a vida enquanto possibilidades de superação e de elevação.

Tendo como suporte esta compreensão Nietzscheana de vida, foi possível aproximar a experiência de vida do personagem Alfredo, que, ao suportar o peso de uma existência permeada de misérias, sofrimentos, conflitos sociais e raciais, é capaz de se equilibrar diante do pulsante desejo de afirmar a vida, principalmente quando Alfredo, por impulsos, se eleva para um espírito desbravador ou inventivo, representados respectivamente nas figuras do leão e da criança. Quando nos propusemos pensar o personagem Alfredo, a partir da perspectiva filosófica de Nietzsche “Das Três Metamorfoses do Espírito”, presente na obra *Assim Falou Zaratustra*, nosso desafio foi, acima de tudo, pensar Alfredo na trajetória de sua existência como travessias de si mesmo.

A vida nos impõe desafios, por isso torna-se pesada demais e como um camelo no deserto é preciso seguir arduamente a longa viagem. Muitas vezes, cansados de nossos fardos, nos rebelamos ao ponto de jogar para o lado qualquer peso, que impedem nosso caminhar livre. Nesses momentos, nos tornamos tão corajosos quanto um leão na selva. Mas não basta ser somente livre, para se tornar livre e leve, é preciso saber inventar, criar mundos em que se viva como criança na inocência e no esquecimento. A esses movimentos da existência, notados no personagem Alfredo, Nietzsche denominou de metamorfoses do espírito, são transformações provocadas por encontros que produzem experiências e transformam nosso modo de ser.

Posto esse primeiro entendimento a respeito do conceito adotado pela pesquisa, o segundo passo do trabalho se concentrou em percorrer pela narrativa de Dalcídio, buscando compreender seus personagens, estabelecendo principalmente uma análise interpretativa nos cenários e trajetos dos encontros e percursos do personagem Alfredo. Nesse sentido, a pesquisa foi executando uma escuta atenta ao que o personagem nos dizia. Por diversas vezes, fomos também levados a uma introspecção psicológica no personagem, visto que Alfredo, como um menino melancólico e contemplativo, nos exigia esse exercício, no intuito de resgatar não só seus objetos de contemplação, mas a arte de inventar a vida e contemplar-se nesta invenção.

Esta escuta ao personagem Alfredo nos permitiu durante esse percurso da pesquisa, uma experiência de isolamento, de renúncias, de incertezas, de superação, de encontros e

desencontros de criação, de invenção, de esquecimento e, sobretudo, de uma inocência arte de viver de Alfredo com o seu carocinho de tucumã. Nessa difícil jornada, existiam momentos que tínhamos Alfredo tão próximo ao ponto de elegermos esse personagem como objeto de análise, uma vez que sua trajetória de vida caracteriza um espírito de suportação. Outros, porém, tornavam este personagem quase que um estranho ao passo dessa pesquisa ir ganhando novos rumos na medida em que avançava.

Conduzimos nosso olhar para Alfredo na tentativa de aproximar ao máximo sua trajetória e a perspectiva nietzschiana das três metamorfoses do espírito. Fomos conduzidos a adentrar outros territórios, analisando Alfredo não como o espírito livre, mas desbravador, afirmando se diante das diversas situações de sua vida, muitas delas inesperadas por ele, como, por exemplo, a morte da irmã, dentre outras. Nesse sentido, comungamos com a filosofia Nietzscheana que considera que a vida humana não é definida com caminhos traçados, destinos definidos, fins a alcançar, metas estabelecidas, como “outrora se *acreditava* em adivinhos e astrólogos: por isso acreditava-se tudo é destino” (NIETZSCHE, 2011, p. 192).

Analisando a trajetória de vida do personagem Alfredo, nos deparamos com aspectos que denotam um espírito de peso no pequeno menino. Dando início nessa análise com o “tu deves”, como a frase que comanda o espírito de suportação, a questão que se colocou foi como pensar a existência dentro de um aparato de obediência, de imposição de regras e valores, de sofrimentos internos que tornam a vida pesada. Nesse sentido, a análise se deteve no personagem Alfredo em momentos que o identificamos enquanto um espírito de peso, carregado de sofrimentos, principalmente em relação à sua condição de pobreza, de solidão, de conflitos raciais, do alcoolismo da mãe, das brigas no Chalé e também da morte da pequena irmã, mostrando, sobretudo, a capacidade de Alfredo em suportar tamanhos pesos.

Foi possível afirmar que Alfredo, em determinadas experiências, pôde ultrapassar as barreiras e sair de sua condição de angústia e sofrimento. A questão racial, que trazia conflitos internos ao pequeno menino, mas que a partir da noite de São Marçal, ele passou a compreender que suas raízes pertenciam à raça negra, inclusive passou a se orgulhar da mãe quando ela, no meio do salão, cantava e batia o tambor, aplaudida pelo público do boi-bumbá. Outra superação diz respeito ao esquecimento da morte de Clara: Alfredo preferiu esquecer a noite em que D. Amélia contou ao Major que a menina havia se afogado. Para Alfredo lembrar Clara, era preciso lembrar-se dos bons passeios nos campos.

Feita essa análise, a investigação se debruçou nos aspectos que indicavam Alfredo enquanto livre e desbravador, tendo o “eu quero” como a frase que impulsiona este espírito. Nessa investigação, nosso olhar se deteve para os aspectos que denotam o espírito de Alfredo ardente para desbravar outros mundos, ainda que fossem mundos dentro da pequena Cachoeira. Acompanhando os seus passos, visualizamos um espírito que se rebela contra a escola, a mãe postiça, os problemas do Chalé, mas que, atento aos relatos e experiências de algumas pessoas como Bibiano, Tenor Florentino e tio Sebastião, o menino se impulsiona para conhecer novos mundos. Porém sua coragem vai além quando ele, revoltado com os problemas que o afligiam, foge para Marinatambalo. Podemos dizer que essa fuga trouxe valentia e coragem para o pequeno menino, assim como a companhia de Andreza, que com ela Alfredo pôde conhecer outros espaços fora da vila, trazendo-lhe grandes experiências.

Ao analisarmos o personagem Alfredo em seus percursos e encontros, acompanhamos as metamorfoses que aconteciam no pequeno menino, inclusive quando ele, desejoso de liberdade, efetua a terceira: seu espírito, cansado do peso da existência ou da necessidade de uma vida leve, recorre ao esquecimento, à criação e à invenção de uma vida doce e leve, que, muitas vezes, era realizada dentro do carocinho de tucumã. Nesse sentido, Alfredo, no esquecimento e na invenção, dá voz e vez ao espírito da inocência representado na figura da criança. Nesses momentos, foi possível acompanhar experiências de fabulação, que traziam prazer e leveza à vida de Alfredo, sobretudo porque, na contemplação, no esquecimento, na inocência e na invenção, Alfredo criava uma nova arte de viver.

Tais considerações sobre a vida de Alfredo ainda nos permitiram uma análise para relacionar a experiência de vida de Alfredo na perspectiva filosófica de Nietzsche das três metamorfoses com a educação dos tempos atuais. Nesse contexto, a abordagem da pesquisa nos leva a indagar, através de Nietzsche e Dalcídio, como pensar a educação e seus processos de ensino, que libertem os sujeitos da opressão, das condições de subordinações e de injustiça? Como pensar a educação e seus processos de ensino, que incitem a arte da criação e invenção, levando os sujeitos a se metamorfosear por meio desta educação. E, principalmente, como pensar a educação não como meta, mas como arte de viver. É fato que os desafios são enormes, porque vivenciamos uma educação que visa atender aos interesses do Estado, cuja utilidade é apregoada nas grades curriculares das instituições escolares. Desafiadora, porque em tempos atuais as próprias metas são utilizadas como estímulo ao estudo. Mas podemos dizer que este trabalho é um convite a pensar sobre a educação que vivenciamos e de que

modo podemos germinar nas palavras de Costa e Cardoso (2015) as sementes de uma educação como invenção.

Com Alfredo foi possível refletir também a educação a qual vivenciamos hoje dentro da perspectiva de suportaçãõ segundo a filosofia nietzschiana. Pensar a própria educação a qual experimentamos hoje nos leva a acreditar que também padecemos assim como Alfredo padecia, naqueles bancos duros, nas tarefas repetidas, na violenta ameaça da palmatória, que se refletia no desânimo de ir para a escola. Padecemos também de uma educação que nos leva pelas ásperas planícies e que cada vez mais se assemelha ao pesado fardo de regras impostas, nos tornando sujeitos aprisionados nas regras das instituições, num espírito de obediência e do próprio desconhecimento de nossas próprias potencialidades.

Nas análises das obras, é possível verificar que também nós vivenciamos uma educação que não é capaz de mudar o rumo das coisas, assim como ressaltavam os personagens de Dalcídio. A educação da escola do seu Proença, da tabuada, da palmatória, daqueles bancos duros, também se estende à nossa atualidade, uma educação do “tu deves”. Nesse sentido, ainda podemos observar que aprendemos com a mesma indiferença e obediência de Alfredo. O espírito de suportaçãõ, que levava Alfredo todos os dias à escola de seu Proença, ainda é visto nos tempos atuais.

A falta de interesse demonstrada por Alfredo estava relacionada à falta de um aprendizado que falasse sobre a vida do pequeno menino. Uma educação que estivesse contextualizada com a própria vida era o grande desejo do nosso personagem. Essa falta de contextualização entre o que é ensinado na escola e a realidade humana ainda pode ser apontada como a barreira que afasta o conhecimento escolar da vida do aluno. A experiência de Alfredo com a educação nos revela que ela ainda hoje continua sendo uma prática de ensino desarticulada com a nossa vida e com as nossas realidades. Pelas inquietações e provocações de Dalcídio, é possível pensar outros caminhos para a educação. Novos rumos educacionais em que seja levado em consideração aquilo que nos passa, nos acontece, nos toca. Alfredo almejava esse tipo de educação, uma educação que possibilite a reflexão de problemas, não aquela da dureza dos bancos de seu Proença, da professorinha de Portugal. Alfredo, no seu recolhimento e reflexão, pôde compreender muitos problemas seus.

Através da pesquisa, foi possível caminhar com o conceito de metamorfoses do espírito livre, que, na simbologia do leão, representa aquele que é forte, resistente, corajoso, destemido e com essa força dominadora quer conquistar o mundo. Na trajetória do espírito livre, fomos conduzidos pela coragem e pela avidez de Alfredo que desejava desbravar o

mundo em busca de uma educação prazerosa, leve e criativa. Encorajado por esse espírito, somos levados juntamente com o personagem de Dalcídio a pensar situações educacionais que também nos possibilitem uma mudança de vida e, sobretudo, de libertação, que nos permitam pensar assim como Dalcídio.

Pensar num processo de transformação do espírito descrito por Nietzsche e caminhar na companhia de Alfredo nos possibilitou pensar, assim como este personagem, uma educação capaz de romper com estratificações sociais, romper com o sistema doutrinário de ensinamentos e, principalmente, uma educação que liberte o pensar e possibilite a criação de novas formas de se educar. Essa transformação é capaz de nos colocar diante das feridas de Alfredo para que possamos, a exemplo do personagem, padecer com suas dores e sermos capazes de lançar um olhar sensível sobre a nossa realidade e denunciar a miséria social em que estamos inseridos. Uma educação que seja capaz de educar nossos olhos e nos proporcionar coragem a denunciar a miséria, o preconceito, a injustiça entre outros problemas sociais. Mesmo mergulhado em todos os indícios de sofrimento, este personagem nos revela que é preciso transformar esses sentimentos em potência de vida, em criação, invenção, superação de espírito. Esse duplo movimento do caminhar com Dalcídio e metamorfosear com Nietzsche talvez tenha sido o maior desafio da pesquisa, pois, a todo instante, era preciso reafirmar a ideia de que o padecimento de Alfredo poderia ser visto em algumas passagens como potencialidade de vida através das metamorfoses do espírito.

No decorrer da pesquisa nos deparamos, portanto, com o espírito inventivo, que afirma “eu invento e esqueço”, que, na filosofia, Nietzsche refere-se à analogia da criança. No espírito da criação, é possível também pensar uma educação proposta pelo nosso personagem, que oferece uma rica capacidade de invenção, sobretudo, quando este personagem nos coloca diante do seu pequeno carocinho de tucumã, ou seja, pensar uma educação como invenção. Pensar uma educação que assim como Alfredo requer levar em consideração a inocência e deixar de lado as regras e os valores que aprisionam os alunos nos bancos duros, bem como nas regras impostas. A educação pensada através do personagem Alfredo nos coloca, acima de tudo, considerar a arte como grande aliada, capaz de possibilitar ao sujeito a criação de novos valores. A característica mais evidente do pequeno menino, nas situações do dia a dia era a capacidade de possibilitar asas à sua imaginação. Ele cria e inventa mundos em fantasias capazes de lhe transportar para a outra realidade desejada por ele.

O diálogo entre as obras de Dalcídio e Nietzsche nos possibilitou, além da experiência, de leitura uma experiência de vida, pois a narrativa do autor paraense é muito

próxima da nossa realidade pessoal e existencial. Enveredar pela trajetória de Alfredo é, em muitos momentos, deparar-se com a nossa própria trajetória educacional enquanto ribeirinhos em busca de uma mudança de espírito através da educação. Pensar uma obra literária em conformidade com a concepção filosófica nietzschiana é, acima de tudo, viver uma experiência de percurso que nos atravessa para além desta pesquisa, uma experiência capaz de nos transformar.

Esta experiência de transformação foi proposta, primeiramente, pela própria concepção de espírito a qual o autor escolhido nesta pesquisa nos propõe. A compreensão de espírito em Nietzsche está intimamente ligada ao nosso próprio ato de pensar, refletir a nossa própria condição humana que resulta no autoconhecimento. Pensar a trajetória de Alfredo dentro de seus dramas e tramas existenciais é, muitas vezes, pensar a nossa própria condição enquanto ribeirinho, imprensados numa realidade privada de direitos e de condições mínimas de uma vida digna. Pensar a obra de Dalcídio em diálogo com o pensamento Nietzschiano é se permitir viajar na imaginação do pequeno Alfredo, nos confrontando com seus questionamentos fortes.

Compreendemos que, por meio do personagem de Dalcídio, é possível clarificar a própria vida através do ato de pensar. Pensá-la por meio da experiência de Alfredo é retornar à própria infância para refletir passagens da narrativa que nos mostram cenas da realidade de muitos ribeirinhos no interior da Amazônia. Esta reflexão nos permite traçar um percurso através seus anseios, experiências, aspirações em busca de tentar compreendê-lo a partir das forças que mobilizam seu pensar na infância como uma arte de metamorfosear seu próprio “eu”, ou seja, tomar para si a possibilidade de se reinventar. Buscar entender os questionamentos que Alfredo nos lança, nos possibilitou construir um novo olhar sobre o personagem, além daquele que outras pesquisas já haviam apontado. Nesta análise, nós procuramos pontuar não somente os problemas sociais, raciais e existenciais que este personagem sofre, mas, sobretudo, indicar de que forma ele potencializa seus desejos, fraquezas, dores e fantasias em transformação criativa capaz de afirmar a vida.

A arte inventiva de Dalcídio não pode ser lida de forma contemplativa, assim também como a leitura que não nos permite sossego, que nos permite problematizar a própria existência. O desassossego, as inquietações são características recorrentes nessas passagens lidas e interpretadas na pesquisa. Nesse sentido, o personagem Alfredo, em seu percurso, e o conceito colocado nos fez compreender uma nova concepção de vida a partir dos pressupostos de Nietzsche. Diante desta invenção, os autores aqui nos desafiam a pensar a vida,

especialmente por meio de um personagem emblemático, que nos causa intranquilidade, mas também, nessa perspectiva analisada, nos oferecem possibilidades de mudanças, de travessias capazes de nos transformar como sujeitos.

Nesse sentido, ressaltamos que, após o período de pesquisa, nos sentimos também arremessados, inquietos, aflitos diante de uma análise que nos provocou desassossego, mas ao embarcar na arte inventiva de Dalcídio e nas infinitas inquietações lançadas por Nietzsche, podemos dizer que fomos afetados por essa experiência. Nesse contexto, comungamos da ideia nietzschiana de que espírito é a vida que corta a própria vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, Kleverton. “A vida como ela é...”. Crítica e clinica em Nietzsche. Cadernos Nietzsche 1, p. 33-52, 1996.

COSTA, Gilcilene Dias da. CARDOSO, Roseli Moraes. **Uma educação como Invenção em Dalcídio Jurandir**: A literatura como convite ao pensar/filosofar. PPGED/PPGEDUC UFPA. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 outubro de 2015.

COSTA, Gilcilene Dias. **Labirintos do Filosofar/pesquisar com Nietzsche-Deleuze**. Faculdade de Educação UNICAMP. www.fe. Unicamp.br. 2014.

DIAS, Maria R. **Arte e vida no pensamento de Nietzsche**. Cad. Nietzsche, São Paulo, vol. 36 n. 1, p. 227-244, 2016.

FARIAS, Fernando Jorge Santos. **Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir**: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar. Universidade do Estado do Pará. Centro de Ciências Sociais e Educação Programa de Pós-Graduação *Scripto Sensu* em Educação e Mestrado. Belém-Pá. 2009.

FORTES, Isabel. **O Sofrimento como Travessia**: Nietzsche e a Psicanálise. Ver. EPOS; Rio de Janeiro – RJ, vol. 5 n° pg 99-111. 1 Jan-Jun de 2014.

FURTADO, Marli T. **Os heróis decadentes de Graciliano Ramos e de Dalcídio Jurandir no romance de 30**. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Multietárias– literatura e ensino*. Belém: EDUFPA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. - - Campinas, SP: [sn], 2002.

\_\_\_\_\_. **Alguns aspectos narrativos de Três Casas e um Rio, de Dalcídio Jurandir**. Universidade Federal do Pará. Ver. Mora. Belém n.27. p.186-215. Jan/jun, 2007.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Ed. Crítica, org. Rosa Assis. Belém: UNAMA 1991.

\_\_\_\_\_. **Três casas e um Rio**. 3. Ed. Belém CEJUP, 1994.

KUSKOSKI, Matheus Soares. **O animal de rebanho em Nietzsche e o homem de massa em Arent**: paralelos e influencias. Cadernos de ética e filosofia política. pp. 139-155. 19, 2/2011.

LEAL, Augusto Pinheiro. **Gladiadores de Escassas Musculaturas**: sociabilidade, literatura e responsabilidade intelectual – Belém: IAP, 2014. 198 p.

LEAL, Marcilene Pinheiro. **Identidade e Hibridismo em Dalcídio Jurandir**. A formação identitária de Alfredo, em *Três Casas e um Rio*. Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e comunicação Curso de Mestrado em Letras Estudos Literários. Belém 2008.

MACHADO, Bruno Martins. Notas sobre a Dinâmica sobre os Impulsos em Nietzsche. Universidade Estadual de Campinas. *Interação em Psicologia*, 14 (1), p. 123-130, 2010.

MOISÉS, Massuad. O modernismo. Col. A literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica**; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia, ou helenismo e pessimismo**. Tradução Notas e Posfácio J. Guinsburg – São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém / Friedrich Nietzsche. Traduções, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. São Paulo: companhia das Letras. 2011.

\_\_\_\_\_. **Humano, Demasiado Humano**: Um livro para espíritos livres/ Friedrich Nietzsche. Traduções, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza - São Paulo: companhia das Letras. 2000.

PAES, Carolina Casarin. BERBEL, Marco Antônio Facione. **O Apolíneo e o Dionisíaco no Pensamento de Nietzsche**. [www.dialogosliterarios.wordpress.com](http://www.dialogosliterarios.wordpress.com). 2013.

PANTOJA, Edilson. **O “Extremo-Norte”**: finitude e niilismo em Dalcídio Jurandir. 137 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2006.

PIMENTEL, Danieli dos Santos, FARES, Josebel Akel. **“Cartografias Poéticas e Outros Imaginários em Literatura Oral”**. Universidade federal de Santa Maria de 18-19 de novembro de 2011.

PRADO, Rafael Lovisi. Intercessões entre literatura e filosofia segundo Deleuze e Guattari. [www.periodicos.letras.ufmg.br](http://www.periodicos.letras.ufmg.br). 2014. Dossiês acessado em 08/06/2017.

TARZIA, Milena. **Nietzsche e a Crítica da Lógica**: entre o sonho e a embriaguez. *Theoria – Revista eletrônica de filosofia* Vol. 03 – Numero 07- ano 2011.

TORRES, Breno Machado. FURTADO, Marli Tereza. **O Reino de Marinatambalo**: Um conto de Fadas em Três Casas e um Rio, de Dalcídio Jurandir. Universidade Federal do Pará. 2015.

VEIIRA, Mauro Rogério de Almeida. **Nietzsche e a modernidade**: da crítica à metafísica a crítica à democracia. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Centro de ciências humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em filosofia, Natal 2012.

YUNE, Eliana. BINGEMER, Maria Clara L. Org. Murilo Cecília e Drummond. **100 anos com Deus na poesia Brasileira**. Editora Loyola. São Paulo, 2004.